

O COLAR DA ÍNDIA

Romance Mediúnico

Luiz Carlos Carneiro

LAKE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

PREFÁCIO

Os personagens deste romance de Luiz Carlos Carneiro situam-se no século XVII (primeira metade), durante a invasão holandesa, na Bahia. Uma outra feição reveste as ocorrências daquela fase histórica, realçando as nuances psicológicas dos seus principais elementos humanos, indo, assim, de encontro, muitas vezes, ao que nos contam hoje os documentos oficiais.

Satisfazendo à nossa curiosidade sobre sua fonte de inspiração, para escrever tão fascinante narrativa, confiou-nos o escritor ter sido procurado, na madrugada de 9 de maio de 1967, em sua residência, por uma entidade que se intitulou “Amigo Espiritual”, levando-o, segundo declarou, a um passeio. Luiz Carlos o chama de “O Encapuçado” e descreve-o: “Veste-se de branco, roupa bem folgada, com enormes mangas, das quais emergem mãos alvas e compridas. Um capuz encobre quase toda a cabeça, deixando apenas à mostra, o rosto oval e franco. Seu sorriso é jovial, terno, certificando-nos tratar-se de uma criatura pura, superior, dessas que infundem confiança ao primeiro olhar.”

Projetou-se, consciente, além da matéria perecível e o acompanhou. Regozijava-se, a flutuar, leve, diáfano, feliz. Mas, deixemos que o escritor, com suas próprias palavras, nos relate o que foi esse maravilhoso jornadaear pelo astral:

“Em determinado momento, disse-me a estranha figura:

— Olhe para baixo!

Olhei e vi, deslumbrado, o mar. O mar que se atirava em ondas de nívea espuma, mansamente, sobre uma praia imensa, de areias tão alvas que se confundiam à brancura das cristas das ondas espumantes. Além, a mata virgem, verde, entremeada de cores diversas. Tive a impressão de estar assistindo a um filme colorido, em gigantesca tela. Continuávamos, progredindo, até que um monte chamou-me a atenção. Parecia-me conhecê-lo. Perto dele, uma formosa e pequena baía formava-se. AU, o mar, sem a cumplicidade dos ventos, mantinha-se sereno, sem ondas. Matutava para lembrar-me o nome do monte, quando “O Encapuçado” observou, sorrindo, como sempre:

— Monte Pascoal, o primeiro marco da descoberta de sua Pátria.

— Conheço-o de fotografia, apenas. Nunca estive aqui.

- *Tem certeza?*
- *Mas, claro que tenho . . .*
- *Que sabe você, afinal, de seu passado, meu amigo?*
- *Confesso que quase nada.*
- *Está vendo aquela aldeia?*

Na direção apontada, vi enorme aldeamento. Cabanas cobertas de palha, com paredes do mesmo material. Conteí umas vinte e tantas, dispostas em círculo e, protegendo-as, enorme paliçada de troncos de árvores. Todavia, deserta. Intrigado, voltei-me para “Ele”.

- *Sabe, por acaso, em que ano estamos?*
- *1967, naturalmente, mês de maio.*
- *Engana-se. Estamos, precisamente, a 28 de janeiro de 1624.*
- *Mil seiscentos e o quê? Quase gritei, surpreso. É uma brincadeira?*
- *Pensa assim? Pois bem, olhe.*

Voltei minha atenção para a aldeia. Que diferença! Agora, tudo era movimento. Homens e mulheres cruzavam-se, carregando uns, enormes vasos de barro nos ombros, outros fortificando ou consertando a paliçada; mulheres trabalhando em um enorme pilão, feito de tronco de árvore; meninos e meninas correndo de um para outro lado. A um canto, um fogão tosco aceso, cozinhava enorme veado. Guerreiros treinavam luta corpo a corpo, enquanto outros fabricavam flechas, ou consertavam suas cabanas. Eu via, mas não acreditava, totalmente.

- *Venha, quero apresentar-lhe a alguém.*

Logo, senti sob os pés o chão duro do interior da aldeia. Senti medo. Aqueles seres agrestes, aqueles hércules vermelhos poderiam me ver e, quem sabe, não me escolheriam como prato principal...

- *Eles não o estão vendo, meu amigo. Tenha calma.*

Penetramos numa cabana. Em uma rede de palha trançada, amarrada em dois grossos caibros, uma índia dormia. Deitada de costas, tinha o braço direito por baixo da cabeça, cujos cabelos negros como a noite mais escura, dividiam-se, esparramando-se, metade para fora da rede e a outra semi-ocultando os seios que se entreviam, medrosos. Dormia um sono calmo, fazendo, sua respiração, oscilar o colo aveludado. Na cintura, pouco abaixo do umbigo, uma tanga de penas alvas, possivelmente de garça, cobria-lhe o sexo. Como era bonita aquela jovem índia! Fiquei parado, estático, diante da rede, temendo até respirar, para não acordá-la.

- *Conhece-a? Perguntou-me “Ele”, mirando-me, estranho.*
- *Não. Respondi, certo de que, em realidade, não a conhecia. Muito menos caso fosse verdade que estávamos no ano de 1624!*
- *Olhe direito. Pode aproximar-se mais.*

Acerquei-me, examinando-a, detidamente. E, reconheci, ou melhor, algo me fez pensar que sim. Virei-me para “Ele” e ia dizer:

— *Te...*

— *Não — interrompeu-me, com o seu imutável sorriso.*

— *...?!*

— *Tahira!*

— *Tabira! Repeti, mecanicamente.*

— *Prepare-se para escrever, meu amigo. Adianto-lhe, será uma história muito linda. E que essa lembrança de um seu passado remoto, sirva-lhe de lição num futuro bem próximo. Vamos!”*

Poucos dias após essa revelação extraordinária, passou o escritor a recordar uma existência pretérita, resumida nesta bela e comovente página de uma vida, situada no grande livro das reencarnações.

“O Colar da Índia” é para ser lido pelos corações amantes, principalmente. Também não deve ser olvidado por aqueles que desconhecem em suas almas a sensação sublime do sentimento máximo, que deve presidir a todos os demais — o Amor. Não é privilégio de uns poucos senti-lo, todos o podem acolher em seu íntimo, aquecendo seus espíritos com o seu calor santificante. Não existe um ser na Criação que não possua, em algum lugar, alguém que o espera para amar. Todos temos nossa alma “gêmea” aqui, no campo terreno ou na espiritualidade, a nos aguardar a complementação.

A esperança é a virtude primordial que se deixa entrever, viçosa, nas entrelinhas deste encantador relato. Sim, esperança para as criaturas que na Terra, por provação, têm de perlustrar os caminhos da vida, em solidão, sem o afago de um coração afim. Que elas não desesperem. Que não se sintam desiludidas, ou inferiorizadas perante as demais que ostentam, ao lado, uma companhia, em forma de cônjuge ou amante. Nem sempre são almas afins, oriundas da mesma essência — o clima de suporte mútua preside o intercâmbio doméstico, quando há compreensão das causas espirituais que regem as relações humanas. Quando não, o caos, a dissolução de vínculos sagrados é o seu saldo melancólico.

Para todos, contudo, além, há sempre o Amor puro e santo na expectativa, para um dia, palmilharem juntos os caminhos da redenção eterna.

Bahia, 11 de agosto de 1967 THEREZA LIMA DE JESUS

ADENDO DOUTRINÁRIO

Inaugurando uma nova fase da literatura espírita — a indígenista —, “O Colar da Índia” vem contribuir não só para esclarecer o leitor quanto às variadas possibilidades de que dispõe um espírito endividado para resgatar seus débitos numa nova encarnação, mas também revelar dados importantes da História do Brasil.

“O Colar da Índia” demonstra como foi prepotente a colonização brasileira pelos portugueses, que não respeitaram o indígena como o único e verdadeiro dono das terras recém-descobertas, assim como não reconheceram seu direito inalienável de manter suas tradições e costumes, vivendo de acordo com seu meio-ambiente. O português chegou, instalou-se e destruiu, pouco a pouco, tudo de mais puro e natural que havia nesta terra. Corrompeu o nativo, tomou suas riquezas e — o que talvez tenha sido o pior — catequizou-o. Com a catequese, que neste livro está evidenciada como uma violência contra as crenças indígenas, o nativo nem se tornou “civilizado”, porque o preconceito contra ele era muito grande (e ainda é...), nem conseguiu mais ser índio, de fato e de direito. Foi um processo lento e gradual de depauperação dos indígenas, que prosseguiu até os dias de hoje, quando uma ínfima parcela de nativos ainda lutam, em Brasília, por pequenos direitos.

O leitor de “O Colar da Índia” deve prestar especial atenção à tradição indígena que

permitia ao homem ter um relacionamento com o Plano Espiritual sem grande estardalhaço. Todos o tinham e respeitavam aquelas manifestações, avisos e visões. Essa saudável intimidade foi também sufocada pelos padres, à guisa de “impedir” que o índios se tornassem presas do demônio. “O Colar da Índia” revela, ainda, nuances da Doutrina dos Espíritos muito ricas.

A reencarnação numa comunidade primitiva

Para melhor compreender todo o processo que regia a encarnação dos espíritos na época posterior ao descobrimento do Brasil — abrangida por este romance — o leitor deve pesquisar os livros da Codificação, de Allan Kardec, principalmente “O Livro dos Espíritos”, Capítulo IV, pg. 291/292 sobre Lei de Reprodução, item II, “Sucessão e Aperfeiçoamento das Raças”, que bem explica: o espírito mais adiantado pode reencarnar numa comunidade primitiva para, sofrendo as privações dos confortos da tecnologia, aprender a dar valor às coisas mais naturais e espirituais. As facilidades da civilização, do dinheiro, do materialismo, são uma dura prova para os espíritos que se deixam levar por esses artifícios. Isso também é muito bem demonstrado neste livro.

Além disso, o leitor deve recorrer novamente ao “O Livro dos Espíritos”, Capítulo VIII, pg. 200, sobre Emancipação da Alma, item I, “O Sono e os Sonhos”, para compreender o que se passa com Japi e Tabira quando, em sonho, prevêem seus futuros. São presságios dados pelo Plano Espiritual para alertá-los das futuras dificuldades visando, com isso, tentar ajudá-los a não voltarem a cometer os mesmos erros do passado.

Quanto às informações dadas pelo Alferes sobre o Espiritismo, convém lembrar que naquela época a Doutrina Espírita ainda não havia sido codificada e os espíritos através de Mariazinha, a médium, davam explicações grosseiras, compreensíveis para o grau de adiantamento espiritual daquele povo. Quem quiser checar as informações ou ampliá-las pode recorrer ao Livro dos Espíritos e Livro dos Médiuns, principalmente ao Capítulo VII do primeiro, sobre “O Retorno à vida corporal” e à Segunda Parte do segundo, sobre “Como se dão as manifestações espirituais através dos médiuns”.

Uma fato muito marcante do livro é a intervenção de Tabira para evitar que Japi se suicide, acumulando assim maiores débitos. Sobre essa questão, o leitor deve se remeter ao Livro dos Espíritos, Capítulo IX, pg. 238, sobre “Intervenção dos espíritos no mundo corpóreo”, item VII, “Influência dos espíritos sobre os acontecimentos da vida”, que lhe trará os esclarecimentos necessários.

De resto, nunca é demais ressaltar que o estudo das obras de Allan Kardec dão ao leitor as informações sucintas para uma filosofia de vida mais rica e límpida, fornecendo a base imprescindível para a reforma íntima que todos buscam.

A EDITORA

Luiz Carlos Carneiro

I A natureza como testemunha

Crepúsculo. No horizonte, o sol expedia seus últimos clarões, mergulhando, mansamente, no mar imenso. Ao observador que, por acaso, postado na praia, estivesse assistindo ao seu ocaso, parecia estar fazendo ingentes esforços para continuar enviando seus já fracos e frios raios, na tentativa inútil de permanecer iluminando aquela parte do planeta...

O manto negro da noite, no entanto, já começara a se estender sobre a mata.

O mar, porém, refletia, ainda, os derradeiros traços luminosos do grande astro, que emprestavam às suas águas uma coloração avermelhada. No céu, ainda não totalmente escuro, estrelas surgiam, medrosas, brilhando, frouxamente, esmaecidas pela claridade agonizante e teimosa de seu irmão maior.

Por fim, desistindo de lutar, eis que se esconde, na curvatura da terra, o Astro Rei. E, ao

expectador, nada mais é dado ver, senão a momentânea marca de sua passagem, em forma de majestoso fulgor escarlate, como se corasse de vergonha por ter sido vencido pela noite. Era aquele o extremo esforço, a tentativa vã de continuar reinando, já que a obscuridade começava a varrer inexoravelmente, os resquícios daquele lance, enxotando, decididamente, seus últimos raios. Era ela, a noite, rainha absoluta, vencedora incontestada, da batalha. De um lado, o rei deposto. De outro, airoso, surgia a lua, a deusa Selene, para reinar também. Parecia escarnecer ante a derrocada do deus Hélios, que se afastava vencido, em sua biga de ouro.

Já, agora, brilhavam as estrelas, em todo seu esplendor, parecendo coroar com cintilante diadema a fronte altiva e vencedora da rainha noite. O mar recebia também as suas dádivas, em forma de claridade carinhosa e prateada da lua, dando a impressão de que cardumes de peixes de prata saltitavam alegremente. Espreguiçava-se em ondas que corriam céleres pela praia de areias alvas, fazendo murmurar, docemente, os seixos e conchas que conduzia.

De ruídos, a selva começou a se povoar. Ao longe, trazido pela brisa fresca, ouvia-se o ganido dorido de um cão selvagem — certamente olhando apaixonado para a lua, sua namorada inatingível. Corujas deixando os ninhos à procura de alimento, vojavam, soltando, vez por outra, seu pio agourento. Vindo de mais longe, nas asas do vento, do coração virgem da mata, o urro do jaguar, chamando a companheira. O coaxar dos sapos em alguma lagoa, saudando o luar. Dos pirilampos, as luzes intermitentes iluminavam a escuridão da mata, qual visão fantasmagórica.

Aqueles mil barulhos combinados com os das ondas do mar lambendo as areias, formavam uma estranha sinfonia. Perfumes variados impregnavam o ar. O cheiro característico do mato misturava-se aos das flores silvestres. Era a noite misteriosa da floresta. Já agora, qual imenso balão luminoso, a lua brilhava, suspensa diretamente sobre a mata, banhando de prata os galhos e a folhagem das árvores mais altas, cujas folhas, balançando ao vento, mais pareciam pingentes prateados, espalhados por diversos lustres, naquele salão imenso do Criador.

II O encontro da decisão

Uma pequena embarcação, avançava decidida, seguiu a linha alva da praia. Remadas rítmicas e vigorosas a impeliam, silenciosamente, pelas águas calmas e faiscantes do mar. Do remo, levantado momentaneamente, no decorrer das remadas, escorriam gotas que mais pareciam lágrimas de prata. Era uma canoa índia, uma piroga frágil. Manobrada, agilmente, ei-la que muda de rumo, tomando a direção certa da praia, onde, em breve roça delicadamente o casco na areia. Depondo o remo no fundo da piroga, salta, lépido, em terra firme, o remador. Olha, por instantes, para os lados. Depois, curvando-se, segura com ambas as mãos a canoa, que, aliviada de seu peso, balança, docemente, ao sabor das ondas mansas. Ajudado por uma delas, puxa-a para cima, até que seus pés tocam a areia seca. Toma a curvar-se e procura, num ápice, algo em seu interior. Por fim, de posse do que buscava, volta à posição normal e afasta-se em direção à boca da mata.

Seus pés imprimem, suavemente, na areia fina, a sua marca. Caminha ereto, decidido, demonstrando ser conhecedor daquelas paragens. Atinge a mata e nela penetra. Com um dos braços, afasta os galhos que teimam em querer impedir a sua passagem. Adiante, é o toco do que fora antes uma árvore altaneira, que o obriga a saltar, ágil. Aves noturnas assustam-se à sua marcha e esvoaçam, barulhentas. A serpente que desce, manhosamente, de um tronco esguio, pára e deixa passar o estranho personagem. O luar, infiltrando-se pela ramaria extensa, ilumina, com uma luz bruxuleante, o caminho seguido pelo invasor da floresta. Ei-lo, agora, que pára. Examina, cuidadosamente, as cercanias, aguçando os olhos de lince, procurando varar a escuridão dos lugares em que a luz da lua não alcança. Cautelosamente, e

rápido, busca o abrigo de uma grossa árvore. Agacha-se. Leva aos lábios o objeto que retirou da canoa. Levanta a cabeça. Seu peito enche-se de ar, e de repente contrai-se, transferindo-o todo para o objeto que deixa escapar um som, dorido como um gemido, que vai juntar-se aos muitos ruídos misteriosos da noite. Ficou, por momentos, silenciosos, observando, atento. À sua frente, a mata cerrada rareava, formando um corredor que separava ao meio, horizontalmente, a floresta. Afigurava-se um rio que perdera suas águas, substituindo-as pelo capim sedoso e verde e por flores silvestres de cores variadas, cujo perfume se evolava, acariciante. Do outro lado, novamente, levantava-se a vegetação, dando prosseguimento à mata interrompida.

Mais uma vez, o som plangente se fez ouvir, oriundo do esquisito instrumento. Uma coruja, pousada no alto da árvore que abrigava o enigmático personagem, assustou-se e, medrosa, partiu em vôo rápido, piando lugubrememente. Os barulhos da mataria quedaram-se mudos, por um momento, como que respeitando o som pouco comum emitido por aquele ser agachado ao abrigo da grande árvore. Logo depois, porém, pouco a pouco foram voltando, até atingir seu ritmo normal.

Subitamente, eis que se agita o remador. Cola-se mais ao tronco e se põe em atitude de expectativa. É que vira mexer-se, na outra margem da selva, a folhagem espessa. Levanta-se ao divisar duas mãos que emergiam entre as folhas, afastando-as, energicamente, dando passagem a um vulto pequeno, que pára, observando acuradamente para, em seguida, com determinação, marchar direto ao corredor, esmagando com os pés ágeis o capim e as flores perfumadas. No lugar exato que dividia ao meio o rio e a vegetação rasteira, pára. Agora o luar incidia, diretamente, sobre sua cabeça, já que havia completa ausência de árvores, cujos galhos e folhas impedissem a sua passagem. O remador deixou seu abrigo e, mostrando-se, deu alguns passos, detendo-se, em seguida. De seus lábios, como um suspiro, brotou uma exclamação:

— Tabira!...

Parecendo brotar da terra, entre o capim e as flores que lhe acariciavam as pernas até os joelhos, banhada pelo clarão da lua e das estrelas, bela como uma deusa ali nascida, da mistura das flores, das estrelas e da lua, a recém-chegada personagem, uma índia de rara beleza, viu-se à frente com o autor dos estranhos ruídos. Estendendo um braço em sua direção, disse:

— Japi!...

Seus cabelos refletiam o luar, cintilando e caíam como cascatas sobre os ombros, abrindo-se em duas partes na frente do corpo, escondendo os seios, como duas pequenas pombas rolas aconchegadas no ninho. Pouco abaixo da cintura fina e formosa, uma tanga de penas alvas como o leite cobria-lhe a parte inferior do corpo, até o início das coxas grossas e bem torneadas. Na perna direita, trazia amarrado a poucos centímetros do joelho, um colar de penas rubras. Era o sinal de que ainda não fora possuída por nenhum guerreiro. Era virgem, a jovem filha das florestas.

Dela se aproxima o remador. Sua mão direita colhe o antebraço esquerdo da jovem, cuja mão se fecha em seguida, ao redor do seu, fazendo parecer um cumprimento entre dois deuses da antiga Roma. Agora, o luar dividia sua atenção para os dois, banhando-os de luz prateada. Alto, musculoso, forte e altivo como tronco da palmeira selvagem, mas dando a impressão de leveza e agilidade do jaguar, o moço índio ficou-se como que enfeitiçado, diante de tanta beleza. Mais parecia ao jovem guerreiro que estava diante da filha da deusa Japi, que do alto os contemplava feliz. Foi a jovem quem quebrou o silêncio. Com a voz maviosa como a do sabiá, cantando alegre ao nascer do sol, disse:

— Japi, sabe ser perigoso vir até aqui. Por que se arrisca? Se Japi for morto, que será de Tabira?

Soltando o braço da moça índia, aquele que respondia por Japi colocou as duas mãos nos

ombros estreitos da jovem e respondeu:

— O guerreiro que matará Japi ainda não é nascido. Há duas noites que Japi não dorme pensando em Tabira. Os dias são vazios, as noites frias. Ele não suportou. Em sua igara¹ quase atravessou o pará² e é feliz por estar agora junto de Tabira.

A jovem inclinou a cabeça, fitando o chão. Tristemente, respondeu:

•— Maus espíritos pelem para afastar Tabira de Japi. Amanhã, quando Jaci³ for dormir e seu irmão Coaracy⁴ iá aparecer sobre a montanha, iluminando o dia, Tabira será disputada pelos mais valentes e fortes guerreiros de sua taba.

O jovem selvagem estremeceu, como a folha seca arrancada do galho pelo vento.

— Não! — exclamou.

— Sossegue, leal Japi. Tabira guarda com carinho o pó do pirá⁵, do sono que mata. Antes que qualquer guerreiro rompa o laço de sua virgindade, sua alma já estará nos braços de Tupã...

O guerreiro ficou calado por algum tempo, pensando. Depois, olhando a jovem nos olhos, perguntou:

— Tabira quer ir para as terras de Japi?

— Quero, mas não devo. Nossos povos são inimigos. Fugir com Japi seria provocar a guerra, que só terminaria quando em pé não houvesse sequer um guerreiro.

— Então — falou alto o moço, cujo peito inflou de orgulho — Japi irá amanhã à taba de Timbu e vencerá todos os guerreiros que aspiram a mão de Tabira.

Sorriu a jovem filha das florestas. E, encarando o orgulhoso guerreiro, explanou:

— Conheço bem a força de Japi, pois que o vi com suas mãos enfrentar e vencer o temível jaguar que tinha por presa certa a leve Tabira. Conheço a generosidade de seu coração, quando deixou partir com vida o irmão de Tabira, vencido em luta leal. Iaçanã, porém, também é orgulhoso e vingativo. Assim é que, todos os dias, bate a mata à procura de Japi.

— O irmão de Tabira é forte e corajoso. Amanhã não precisará mais procurar Japi, pois que este irá a ele.

— Japi está decidido?

— Decidido a ir buscar Jaci, as nuvens brancas que rolam no céu, ou a flecha de fogo de Tupã quando está zangado. Decidido está a enfrentar em luta aberta, todos os guerreiros da tribo de Tabira.

— Estejas certo, valente Japi, que se fores vencido, nenhum guerreiro possuirá Tabira. Agora, vai, pois Jaci dentro em pouco irá descansar e seu irmão estará aparecendo. Nessa hora, Tabira estará sendo disputada. Apresse-se, pois.

Uniram-se em estreito abraço, colando os rostos, carinhosamente, para, em seguida, separarem-se. Japi regressou à árvore em que estivera escondido e apanhou o objeto com o qual tirara as notas que chamara Tabira; acenou para a jovem, que permanecera parada no mesmo local, desaparecendo entre as folhagens da mata, que se fechou sobre ele. O semblante da índia contraiu-se. Uma máscara de preocupação caiu sobre seu rosto encantador. Voltou-se, lentamente, caminhando, em passos curtos, para a orla da floresta de onde viera. Andou, algum tempo, atingindo enorme clareira, na qual se levantava grande paliçada feita com grossos troncos. Cautelosamente, atravessou o espaço que a separava da liça, indo colar-se à parede áspera da mesma. Caminhou encostada aos troncos por instantes, até que, parando, forçou um deles que, como os outros, estava solidamente ligado por fortes

¹ (1) Canoa, piroga

² (2) Mar.

³ (3) Lua.

⁴ (4) Sol.

⁵ 5) Peixe venenoso.

cordas de fibra torcida. Aquele, porém, apenas se encontrava preso na parte superior, de modo que, empurrado, oscilou, deixando uma estreita passagem, por onde entrou a jovem. Examinou, cuidadosamente, o interior e, por fim, conduziu-se para uma oca⁶ um tanto afastada das demais, na qual entrou.

III a vida por uma promessa

A taba inteira dormia. As ocas, construídas de galhos de árvores, cobertas com palhas de coqueiro ou sapé até o chão, estavam dispostas em círculo, a alguns metros da paliçada, e formavam no centro um grande pátio de terra batida e endurecida pelos pés dos guerreiros, quando de suas danças. Suas formas e seus tamanhos, porém, variavam, existindo algumas que, fugindo à simetria, permaneciam distanciadas das outras. Na parte posterior da taba havia uma falha na estacada. Era a passagem para a có⁷ onde plantavam o abati⁸ com o qual se alimentavam e faziam bebidas para os dias de festa. A plantação, além de bem cuidada, era rigorosamente protegida contra animais daninhos. A paliçada prolongava-se mato a dentro, formando o que se poderia chamar de quintal da aldeia. Ali havia um sentinela. Armado de arco e flecha, rondava a plantação, observando atentamente.

Tabira deitara-se em sua rede de amaniju⁹. Seus cabelos repar- tiam-se, abandonados. Parte deles, cobria um braço que mantinha sob a cabeça, enquanto a outra derramava-se sobre os pequenos seios. Dormira pensando em Japi.

Ao deixar a jovem, o guerreiro voltava à praia. Sua piroga feita da grossa casca do jatobá, permanecia na areia. O mar sussurrava, baixinho. Encaminhou-se para a canoa e nela, penetrando, deitou-se estirado, braços cruzados sob a cabeça, a contemplar o céu estrelado, imaginando Tabira.

Não dormira, entretanto, o guerreiro. Quando pressentiu que o dia já não tardava, levantou-se, lépido e pôs-se a exercitar os músculos, correndo e saltando pela praia deserta. O jovem preparava-se para o combate. Já as estrelas empalideciam e se retiravam, estrategicamente, ante a aproximação do sol que surgia como que raivoso, enxotando-as, juntamente, com a lua e a noite. Os papéis, mais uma vez, se inverteram. Era ele, agora, o rei absoluto. Antes de se mostrar, contudo, enviara seus vanguardeiros, em forma de raios luminosos e quentes para expulsar os últimos vislumbres da madrugada. Só, então, começou a aparecer atrás dos montes, lá ao longe.

Japi parou os exercícios e penetrando decidido por entre as ondas mansas, mergulhou no mar. Nadou algum tempo, retornando após, em rápidas braçadas à praia. Sacudiu a vasta cabeleira, como um leão sacode a juba e, encaminhando-se para a canoa, apanhou o objeto com o qual produzira os sons que avisara à jovem Tabira de sua chegada — que não era senão um grande búzio — e partiu resolutivo, pisando forte para a floresta, que se espreguiçava ao calor generoso do sol.

A mata despertava. Os pássaros cantavam, como que saudando o nobre guerreiro que avançava corajoso. O grande astro esquentava as árvores e as flores, enxugando as lágrimas de orvalho que a noite deixara.

Na aldeia, o alvoreço campeava. Jovens e hercúleos guerreiros, candidatos ao amor de Tabira, estavam reunidos no centro da taba. Traziam os corpos pintados com as tintas de guerra e ornatos de penas multicores nos cabelos, punhos e tornozelos. Crianças afoitas e curiosas os cercavam, admiradas, misturando seus gritos e risadas à algarávia crescente.

⁶ (6) Cabana de palha.

⁷ (7) Roça, plantação.

⁸ (8) Milho.

⁹ (9) Algodão.

Dezenas de pesados tacapes, feitos de grossos galhos, enfileiravam-se encostados à parede da paliçada. Grandes arcos, com suas respectivas flechas, lanças emplumadas, amontoavam-se no chão.

De repente, como por encanto, todo o barulho cessou. É que jfnetrara no pátio a linda Tabira, conduzida por seu pai, o velho Timbu, cacique da tribo. Os rudes guerreiros não puderam conter uma exclamação de assombro ante tanta beleza! Trazendo na frente um cocar de penas alvas como o leite — que mais acentuava a palidez de seu rosto, realçando sua beleza virgem — a jovem foi conduzida para o centro da aldeia. As penas de sua tanga sussurravam baixinho, acompanhando o andar leve da moça, como que chorando, solidárias com sua tristeza. Os guerreiros abriram alas à sua passagem.

Logo após, extravagantemente pintado e ornado com colares de dentes de animais e de inimigos vencidos, com uma grande lança encimada por um crânio humano, chega o pajé. Dirigindo-se aos guerreiros que, temerosos, curvam as cabeças sobre o peito, inicia, então, suas exortações, para afastar os possíveis maus espíritos. Grita, pula, gesticula, fazendo chocalhar os colares de dentes que se entrechocam. Dança ao redor de cada guerreiro, até que, parando de chofre, introduz a mão em uma sacola tecida de algodão e atira o seu conteúdo; um pó branco, sobre as cabeças dos guerreiros, manchando suas cabeleiras negras e seus corpos pintados. Imediatamente, estes começam a bater com os pés no chão, como marcando o compasso de alguma dança a iniciar-se. O ruído ecoa longe. Logo, principiam a entoar uma cantilena triste. Os corpos gingham para um e outro lado, acompanhando o ritmo do canto e o bater dos pés. Volve-se, então, o feiticeiro para a jovem que o espera, pálida. Diante dela, grita, dança, salta e joga-lhe o pó branco que macula de neve as pontas dos negros cabelos que lhe caem sobre os ombros. Segura a virgem por uma mão e a gira, suavemente, diante dele. Tabira, alheia a tudo, vez por outra olha, assustada, em direção a qualquer barulho estranho. Súbito, o bruxo levantando os braços em direção ao céu, brada, curvando-se por três vezes e, ato contínuo, pula, emitindo sons agudos e atira-se ao chão, onde se espoja por instantes. Pára, de repente, com os olhos fechados, como em transe, levantando-se, em seguida para recolher-se a um canto, onde permanece a alçar e baixar a lança com o tétrico ornamento fixado em sua ponta.

Vai começar a contenda. São vinte guerreiros, vinte hércules de pele acobreada, que vão lutar entre si pela posse da virgem. Todos cantam e vão se colocando uns frente aos outros, até formarem duas fileiras de dez. Não escolhem adversários, lutarão com os que estiverem diante de si. Já se aprestam para iniciar o combate quando um som forte e agudo, qual imenso gemido, os faz parar. Tabira se agita. Conhece aquele som. Seu rosto pálido torna-se quase da cor das penas que lhe coroam a frente. Olha e vê, impávido, caminhando ereto, pisando forte, o guerreiro amado que arrasta a morte, invadindo a taba de seus ferozes inimigos. Por momentos, reina o silêncio na aldeia. Passada, porém, a surpresa, e como que obedecendo a uma ordem, toda ela investe e cerca o intruso. Tacapes levantam-se, lanças são apontadas. A confusão é crescente. O moço é agarrado e levado aos empurrões à presença do cacique que, se esquecendo, momentaneamente, da filha ao seu lado, pergunta, raivoso, reconhecendo as cores das duas penas que o jovem traz seguras por uma tira de couro fina, atadas à cabeça:

— Como te atreves, ó guerreiro do paranã¹⁰, a invadir, sozinho, a taba de teus inimigos? Na certa procurar a morte? Tu, que mal é saído do upiã¹¹?

Sorri o prisioneiro e, demonstrando suprema coragem, responde, com voz altiva:

— Teus guerreiros devem temer muito a Japi, para que tantos o segurem..

A um gesto do cacique, é solto o cativo, mas permanece cercado e ameaçado pelos tacapes.

¹⁰ (10) rio caudaloso

¹¹ (11) ovo.

— Ainda não respondeste, jovem tonto, qual o motivo da tua vinda à taba de Timbu.

— Venho, grande chefe, vencer em luta franca ao mais valente guerreiro desta nação, e ganhar, com o feito, a jovem Tabira.

Um coro de vozes furiosas acolhe a resposta do jovem. Tabira sente-se desfalecer, temendo pela vida do seu amado.

— Consideras-te tão valente assim? — inquiri o chefe.

— Japi nada teme.

O velho cacique mede com os olhos, de alto a baixo, o desassombrado guerreiro. Sua fisionomia severa, porém, deixa traír uma ponta de sorriso em seus lábios. Timbu admira a coragem do moço. Admira a coragem, em todas as suas expressões.

— Preciso será consultar o conselho dos guerreiros — diz. O que for decidido, assim será. Seja qual for o resultado, saiba, valoroso jovem, que admiro a tua coragem. O forte e corajoso sempre foi admirado.

Japi olha para os rostos ansiosos daqueles guerreiros, que esperam apenas um sinal do chefe para trucidá-lo, e sabendo que o conselho contaria com muitos deles, sorri escarinho e exclama, alto:

— Como desculpa para não conhecerem o peso do braço de Japi, seus guerreiros do conselho, medrosos, não me deixarão tomar parte na contenda.

Ante tal afronta, rugem os guerreiros. Dentre eles, porém, um se destaca. Avança para o chefe, altaneiro:

— Pai, este é Japi. Grande, forte e generoso guerreiro das bandas do paranã. Iaçanã, com ele pelejando, conhece o sabor da derrota. Foi Japi o primeiro e único a derrotar o filho de Timbu. Peço-lhe, pai, e aos membros do conselho, que consintam em que ele tome parte na procela.

E, olhando, altivamente, nos olhos do inimigo, continua, a ele se dirigindo:

— Contanto, leal inimigo, que, ao vences o mais valente dos guerreiros aqui presentes, enfrentes em luta, à sua escolha, ao irmão daquela que pretendes para esposa.

— Não é a intenção de Japi enlutar um coração de pai ou de irmã no dia de suas bodas. — responde o moço.

— Assim terá de ser, ou não entrarás na disputa, sendo entregue às mulheres velhas da tribo¹²! Aceitas, ou não, guerreiro Japi?

— Aceito. — aquiesceu o jovem.

Adianta-se o velho cacique e escolhe dez dos guerreiros que iriam tomar parte na disputa e dez que estavam fora, por já serem casados, para, em lugar reservado, deliberarem sobre a sorte do inimigo. Os meninos da aldeia cercaram, curiosos, o valente Japi. Às mulheres velhas dele se aproximaram, armadas de espinhos aguçados, pontas de osso, conchas afiadas e começam a espetar e cortar as pernas e os braços do jovem, que permanece impassível, sem sequer mexer um músculo. Sentia o sangue quente escorrer-lhe, lentamente, pelos membros feridos, mas não deu um gemido. Iaçanã, notando o que ocorria, pôs-se a afastar as megeras, a pontapés, e pediu água para o guerreiro lavar suas feridas. Foi Tabira, entretanto, quem a trouxe, em uma vasilha de barro cozido, tomando a si o cuidado de limpá-las, desveladamente, sob os olhares do irmão.

— Coragem, nobre guerreiro, Tabira será tua.

— Assim será, linda Tabira.

IV Um vencido que não guerreou

Precede o cacique os membros do conselho, que regressam. Tabira procura adivinhar qual

¹² (12) Isto constituía a maior humilhação para um guerreiro.

a decisão a que chegaram, examinando as fisionomias dos guerreiros. Nada consegue, porém, tal a impassibilidade daqueles semblantes grotescamente pintados. Espera, ansiosa, que seu pai transmita a decisão. Treme, tal frágil junco batido pelo vento. Sente-se desfalecer, ante tamanha expectativa.

Detem-se o velho cacique, frente ao prisioneiro. Por instantes, fica calado. Iaçanã também se agita, mas não ousa interpelar o pai.

— O conselho deliberou: Defenderás sua vida, guerreiro, lutando com Iaçanã, que almeja pela revanche. — anuncia o chefe, falando, pausadamente. —¹ Mas, não poderás aspirar à posse da virgem Tabira, já que não pertences à mesma tribo, pois que tal é privilégio dos guerreiros desta taba.

Um gemido longo cortou os ares, acompanhado de um baque surdo. Como a árvore abatida pelo raio, cai desmaiada ao chão a jovem índia. Japi tenta socorrê-la, mas é fortemente seguro por dois guerreiros. Tenta resistir, mas acalma-se ao notar que Iaçanã adianta-se e, erguendo nos vigorosos braços a irmã desfalecida, dirige-se a uma cabana próxima, onde entra.

Como se nada houvesse acontecido, o cacique continua:

— Prepara-te, pois, guerreiro, para defender tua vida.

— Não — responde o moço índio. — Já não interessa a Japi a própria vida.

— Que dizes, filho? — pergunta o cacique, traindo, na voz, a admiração que já sente pelo jovem e o desgosto pela decisão tomada pelo conselho. — Fitando o céu, o prisioneiro diz, tristemente:

— Tabira é o ar que Japi respira; é a chuva generosa que dá vida às árvores e flores da floresta, depois de longo estio. Sem ela, nada mais interessa a Japi. Ordena, portanto, ó chefe, que a cabeça de Japi seja esmagada pelo mais pesado tacape. Liberta sua alma, para que ela possa esperar Tabira ao lado de Tupã.

Dá um passo à frente o cacique, pondo a mão no ombro do jovem.

— Timbu lamenta que não pertenças à sua tribo. És digno e valoroso e seus filhos com Tabira formariam uma raça de guerreiros invencíveis. Se todos os de tua tribo forem valentes como tu, será muito difícil a vitória para nós.

— Eu sou apenas um dos guerreiros de minha tribo. Mais valorosos existem. Mas, nosso povo começa a compreender o valor da paz. Só quando provocado empunha a lança da guerra.*

— Paz? — brada o velho. — A paz que transforma guerreiros em mulheres velhas? Admira-me, guerreiro, que pertenças a tal povo. A guerra é uma necessidade, filho. Precisamos cantar nossos feitos, contar aos nossos filhos as nossas vitórias...

— E chorar nossos mortos — interrompe Japi. — E, muitas vezes, é um filho, uma filha, que nada entendem, que não compreendem, sequer, porque se matam guerreiros de quem diretamente dependem.

— Por acaso, Japi não estará se acovardando ante a morte que se aproxima?

— Japi nunca se acovardou ante nada. Apenas espera ansioso a morte que o libertará dos sofrimentos que sente seu coração.

— Diga-me, Japi, quem fala de paz em tua aldeia?

Nunca ouviste falar dos guerreiros de pele branca que chegam do paranãguassu¹³ em grandes igaras¹⁴ de néveas asas?

— Sim, já ouvi falar — responde o chefe com desdém. — São feiticeiros poderosos, matam com um pau que ronca¹⁵ igual a Tupã quando está raivoso. Mas Timbu não os teme.

¹³ (13) Oceano.

¹⁴ (14) Caravelas.

¹⁵ (15) Arma de fogo.

— Na taba de Japi, dois deles encontraram hospitalidade. Não trazem o pau que ronca. Usam roupas esquisitas, da cor da escuridão¹⁶ até os pés e trazem um colar estranho preso ao pescoço, com um guerreiro pequenino preso a uma cruz de madeira.

— Grande mágica! — exclama o chefe. Que o povo de Japi tome cuidado. Quem será este guerreiro pequenino preso à cruz? Algum chefe de tribo?

— Japi não sabe ao certo. Ouviu dizer, porém, que é um grande chefe. Chefe de todas as tribos da floresta e de todas as tribos dos homens brancos. É o filho de Tupã.

— Filho de Tupã? — quase gritou o velho, arregalando os olhos. Então, esse homem que se veste com o manto da escuridão é um feiticeiro muito poderoso! Como conseguiu ele aprisionar o filho de deus?

— Ele se deixou prender para poder fazer a paz entre todos os povos.

— Então, o filho de Tupã é um fraco?

— Pelo contrário, é um forte e valoroso guerreiro.

. — Quem sabe, Japi está ficando medroso?

O jovem o encarou sério e retrucou:

— Não. E peço a Timbu que mande o seu mais forte guerreiro libertar minha alma.

— Japi não quer mais conversar? — inquiriu o cacique, que já se mostrava interessado na história que ouvira.

— Não — responde o prisioneiro. Quanto mais demorar a vida em Japi, mais ele sofre.

— Então, que seja como quer Japi. Mas, ouça, guerreiro, não quer mesmo lutar por sua vida?

— Japi já falou.

— Seja...

E o chefe, dirigindo-se aos guerreiros que ouviam calados, quase respeitosamente, escolhe, dentre eles, o mais forte. Este apanha um pesado e enorme tacape e avança para o prisioneiro.

— Cante seus feitos de guerra, Japi, para que recordando, sua alma voe direto aos braços de Tupã.

— Não quero. — respondeu o jovem. — Pode começar.

O guerreiro escolhido para sacrificar o moço, então, começa uma dança ao seu redor, brandindo sobre a cabeça a pesada clava. Canta e grita, a cada *volta* mais se aproximando do cativo que, ereto, espera corajosamente, o golpe fatal. De repente, o hercúleo guerreiro, pára a dança, dirige-se, lentamente, à sua vítima, tendo erguido sobre a cabeça o poderoso tacape. Curva-se todo para trás, qual possante mola e, prestes está a vibrar o terrível golpe, quando, atirada por mão certa, uma flecha fende o ar e crava-se no tacape. Assusta-se o matador. Abaixa a arma e examina a flecha encravada. Estupefato, olha para o chefe. Então, abrindo caminho por entre os guerreiros surpresos, aparece Iaçanã. Estaca diante do velho pai e diz:

— Pai, este nobre guerreiro não deve morrer assim.

— Sei disso, filho meu. Ele, porém, foi quem escolheu tal morte.

Volta-se, então, Iaçanã para Japi e fala-lhe, num sussurro:

— Tabira não quer que Japi morra. Acata o que eu disser e espera.

E, alteando a voz:

— Japi merece uma noite de felicidade. Faz jús à festa do guerreiro. Só após, poderá morrer.

— Já disse, filho, que o valente guerreiro escolheu como quer morrer.

— Então, Japi, que resolves?

O moço pensa, um momento. Sente, agora, vontade de viver. De viver para Tabira. E esse anseio leva-lhe a concordar:

¹⁶ (16) Padres, vestidos de preto.

— Aceito tua hospitalidade, Timbu.

— Soltem o prisioneiro — ordenou o chefe. — Hoje é como se ele fosse filho de Timbu. Ninguém o molestará. Escolhe a moça que quiser, Japi, e podes recolher-te a qualquer das cabanas de teu agrado. Amanhã, então, decidirás a tua sorte.

— Prefiro, apenas, estar livre. Não quero as mulheres.

— Como queiras.

Afastam-se os guerreiros, visivelmente contrariados, pois que a festa que precedia o casamento fora, automaticamente, suspensa. Mas, não ousam desacatar as ordens do chefe. Dispersam-se. Iaçanã aproxima-me de Japi e confia-lhe:

— Iaçanã custou a convencer sua irmã a não usar o pó do pirá que mata. Iaçanã tem um plano: Japi fugirá hoje à noite, levando Tabira.

— Japi não pode desmerecer a confiança de teu povo, generoso Iaçanã. — responde o jovem.

— Pode, sim. Japi nada prometeu. Mas, ouve bem, guerreiro: Até que Coaraci de novo surja, nenhum guerreiro sairá à tua procura. Em seguida, porém, toda a aldeia te buscará. Foge para bem longe e que nem Iaçanã te encontre, ou terá que te matar ou ser morto. Cuida bem de Tabira. À noite, eu te procurarei.

Feita a advertência, afasta-se o leal Iaçanã. Fica só Japi. De longe, guerreiros e crianças o observam. Não lhe agrada aceitar o plano do irmão de Tabira, mas, ao mesmo tempo, não a quer perder.

Japi está livre. Livre para andar pela aldeia, e para fazer o que quiser. É um hóspede de honra, a quem nada pode ser negado. Por todo o resto do dia e à noite poderá ele fazer o que desejar — é o prêmio dado a todo o adversário corajoso. Ao amanhecer, porém, será morto com todas as homenagens de um grande guerreiro. Mas, ele está abatido: não lhe agrada trair a confiança nele depositada pelo cacique. Considera um dever ficar. Sente, entretanto, ao mesmo tempo, imperiosa necessidade de fugir com Tabira. Forças antagônicas degladiam-se na mente do jovem. Começa a caminhar pela aldeia, alvo de todos os olhares. Junto a uma cabana, pára e senta-se à sua sombra. Por ele passa um menino, que o olha curiosamente. Japi o chama. O garoto se detém, indeciso, sem se atrever a aproximar-se.

— Futuro grande guerreiro — diz — tenho sede. Onde posso encontrar água?

Sorri a criança e, voltando-se, rápido, sai em desabalada carreira à procura de um grupo que trabalha na construção de uma oca. Japi o vê falar e gesticular, apontando, vez por outra, em sua direção. Observa que um dos trabalhadores deixa os companheiros e penetra em uma cabana, para voltar, em seguida, com uma cuia feita de uma grande cabaça cortada ao meio e dirige-se para ele. Japi levanta-se para recebê-lo. Estaca o guerreiro, diante dele, e fala:

— Toma, aplaca tua sede — e estende a cuia com água. — Queres oloniti?¹⁷ Ajudar-te-á a afastar os maus espíritos.

— Japi te agradece, guerreiro, mas prefere água pura. — Devolve a vasilha ao moço, que espera.

— Estamos acabando a construção de uma nova oca. Queres tomar parte na dança?¹⁸

— Japi volta a agradecer-te, mas não aceita porque não se sente disposto a dançar.

— Como quiseres. Pede, contudo, o que desejares e serás atendido.

Afastando-se o guerreiro, ia Japi voltar a sentar-se, quando vê junto a si uma jovem e bela índia, que, sorrindo, lhe comunica:

¹⁷ (17) Bebida feita de milho, espécie de aguardente.

¹⁸ (18) Comemoravam os índios a construção de uma nova oca, com danças para afastar os maus espíritos.

— O cacique Timbu espera-te em sua oca.

Correspondendo ao sorriso da jovem, responde:

— Leva-me a ele, gentil e bela jovem!

Segue Japi a moça que, de vez em quando, volta a cabeça em sua direção, rindo. Mas, Japi não tem olhos para a beleza da índia. Chegam, finalmente, a uma grande palhoça.

— Pode entrar, guerreiro. Timbu o espera.

Penetrando na oca, sem ao menos olhar para a solícita jovem, encontra, no interior da mesma, o cacique sentado diante de uma esteira de palha trançada, na qual estão dispostos alguns ossos de animais e uma pequena serpente morta, já curtida. Do outro lado, também sentado e de olhos fixos na esteira, o feiticeiro da aldeia parecia estar em transe. Ainda estava paramentado como quando do início da festa interrompida, pela manhã. Não moveu um só músculo ante o aparecimento do jovem guerreiro. Por sua vez, o velho chefe fez-lhe um gesto para que se acomodasse ao seu lado. Atendeu à ordem e ficou observando a fisionomia do feiticeiro, que não tirava os olhos dos estranhos objetos dispostos à sua frente. De repente, eis que estremece o pajé, e diz, ainda fixando a esteira:

— Só vejo guerra, chefe Timbu! Guerra!...

— Quem guerreia? Nossa tribo?

— Sim.

— Quando?

— Já...

Novamente o pajé estremece e faz muitos gestos com ambas as mãos espalmadas sobre os ossos e a serpente. De repente, levanta-se, imitado pelo chefe e o prisioneiro.

— Este é o nosso hóspede, feiticeiro — observa o cacique, apontando para Japi.

— Eu o vi — responde o pajé, encarando o jovem com seus olhinhos pequenos e semi-cerrados.

— Amanhã ele será morto — informa o chefe.

— Não, Timbu, o rapaz não será morto.

— Não morrerá? — pergunta, espantado, o cacique. — Então, ele aceitará o combate com Iaçanã e o vencerá?

— Não haverá essa luta — diz o feiticeiro, sem tirar os olhos dos do jovem, que sustenta aquele olhar.

— Que diz, Igaraci?! — toma a falar admirado o chefe. — Se não houver luta, ele morre... não compreendo o que queres dizer.

Sorri o feiticeiro, enigmaticamente. E, sem nada responder, retirou-se da cabana. O cacique volta a sentar-se, ordenando a Japi que o imitasse. Este, que temia ver Timbu estender a ele aquelas perguntas, sorri, aliviado, quando ouve a inquirição do chefe:

— Como são os dois homens brancos hóspedes da tua aldeia? São guerreiros?

— Não, Timbu. São homens de paz.

— E estão ensinando a paz aos guerreiros irmãos de Japi?

— Entre outras coisas, chefe.

— Que outras coisas? — pergunta interessado o velho.

— A fazer ferramentas para trabalhar a terra, melhores que as nossas; a extrair do mar um pó branco¹⁹ que dá melhor gosto à caça abatida e a tratar o couro, fazendo com ele roupas, redes e cordas.

— Que mais, jovem? — toma o cacique, cada vez mais impressionado.

— A amar e respeitar os nossos inimigos...

— Amar? Respeitar, sim. Mas, amar?!

— Sim, Timbu, amar. E acreditar em um deus poderoso, mais poderoso que

¹⁹ (19) Sal. *

qualquer um dos nossos feiticeiros ou deuses.

— Mais poderoso que Igaraci?

— Muito mais, chefe.

— E quem é este deus? Um homem branco?

— Este deus não tem cor. E não se importa com a cor que tenham seus filhos.

— Deus estranho — murmurou o cacique, pensativo. — E o pequeno guerreiro preso à cruz?

— Esse é o filho do grande deus.

— Não disseste ser ele filho de Tupã?

— Sim, para que Timbu compreendesse o seu poder, comparado com o de Tupã.

— Falaste, também, que o pequenino guerreiro deixou-se prender à cruz para salvar os povos da floresta e dos brancos?

— Disse.

— Mas, como pode ele salvar alguém, se está preso?

— E mais, Timbu: ele foi morto na cruz.

— Morto? — indaga o cacique, vivamente perplexo e interessado. — Como pode um morto salvar alguém? Ou é um mau espírito?

— Não, não é um mau espírito. Ele se deixou prender e matar para que todos os povos da floresta e dos brancos aprendessem o amor.

O chefe coçou a vasta cabeleira. Sua testa, vincada, demonstrava a preocupação de que estava possuído, tentando entender o que Japi contava. Depois, perquiriu, olhando nos olhos do jovem:

— Se era mais poderoso que Tupã, por que se deixou prender e matar sem lutar? E que faz, agora, preso à cruz, no pescoço de um homem branco?

j— O que ele faz, não morreu com ele. Timbu não recorda, com respeito, algum grande guerreiro morto?

— Sim. — respondeu o velho. — O pai de Timbu foi um grande guerreiro. Venceu muitos inimigos com seu tacape, que só ele podia levantar acima da cabeça. Sua flecha era tão ligeira e certa que alcançava a veloz pomba da floresta. Muito valente! Timbu se orgulha de ter sido seu filho.

— Pois bem, Timbu, o pequenino homem preso à cruz foi valente a tal ponto que morreu para ser lembrado. É carregado no pescoço daqueles que seguem suas leis, para ser mostrado como exemplo vivo do sofrimento porque passou para nos salvar.

— E quais foram seus feitos? — tornou Timbu, que tentava compreender as palavras do jovem.

— Lutou contra os poderosos e malvados guerreiros, vencendo- os sem empunhar armas.

— Sem armas? — espantou-se o velho.

— Sim, apenas com palavras, desarmava o mais forte guerreiro.

— Com palavras?

— Palavras bondosas, com as quais cativava a todos...

— Mas, foi morto? Tinha ele algum inimigo?

— Sim, ele foi morto, porque o quis. Inimigos, infelizmente, tinha: aqueles que queriam dominar o povo, os cruéis, os de grande poder.

— Foi de fato um herói — finalmente concordou o cacique, levantando-se. Japi o imitou.

— É hora de comermos, guerreiro. Pode escolher o que mais te apetecer.

— Agradeço, chefe, mas Japi não sente fome.

— Que preferes, então?

— Uma oca e uma rede.

— E uma mulher?

O jovem sorriu ante o olhar significativo do velho chefe.

— Não, Japi quer estar só.

— Pedes muito pouco, jovem.

— O pouco para Timbu é o bastante para Japi.

— Pois seja, moço que despreza as boas coisas da vida — anui Timbu, chamando, com um gesto, um guerreiro da aldeia que passava. E, voltando-se para o prisioneiro, continua:

— Ninguém faz isto, Japi, sabendo que amanhã já nada mais poderá fazer.

O mancebo fita os olhos vivos e brilhantes do cacique e retruca, com um movimento de ombros:

— Conheces, agora, um que assim age, Timbu.

Chega o guerreiro, chamado pelo chefe, e põe-se, respeitosamente, ao lado dos dois, aguardando ordens. O chefe toma a falar:

— Por que Japi assim age?

— O mundo já não é bom para Japi — replica o moço, com certa tristeza. — Falta-lhe tudo.

— Tudo? Mas és jovem, forte e corajoso. Timbu não duvida de que possas vencer a todos os guerreiros desta aldeia. Podes bem conquistar o que mais desejas. Por que atirar-se, assim, a uma morte inglória? — pergunta o cacique, traíndo na voz secreto desejo de ver o rapaz lutar pela vida e vencer, pois já o admirava muito, queria-o como a um filho.

Japi novamente o encara. Sua fisionomia contrai-se, anuviada por uma máscara de amargura. Com a voz embargada pela emoção, diz:

— Tabira era o mundo de Japi. Aqui vim com a certeza de enfrentar e vencer a todos os guerreiros, • mas fui vencido, sem ao menos lutar.

— Aceita a luta com Iaçanã, jovem. Assim, terás a vida, pois vencerás.

— Não, chefe, não venceria.

— Amas tanto assim à filha de Umbu? — procura saber o chefe, disfarçando, com um pigarro, o tom triste da voz.

Inflama-se o guerreiro, seu peito ergue-se, o corpo toma-se mais ereto.

— Amo-a como a liberdade, a floresta, os rios, os mares, o céu com suas estrelas. Amo-a como amo o mundo, a vida.

— Se assim é, valente guerreiro — diz o chefe, pondo a mão esquerda sobre o ombro do moço — bem disse Igaraci, não morrerás! Deves viver! Viver para o teu amor.

E, curvando a cabeça sobre o peito, como se o peso de uma grande dor o vencesse, continuou com voz entrecortada por suspiros angustiosos:

— Na mocidade, que há muito deixou Timbu, ele também amou. Amou e não pôde lutar por esse amor. Há uma árvore na floresta, onde Timbu vai duas vezes por dia. Ao pé dessa generosa árvore, onde pelas manhãs cantam alegres os pássaros e à noite traz o brilho das estrelas e a luz da lua, e o mocho canta o seu canto triste de saudade, está ela, o grande amor de Timbu. Já não vive, mas está viva no coração velho deste chefe.

Japi ouvia atônito e comovido as palavras do cacique em confissão, sem ousar interrompê-lo. Viu os olhos do velho se encherem de lágrimas e, como um rio cujas águas sobem além das margens, transbordarem.

— Perdi-a, jovem, perdi-a!...

Alteando a cabeça e novamente adquirindo o porte orgulhoso, declara:

— Mas algo fala a Timbu que ela o espera onde está. Então estaremos juntos, outra vez, para não mais nos separarmos. Não, jovem, não morrerás. Simplesmente, não podes morrer. Não é justo que alguém passe pelo que Timbu passou.

— E Tabira? — finalmente ousou perguntar o mancebo, emocionado.

— Pertence-te.

E, voltando-se para o guerreiro da aldeia que esperava, reverentemente, afastado deles, ordena:

— Leva o hóspede à melhor cabana, onde haja a melhor rede, cuidando para que ninguém, nem os curumins²⁰, o perturbem.

Japi ainda quis perguntar alguma coisa, mas o velho o interrompeu com um gesto:

— Espera, filho! Não te apoquentes. Timbu sabe o que diz e o que faz. Lembra-te que a noite é boa conselheira. Vai, descansa.

Segue, Japi, o guerreiro, passando entre os habitantes da aldeia que, em sua maior parte, estão reunidos no centro, ou encostados à sombra de alguma oca, comendo; crianças, com suas mãozinhas sujas de barro, tirando bocados das cuias em que comem suas mães; guerreiros cortando e separando pedaços de caça e distribuindo, equitativamente, entre os velhos e as mulheres. A taba toda está entregue à sagrada hora da refeição. Chegam a uma oca, á nova, construída naquele dia.

— Esta é a melhor, guerreiro. A rede foi tecida pelas mulheres mais capazes e é macia como o algodão. Entra, descansa. Do que precisares, não faças segredo. Eu mesmo darei guarda à tua porta, para que não sejam interrompido no sono.

Japi entra, sem responder ao gentil guerreiro. A cabana é espaçosa e conserva o perfume natural da palha nova. No centro, estendida de uma estaca ao único mourão da construção, balança-se, docemente, uma rede branca. Senta-se nela o jovem. Fica algum tempo nessa posição, depois seu corpo vai-se dobrando e deita-se. Seu pensamento repassa todos os acontecimentos. São tantos a o afligir, que demora muito sem poder conciliar o sono. Mas, dentro em breve, é vencido e adormece.

V Fuga para o incerto

Levado nas asas do sonho, vê-se Japi em lugar desconhecido. Como era belo!... Um parque imenso de relva verde e macia, que se estendia em suave declive, terminando nas margens de um regato de águas cristalinas e murmurantes. Sentiu-se leve, como se tivesse perdido todo o peso. Seus pés mal pareciam tocar a grama. Começou a descer a aprazível encosta, em direção ao córrego, cujas águas, chocando-se contra grandes pedras que emergiam na correnteza, pareciam-lhe sussurrar um nome. Um nome conhecido, mas estranho. Ele não conseguia lembrar a quem pertencia. Andou pela sua margem, tentando, esforçando-se por recordar, querendo saber a quem o rio chamava. Nisto, é despertado por um coro de vozes. Vozes infantis. Voltou-se e viu, correndo em alegre algazarra, um grupo de crianças, vestidas com roupas diferentes, que se aproximavam, parando justamente no lugar em que ele se encontrava e se espalharam pelo relvado. Pareciam não se ter apercebido da sua presença, como se ele estivesse invisível. Uma, entre todas, chamou-lhe a atenção. Conservava-se afastada das demais, sem tomar parte nos folguedos. Tão logo chegara, sentara-se sobre uma grande pedra, junto ao rio, emudecida, como alheia a tudo quanto se passava em seu redor, a olhar, fixamente, para as águas que corriam céleres. Sentiu o guerreiro tremenda emoção. Em seu peito, o coração batia descompassado. Vergou, como se misteriosa força a isso o obrigasse; e, levando as mãos ao rosto, retirou-as molhadas. Chorava, o guerreiro! Grossas lágrimas corriam de seus olhos, descendo pelas faces e caindo em gotas sobre o largo peito. Por que? O corpo tremia como os juncos na margem do rio, batidos pelo vento. Nostalgia pungente o invadia. Ele sabia, tinha certeza de conhecer aquela criança. Todavia, uma nuvem escura toldava a lembrança de seu nome. Aproximou-se, temeroso, da linda menina. Pôs-se, diante dela, ajoelhando, não porque quisesse, mas pela necessidade imperiosa, uma quase obrigação. Fitou o seu semblante cismador. Comparou sua

²⁰ (20) Meninos.

pele acobreada com a dela — alva e macia como a seda. Seus cabelos, da cor do ouro, caiam-lhe sobre os ombros estendendo-se até a cintura, ondulando, suavemente, tangidos pela fresca brisa. Seus olhos, serenos, azuis, lânguidos de saudade, envolviam o rio que não cessara de murmurar, baixinho, quase respeitosamente, um nome. Parecia até ter diminuído a força de suas águas, para não perturbar os pensamentos da pequena. Tentou o guerreiro tocá-la no rosto, mas notou que sua mão não conseguia sentir o contato que ele sabia ter a maciez do veludo. Desespera-se. Olhando o céu, grita, angustiado:

— Tupã! Tupã!...

Lábios trêmulos, sente na boca o gosto salgado de suas lágrimas. Viu, então, nas raias da comoção, que dos lindos e serenos olhos da menina, duas gotas se formavam, crescendo, rapidamente, como duas pedras preciosas, refletindo o brilho do sol, para de súbito, rolaem, docemente, pelas suas faces róseas. Ele queria falar, gritar, abraçar a garota, ao tempo em que era possuído de imensa necessidade de beijar aquelas mãozinhas alvas. Mas, não podia. Fixou, nesse momento, o próprio corpo e sentiu algo que nunca experimentara: vergonha. A vestimenta da garota, embora diferente, lhe era familiar; só tinha à mostra os bracinhos e os tornozelos, enquanto ele, nu, selvagem, além da tanga de penas coloridas, trazia, apenas, na testa, amarrada em volta da cabeça, uma fita que segurava, na parte posterior, duas penas brancas — sua única indumentária. Vendo-a chorar, com o olhar perdido ao longo, compadeceu-se dela. Nesse instante, aproxima-se da cismadora uma outra menina que, abraçando-a, carinhosamente, interroga, em tom de censura:

— Angélique! Tu choras, novamente? Que tens?

— Não sei, não sei — responde a linda criança enxugando as lágrimas com as costas da mão. E a saudade, Manon.

— Saudade? De quem, minha querida? — insiste a recém-chegada.

— Também não sei — grita Angélique, entre soluços, e dispara em doida carreira.

O jovem índio sente-se só. Extremamente só. Ajoelhado, fitando o lugar onde Angélique desapareceu, no alto do declive, cobre o rosto com as mãos e desata em copioso pranto. De inopino, sente-se estremecer — o nome sussurrado pelo rio projeta-se claro em sua mente. Ergue-se, apavorado, a bradar, chamando a menina:

— Tabira! Tabira!...

— Calma, guerreiro! Sou eu, Timbu.

Sentado na rede, ainda dominado por forte emoção, o moço encontra-se diante do cacique. Salta, rápido, dela, e pergunta inquieto:

— Onde Japi está?

— No lugar que escolheu para repousar. Japi está transtornado. Maus espíritos o devem ter levado para feias regiões.

Então o guerreiro tudo compreende — sonhara. Tristeza infinita anima-lhe o ser, como se tivesse perdido algo de muito precioso; algo que não sabe explicar. Passa a mão pela testa, molhada de suor. Os olhos úmidos, atestavam que acabara de chorar. Ele, o guerreiro. Disfarça e volta-se para o chefe:

— Onde está Tabira?

— Já é noite alta, filho, convém que partas. Toma, leva as armas de Timbu. E que elas te sejam úteis, pois que tão logo surja o dia, toda a aldeia te procurará. Põe nos pés as asas do colibri e corre, rapaz, a filha de Timbu já te espera.

— Onde? — pergunta o moço, atônito.

— Onde deixaste tua igarg. Nela encontrarás alimento. Que Tupã os guie!

— Adeus, grande e valoroso chefe. Japi espera um dia voltar a encontrar-te.

— Não, jovem, não desejes isto. Tupã tal não permita, pois só traria a tristeza para a filha de Timbu. Ela teria que chorar a morte do pai ou do esposo. Vai, guerreiro. Cuida bem da que escolheste para companheira.

E, estendendo a mão ao moço, acrescenta:

— Aqui tens três dentes do grande peixe. Igaraci enfeitiçou-os. Com eles farás um colar para tua mulher, o qual porás no seu pescoço na noite em que romperes o laço de sua virgindade. Lembra-te, porém, jovem, sê fiel à tua esposa. Sofre com ela, alegre-te com ela; que o sentimento de um seja o do outro; abriga-a quando Tupã mandar as grandes chuvas e protege-a com tua vida contra todos os perigos. Ama-a, jovem. Cuidado! Não a faças sofrer, pois em troca terás toda a vida de sofrimentos — andarás corrido de tudo e de todos; beberás, etemamente, o cauim da discórdia; não terás sossego, nem amigos sinceros, senão aqueles que o ajudarão, cada vez mais, a enterrar-te no lodo — entre eles viverás; teus parentes o escorraçarão; andarás, etemamente, à procura da esposa, até que, sendo-te facultado encontrá-la, possas devolver, outra vez, ao seu lugar o colar que farás. Vê bem, jovem! Assim como os receberás, estes dentes conservarão a forma, cor e o cheiro. Depois, então, de novamente restituídos ao pescoço de tua mulher, começarão a envelhecer, até que nada mais reste deles, senão pó. Toma! Que Tupã te acompanhe e afaste de ti os gênios da floresta. Ama tua mulher acima de tudo.

Estende o velho os três dentes do peixe ao moço, que os aperta na mão olhando comovido o cacique, sem conseguir sequer uma palavra pronunciar. Bruscamente, vira-se e vai sair, quando o braço do chefe o detém. Volta-se e o encara.

— Se fores infiel à tua esposa, mesmo após o arrependimento, que cedo virá, terás dificuldade em achar o colar. Sê bom, justo e leal. Agora, vai. Adeus!...

Parte o jovem, esgueirando-se na escuridão. Ninguém o vê, ninguém susta seus passos. Alcança a floresta e parte em desabalada carreira. Em sua mão, fechada fortemente, estão os três dentes; na mente, as palavras do chefe ressoam. Estranho! Sente medo. Por vezes, tem vontade de atirar longe, no meio da mata, aquelas três aguçadas presas, que lhe parecem queimar a mão, mas algo o impede. Imprime às suas musculosas pernas maior velocidade. Finalmente, vê a canoa já posta na água, a flutuar. Junto a ela distingue as silhuetas, ante a luz do luar, de dois vultos. Acautela-se. Prende os três dentes no cordão que segura sua tanga, aperta, vigorosamente, o grande arco de Timbu e, preparado para tudo, avança. Seu largo peito arfa pelo esforço dispendido, mas sente-se resistente para derrotar qualquer inimigo que tente tirar-lhe Tabira.

— Japi!... — ouve o guerreiro e vê a índia que corre em sua direção.

Apressadamente, vai-lhe ao encontro e colhe nos braços, como uma frágil flor, a sua amada. Aperta-a, carinhosamente e beija-lhe os cabelos. Sentindo-a junto a si, colada em seu corpo, incompreensivelmente, lembra-se da criança loura que vira em sonhos e as palavras do chefe repercutem em seus ouvidos — um pavor esquisito toma todo seu corpo. Treme.

— Japi!... que tens? — pergunta a jovem, notando seu temor.

Desperta o moço, vendo aproximar-se o outro vulto. É Iaçanã a apressá-lo:

— Apressa-te, guerreiro. Dentro em breve será dia. Vá, leva a irmã de Iaçanã e que dela tenhas fortes guerreiros, leais como tu. Lembra, porém, que se ela chorar, Iaçanã saberá. Então, sofrerás, guerreiro, porque te procurarei por todos os lugares. Por todas as vidas que Japi tiver, Iaçanã o procurará e encontrará. Então, ai de ti, guerreiro! Iaçanã tomará todas as formas que puder, para te atormentar, até que Tabira, achando grande a tua desventuía, peça a Iaçanã que te deixe em paz. Ela poderá pedir ao mar, pois que este será Iaçanã. Pedirá ao rio, pois que este, também, será Iaçanã — aos pássaro^, às árvores, ao vento, ao sol, a tudo quanto no mundo existe, pois que tudo será Iaçanã. Assim, guerreiro, estarei sempre junto a ti, se ela sofrer. E padecerás, ainda, até que, encontrando-a, beije-a, humildemente, e com amor, peça-lhe perdão. Perdoado, Iaçanã se afastará e aguardará a ventura de nascer de vocês dois. Iaçanã terá perdido muito tempo. £ ninguém melhor que vocês poderá ensiná-lo, fazendo-o recuperar o tempo perdido. Cuidado, guerreiro! As folhas da floresta dirão a Iaçanã

se Tabira sofre por culpa tua. Então, grande, imensa será tua desdita. Vai, agora. Adeus! e que tua igara voe sobre as águas.

— Adeus, Iaçanã! — responde o jovem, sentindo-se abatido, sem saber a causa.

Vê o cunhado abraçar e beijar a irmã, ajudando-a a entrar na embarcação. Toma lugar, por sua vez, empunha o remo e, em vigorosas remadas, afasta-se da praia. Já muito longe, volta-se e ainda distingue o vulto esguio de Iaçanã, em pé, como a lembrar-lhe a terrível promessa. Aumenta, então, o ritmo das remadas, procurando fugir à vista do irmão de Tabira. A piroga parece voar por cima das águas. A todo momento, porém, escuta as palavras do chefe, confundidas às de Iaçanã. A isso vem juntar-se a lembrança do estranho sonho que tivera. Vê-se ainda mais perturbado e sente como que grandes e poderosas mãos o apertassem o pescoço.

Tabira deixara-se ficar na prôa da canoa, deitada a contemplar o vigoroso guerreiro. Seu corpo, iluminado pelos raios do luar, mais parecia uma estátua de prata. Observando a fisionomia carregada do noivo, indaga, com voz maviosa:

— O que aflige Japi?

Forçando um sorriso, o moço responde:

— Nada preocupa Japi. Ele apenas quer estar longe, bem longe, quando o dia nascer; bem fora do alcance dos guerreiros irmãos de Tabira.

— Para onde vamos?

— Primeiro, à aldeia de Japi. Ele tem que avisar seu povo para acautelar-se sobre um possível ataque de Timbu.

— Haverá guerra?

— Japi receia que sim.

— Mas, não foi o próprio pai de Tabira, o cacique, quem o libertou?

— Sim, mas Timbu, se foi fraco no coração, terá que mostrar aos seus guerreiros ser forte no braço.

— Por que tantas guerras, querido Japi?

— Enquanto um povo achar ser melhor do que o outro, estarão sempre guerreando. E acontece que nenhum se acha pior. Então, vão decidir no campo de batalha. Assim será sempre, linda Tabira.

E a canoa impelida e manobrada, destramente, pelo forte remador, cada vez mais se ia distanciando, navegando em mar calmo, sem ondas, sereno, como querendo, a propósito, favorecer-lhes a fuga. Tabira adormecera, tendo seu sono embalado pelo plácido movimento da piroga. Japi não despregava os olhos do semblante da noiva, acariciado pela brisa que fazia ondular seus cabelos negros, cintilando à claridade do luar. Contudo, as palavras do chefe e de seu filho Iaçanã continuavam a martelar-lhe a mente. Lembrou-se dos dentes. Parou de remar, cruzando o remo sobre a igara e puxou da cintura os três enormes dentes e os contemplou, demoradamente. Dois tinham quase o mesmo tamanho, porém o terceiro era bem maior, e bem aguçada sua ponta. Ficou, por momentos, pensativo. Mais uma vez, sobreveio-lhe enérgica vontade de atirar longe aquelas presas que tanto o martirizavam, inexplicavelmente. Afinal de contas, Tabira nada sabia — considerou. Algo, entretanto, o impedia de levar avante o seu intento. Repôs as três peças no cós da tanga e, novamente tomando do remo, reiniciou a viagem.

O céu começava a clarear, aos primeiros albores da madrugada. Adiante, não muito longe, um promontório avançava mar adentro, como um grande braço estendido sobre as águas. Bastava a Japi contornar aquele cabo para, praticamente, ter chegado à sua aldeia. Ante a perspectiva da chegada, o mancebo redobrou as forças. A canoa saltava sobre a água ante suas poderosas remadas. Dentro em pouco, após contornar o promontório, ei-lo dirigindo a embarcação para uma pequena baía graciosamente delineada pela linha alva da praia, em contraste com o verde carregado da mataria. Já bem próximo, o guerreiro leva aos lábios o

búzio, de cujo interior faz brotar, por três vezes, o som triste e forte. Tabira desperta, assustada. Sorri, porém, descansada, ao ver a causa de seu susto. De repente, vindo do fundo da mata, um som semelhante e repetido faz-se ouvir. O moço toma a utilizar o búzio, depondo-o, depois, no fundo da canoa, voltando a remar com um sorriso nos lábios.

Na aldeia de Timbu, os guerreiros devem estar, agora, tomando conhecimento da fuga dos dois jovens. Japi não consegue conter um sorriso, ao pensar nas fisionomias surpresas e furiosas dos guerreiros, principalmente daqueles que iriam disputar a meiga Tabira. A canoa toca o solo. Pula em terra o moço, recebendo em seus possantes braços, a noiva que, carregada, é levada para a praia. Em seguida, puxa a canoa para lugar seguro e, passando o braço pela cintura da jovem, intemam-se na floresta, seguindo uma estreita trilha batida por pés humanos, o que atestava o seu constante uso. Em certos trechos, pirogas convenientemente abrigadas, apoiavam seus cascos em troncos roliços, que serviam para facilitar o trabalho de pô-las n'água. Palmilharam, ainda alguns instantes, pela mesma vereda, quando toparam com um grupo de guerreiros que vinha em sentido contrário. Estacaram, os noivos. Antecipando-se aos demais, um do grupo parou juntõ aos dois jovens, examinando, acuradamente, a companheira de Japi e sorrindo, apreciativamente, encarou-o:

— Alegro-me que Japi tenha regressado. Sentimos tua falta, mas tínhamos certeza que retornarias.

— Também senti tua falta, irmão. Vamos, porém, pois Japi tem pressa em abraçar nosso pai.

Nada mais disseram. Os guerreiros ladearam a senda, permitindo a passagem aos três jovens, acompanhando-os, em seguida. Assim caminharam até atingir um grande braço de rio. Uma enorme piroga estava embicada na areia. Tabira foi ajudada a nela entrar, seguida por Japi, o irmão e os remadores. Dentro em pouco, empurrada a canoa, ei-la que navega impulsionada por dez remadores, subindo, contra a correnteza, o rio que, embrenhando-se pela floresta, mais parecia uma avenida, cortando-a em duas partes. Viajaram, assim, algum tempo, até que avistaram, na margem esquerda, o aldeamento. As ocas espalhavam-se, uniformemente, protegidas por uma paliçada em forma de grande ferradura, voltada para a beira do rio. Estava construída a aldeia em posição estratégica, a prevenir-se de um possível ataque vindo do rio, onde os inimigos seriam, irremediavelmente abatidos. A canoa passou por vários cercados dentro d'água, em forma de currais, feitos de varas finas e atadas umas às outras, por tiras de couro. Eram rudimentares armadilhas para peixes, alimento muito apreciado.

Acorreram os habitantes da aldeia, ante a aproximação da piroga. Vestiam-se de maneira diferente dos da tribo de Timbu — embora conservassem as penas coloridas com que se enfeitavam, traziam à cintura, principalmente as mulheres, saiotos de algodão grosseiramente tecidos, ou simplesmente pedaços de pano daquela fazenda, que lhes caíam até os joelhos. Tinham modos mais brandos e ostentavam todos um sorriso franco de boas vindas ao irmão que se ausentara. Amontoados na margem do rio, apontavam e gesticulavam, rindo.

Encosta a grande canoa. Dela salta, ágil, Japi estendendo a mão para a noiva que a ele se junta. Ante a aproximação do casal, param os risos dos curiosos que, se dividindo em estreita ala, dão-lhes passagem. Os olhares se dirigem para a jovem índia — sua beleza a todos fascina. Ela sorri, como uma rainha desfilando ante os súditos. Progridem os dois jovens para o centro da aldeia, sempre entre fileiras do povo expectante. Misturando-se às ocas de palha, algumas casinhas de madeira dão uma nota, embora remota, de alguma civilização. Então, aproximando-se deles, Japi divisa dois homens trajados de negro acompanhando seu pai, o cacique. Seu rosto ilumina-se por um grande sorriso. O cacique, homem forte ainda, robusto, alto, espadaúdo, responde ao sorriso do filho, cumprimentando-o:

— Sejas bem-vindo, Japi!

E fixando Tabira, indaga:

— É esta a linda jovem que prendeu o coração de meu filho?

— Sim, pai — responde o moço, pondo o braço sobre os ombros da noiva. — Esta é a filha de Timbu, poderoso chefe do povo que vive no sertão. Ela será minha esposa, pai.

Toda a aldeia se amontoava ao redor do chefe e do filho. Um dos homens vestidos de negro adiantou-se para uma mulher e, com um sorriso franco nos lábios, tomou-lhe, carinhosamente, uma criancinha que trazia nos braços, convidando a todos que o acompanhassem. Dispersaram-se os curiosos, seguindo, obedientemente, o sacerdote, deixando a sós o chefe, o outro missionário e os noivos.

— Japi pode escolher sua cabana. Tem de ser maior, agora, já que não está mais sozinho. Alegro-me por saber que conseguiste o que querias. Mas noto, filho, uma sombra de tristeza em teus olhos. Abre teu coração, meu filho. Vem, conversemos na casa do grande Pai.

A casa do grande Pai, como chamava o chefe, era uma pequena capela construída de troncos sobrepostos, amarrados com cipó e tiras de couro. À frente da tosca igreja, erguia-se uma grande cruz de madeira. O sacerdote que os acompanhava adiantou-se e abriu a porta do pequeno templo. O seu interior bastante simples era, contudo, acolhedor. No chão, de terra batida, estavam dispostos em duas fileiras, formando uma estreita passagem no meio, vários bancos, feitos de troncos serrados, apoiados, cada um deles, em quatro pés. Ao fundo, a mesa do santo sacrifício, forrada com uma toalha alva de algodão. Imagens rústicas estavam colocadas ao lado e um grande crucifixo encimava o altar. Entraram, respeitosamente, no santuário. Tabira não se cansava de olhar, curiosamente, para tudo aquilo, novo para ela. Até que, fixando o olhar no enorme crucifixo, deteve-se, fascinada a contemplar o homem preso à cruz.

O chefe sentou-se em um dos bancos, convidando, com um aceno, o filho a fazer o mesmo. O jesuíta, notando o interesse da jovem que não despregava os olhos da cruz, aproximou-se e, pousando-lhe a mão no ombro nu, convidou-a, temamente:

— Vem comigo, minha menina.

Tabira estremeceu, despertando e, instintivamente, recuou um passo.

-7- Não te assustes. — continuou o padre — Venha, vamos ver de perto a cruz. — E apontou o altar.

A índia olhou para o noivo, que lhe sorriu, encorajando-a. Seguiu, então, o sacerdote.

— Que tem o filho de Curiatã? — pergunta o cacique a Japi.

— Pai — responde o moço, olhando nos cabelos do chefe —, ouve teu filho. Depois, faça-se tua vontade.

E o jovem tudo narrou ao pai, dos acontecimentos ocorridos na aldeia de Timbu. O velho a tudo ouvia, por vezes fechando o cenho, outras, esforçando-se por esconder e resistir a um sorriso. Quando Japi deu por encerrada a narrativa de sua história, considerou, em tom grave:

— O filho de Curiatã agiu mais seguindo o coração. Louvo a generosidade de Timbu e seu filho Iaçanã. E sinto, filho, que tenhamos de voltar a empunhar o tacape da guerra. Temos, porém, de nos defender. Os guerreiros de Timbu são bárbaros, nômades. Pouco lhes importa ter a taba hoje aqui, amanhã ali. Guerreiam por qualquer motivo. Principalmente quando a caça ao redor da aldeia escasseia. E se para o lugar onde foram já houver outro povo, guerreiam para lhes tomar a posição. Conheço muito bem aquela gente. Haverá guerra, sim, filho. Que pensas fazer?

— Não sei ainda, pai. — responde, pensativo o jovem — Minha condição de guerreiro e filho do cacique, manda que fique e lute com meus irmãos. Mas o coração diz que não, que devo partir com a esposa para longe. E, também, Japi não tem a menor vontade de se bater contra Timbu ou Iaçanã.

— Teu pai te compreende. E os dentes? Mostra-mos!

Tira Japi os três dentes da tanga e os depõe na mão do pai, que os examina,

meticulosamente.

— Que Japi tome muito cuidado. O maior tem veneno em quantidade para matar um homem. Deixe-me levá-lo ao feiticeiro para desencantar o feitiço.

— Não, pai. Eles ficarão assim mesmo.

— Por que, filho? O nosso pajé também tem poderes. Pode muito bem...

— Não sei, pai — atalha o jovem —, mas algo aqui no peito — e põe a mão fechada sobre o largo peito — diz que não, que devem ficar como estão.

— És corajoso. Toma cuidado, no entanto, com o maior: é muito aguçado e pode ferir-te.

— Tomarei.

E o mancebo dirigiu o olhar para o altar, onde o jesuíta conversava com Tabira, que parecia fascinada, sem ainda tirar da cruz o seu olhar.

— Tens receio das ameaças, filho? — quer saber o cacique, tentando com o olhar, perscrutar os pensamentos do guerreiro. Assentindo, com um gesto de cabeça, Japi responde, com algo de angústia na voz:

— Sim, teu filho desde que ouviu as palavras de Umbu e Iaçã, não é mais o mesmo.

— Amas tua noiva, filho?

— Demais. — inflama-se o jovem. — Mais que tudo, pai.

— Então, não deves ter receio. Tudo lhes correrá bem. E esse colar que farás será, apenas, um adorno para tua mulher.

— Que seja, pai.

— E que farás, então? Ficas ou partes?

— Parto, meu pai. Aqui vim apenas para avisar-te do ataque que a esta hora deve estar sendo preparado.

— Espera aqui, Japi. — diz o chefe levantando-se. — Vou reunir o conselho para que se façam os preparativos de defesa.

— Vá, eu te espero.

Saindo o chefe, Japi ergue-se e dirige-se, devagar, para onde estão o missionário e a noiva.

— Escolheste uma linda noiva, Japi — diz o padre.

— Japi sabe — confirma o guerreiro, segurando a mão da moça, que sorri enternecida.

— Mas por que foste buscá-la tão longe, filho? Não te agradou nenhuma das de tua taba? Não gostavas de Araci?

O moço fixa, por sua vez, o olhar no grande crucifixo e responde, como a falar com o Homem preso à cruz:

— Japi gostava de Araci. Mas sentia não ser ela a que deveria ser sua esposa. Nem nenhuma outra de sua tribo. Japi já conhecia Tabira, sem tê-la ainda visto.

— Mas como? — espanta-se o padre, observando a fisionomia entristecida do guerreiro.

— Japi sabia que encontraria Tabira. Ela já o tinha vindo ver, nas asas do sonho. Estava linda, com os cabelos compridos e dourados como a flor que nasce na beira do rio. Ela chamou Japi e este a seguiu até as terras agrestes de Timbu. Pela manhã, Japi seguiu o mesmo caminho que percorrera em sonho e foi bem a tempo, pois o feroz jaguar a tinha escolhido por presa. Encontrei-a encolhida, tal gazela medrosa, ante o ataque da grande fera. Japi lutou contra o assassino e, com suas mãos, o derrotou. Ajoelhou-se, depois, aos pés de sua amada, reconhecendo-a como a jovem digna de ser sua esposa.

O padre ouvia atento e admirado o relato do índio.

— Japi quis trazê-la para sua aldeia, mas ela não concordou, pedindo que Japi esperasse mais. E, todos os dias, lá estava ela à espera de Japi, até que seu irmão nos encontrou e desafiou Japi para um duelo. Lutamos e o venci. Feroz guerreiro! Valoroso adversário! Não

pude matá-lo, por ser irmão de Tabira e por saber ser seu pai um ancião, a quem passaria o tacape de cacique. Deixei-o ir com vida. Japi combinou, então, com Tabira, uma maneira de fazê-la saber a presença dele, soprando o buzio do mar — ela entenderia que Japi a esperava. E assim foi que em uma noite Japi sonhou com Tabira chorando. Correu ao seu encontro e soube que ela ia ser disputada pelos valentes guerreiros de sua tribo.

— Então, meu filho, tudo está bem, agora, já que a tens. Por que esta angústia? — perguntou o padre.

— Japi não sabe!... Japi não sabe!... — quase gritou o jovem, esfregando os cabelos, nervosamente.

— Japi esquece que Tabira está a seu lado? — indaga a moça, com toda a suavidade na voz.

O guerreiro contemplou-a, embevecido. Seus olhos encontraram-se. Os de Japi, inexplicavelmente, encheram-se de lágrimas. Suas mãos tremeram quando a apoiou rio braço da noiva. O religioso sorriu conf preensivo e deixou-os a sós, saindo da capela. O mancebo puxou, delicadamente, a amada para si e beijou-a com sofreguidão. Dir-se-ia que naquele gesto, naquela ânsia com que a beijava, procurava descobrir a causa do seu abatimento, querendo penetrar no espírito da jovem. Ao separar-se, sentia-se abatido. Tabira acariciou-lhe o rosto.

— Vamos, Japi. Tabira sente dentro de si a necessidade de tornar-se tua esposa.

— Vamos — respondeu o guerreiro, conservando a cabeça baixa.

Com um olhar de despedida ao crucifixo, a indiazinha encaminhou-se para fora, seguindo o noivo por entre as alas dos bancos da capela. Na porta, não resistindo, voltou-se e tomou a fixar o Cristo crucificado. Metamorfoseou-se — parecia que sua alma libertara-se, momentaneamente, do corpo e fôra curvar-se ajoelhada ante aquele Homem na cruz.

— Vamos, Tabira — chamou o guerreiro, já a alguns passos da igreja, despertando a jovem de sua muda contemplação.

Levando a moça pela mão, encaminhou-se Japi para a cabana do chefe, ainda reunido com o conselho. Entrou, decididamente, encontrando agrupados no centro da enorme oca, sentados em círculo, os mais fortes e valentes guerreiros da aldeia, que deliberavam com o chefe. Vendo-o, Curiatã ergueu-se, exprobrando-o:

— Filho, não sabes ser proibido a entrada de mulheres no recinto do conselho? Por que desobedece a lei?

Já os guerreiros mexiam-se, inquietos, em seus lugares.

— Perdoa, pai, mas vamos çmbora. Quis despedir-me.

— Cometeste um grave erro, jovem. — gritou de seu lugar um guerreiro. — Não achas pouco teres sido o causador da guerra que se aproxima?

Japi fixou seus olhos sobre o guerreiro e sentiu que uma onda de ira o invadia. Bradou:

— Tens medo da guerra, Araquã? Sai do recinto e vá juntar-te às mulheres que preparam a comida para os fortes.

— .Insensato! — rugiu o ofendido, levantando-se e tentando investir contra o desafiador que, por sua vez, deu também um passo à frente. O chefe, porém, intercedeu, dizendo:

— Apoio as palavras de Araquã, filho. O conselho decidiu que fostes, de fato, um insensato. Deverias ter morrido, bravamente, na aldeia de Timbu, a trazeses a guerra para nós, que já a havíamos abolido. Meu coração de pai te compreende, mas não posso curvar-me e os meus guerreiros também não o podem, ante tua insensatez. Lutaremos, pois seremos atacados, e preciso será que nos defendamos. Não te puniremos, entretanto, para que possas, depois, aquilatar o mal que praticaste. Vai, leva tua esposa e que Tupã e o grande Pai branco guiem teus passos. Deves ser forte, porque deves viver para tua esposa. Ensina a teus filhos as artes da paz e não as da guerra. Vai, como chefe nada mais tenho a acrescentar, contudo, como pai, digo-te: — Que Deus te abençoe, pois és um predestinado. Assim o disse o pajé.

Adeus, filho, e que um dia possamos nos encontrar outra vez. Cuida de tua esposa — é o único bem que possues.

Cabeça curvada sobre o peito, sente o guerreiro o ardor das lágrimas de brasa que derramam seus olhos pelo rosto, caindo em gotas a seus pés. Sente o corpo tremer. Aperta a mão da moça e, com grande esforço, ergue a cabeça, despedindo-se, sem olhar para os demais:

— Adeus, pai.

Volta-se e sai arrastando a jovem atônita, sem nada compreender. Está pálido e nervoso. Olhares curiosos dos guerreiros, mulheres e crianças fixam-se neles à sua passagem. Dirigem-se para a margem do rio, onde várias canoas estão sendo retiradas da água. Solicita uma que, imediatamente, lhe é entregue. Embarcam e já ia começar a remar, quando uma voz o chama:

— Japi. jS Espera!...

Volta-se o moço e vê, caminhando em sua direção, um dos religiosos, que se acercando da piroga, indaga, amistosamente, sorrindo:

— Para onde pensas ir, meu filho?

— Japi não sabe, ainda. No momento, só quer ir para bem longe daqui. '

— Japi, eu e meu irmão seguimos, dentro em pouco, para a grande taba dos brancos. Não queres ir conosco?

O jovem olha nos olhos do jesuíta e responde:

— Que faríamos eu e Tabira na taba dos brancos?

— Ilustrar-te-ias muito, filho. Tens necessidade de aprender, pois fazes muitas perguntas que seus irmãos não sabem responder. Lá aprenderias a língua que os brancos falam, estudaria e, nos livros, acharias todas as suas respostas. És forte, encontrarias trabalho, com o produto do qual sustentarias tua mulher e teus filhos. Nós os ajudaríamos, filho.

— Não sei, padre. Japi vai pensar.

— Vai, filho, mas não te afastes da praia. Assim, quando passarmos, será fácil encontrá-los. Então, decidirás.

— Japi assim fará.

O sacerdote passa a mão, carinhosamente, sobre os cabelos negros da jovem, que olha encantada o crucifixo pendente do pescoço do homem branco. Estende o braço e o toca.

— Quem é este homem? — pergunta.

— Este é o filho de Deus — responde, ' sorrindo, o religioso.

Tabira arregala os olhos, de espanto.

— Filho de Tupã?

— Por enquanto podes chamá-lo assim, filha. Ajuda teu noivo a resolver ir para a taba dos brancos e prometo ensinar-te tudo sobre este Homem.

Japi já tinha mergulhado o remo n'água.

— Que Deus os abençoe, filhos.

A canoa deslizou, suavemente, afastando-se, rapidamente, da margem e seguiu rio abaixo, impelida pela corrente, que, por si só, bastaria para levá-la ao seu destino. Mas o guerreiro remava com todo vigor. Tabira sentada na prôa, contemplava séria o rosto contraído do noivo.

— Japi devia estar contente — disse.

— Japi não está triste com Tabira. Está com ele mesmo.

— A tristeza de Japi é também a de Tabira. Alegra-te, guerreiro, pois que vais possuir a virgem filha de Timbu. Tabira sente em si a necessidade de unir seu sangue ao teu, leal Japi. E tem pressa que isto aconteça, pois quer apagar de teu rosto este manto de tristeza.

O guerreiro abaixou a cabeça, nada respondendo e, instintivamente, aumentou o ritmo das remadas. Com a correnteza os ajudando, rápido chegaram ao ponto onde tinham embarcado

para a aldeia. Encontraram a grande embarcação que os levava, trazida de volta pelos guerreiros que se incumbiam da vigilância naquela parte. Foram cercados pelos atentos vigiladores que os reconhecendo deixaram-nos passar, sem indagações. Porém, o irmão de Japi consultou-o:

— Japi nos deixa, outra vez?

— Assim é necessário, irmão. Vai, volta à aldeia, pois estão em preparativos de defesa contra a guerra que se aproxima. Cuida bem do cacique nosso pai.

— Guerra? — pergunta, incrédulo, o irmão.

— Sim. Mas Japi tem pressa, nada te pode adiantar. Regressa, pois, com teus guerreiros.

E segurando o braço do irmão:

— Adeus, Japiri. Sê forte.

— Adeus, Japi — responde o irmão.

VI A recompensa do guerreiro

Japi, segurando Tabira pela mão, caminha depressa pela praia, afastando-se, rapidamente. Seus pés vão imprimindo na areia um rastro que se perde mata adentro, no local de onde haviam saído. À sua frente, a linha branca da praia se estende a perder de vista, acompanhando o verde da floresta. O sol, bem acima de suas cabeças, no seu zénite, dardejava seus raios de fogo ardente. Andaram sem parar até que o astro rei, ao longe, já se deixava ver perto da linha do horizonte. Seus corpos brilhavam, suarentos. Tabira estava extenuada — seus pequenos seios arfavam, levantando os cabelos que sobre eles caíam, displicentemente. Por fim, pararam.

— Aqui ficaremos, linda Tabira.

— Tabira já não aguentava andar mais, Japi.

— Vamos, entremos na floresta. Adiante há um lago, refresquemos nossos corpos.

E seguiram os dois jovens, penetrando na mata. Andaram por pouco temp, até que ouviram o ruído característico de uma queda d'água. Atingiram, - então, o sopé de um morro relvado, do alto do qual se derramava uma estreita cachoeira, cujas águas caíam formando um pequeno lago embrechado na vegetação rasteira. Atiraram-se, os dois, à lagoa fria e acolhedora, restaurando as forças perdidas. Esqueceu-se Japi, temporariamente, de suas tristezas. Como duas crianças brincaram e riram, lançando água um no outro, até que, cansados dos folguedos, resolveram sair da água.

Os pássaros, presentindo o fim de mais um dia, procuravam, em bandos, os galhos das árvores onde se iriam abrigar até um novo amanhecer. Estenderam-se os noivos na relva macia, permanecendo, por instantes, silenciosos. Japi, debruçando-se sobre o corpo da amada e apoiando sua cabeça sobre seu musculoso braço, pôs-se a contemplá-la. Seus olhos encontraram-se e falaram a linguagem muda do amor. Os peitos uniram-se num arquejar ritmado pelas emoções crescentes. Era o desejo que assomava. Era o grito da carne que se fazia ouvir nas profundezas de seus corpos. Seus lábios tremeram, suas mãos encontraram-se. Instintivamente, foram se aconchegando um ao outro. Os braços da jovem envolveram o pescoço do noivo, puxando-o contra si. Suas bocas colaram-se num beijo longo, profundo ...

Subitamente, porém, Japi afasta-se. Sua fisionomia exhibe a máscara de profunda melancolia. Fica pensativo.

— Que houve com Japi? — pergunta Tabira, com a voz entrecortada pela emoção.

— Japi lembrou-se...

— Lembrou-se? De que?

— Espera aqui, linda Tabira, Japi logo volta.

Erguendo-se, o moço pôs-se a correr para a mata, desaparecendo. Andou examinando os

cipós, que pendiam das árvores e achando os que lhe serviam, arrancou-os de um golpe, unindo-os em três fios, trançou-os, cuidadosamente. Depois, tirando da tanga os três dentes, começou a fabricar o colar prometido. Sem saber por que, sentia-se triste. Pronto o adorno, voltou, correndo para a companhia de sua amada. À sua chegada, Tabira levantou-se. Sério, segurando o toco adereço com as duas mãos, como cumprindo um ritual sagrado, Japi, trêmulo, passou-o pela cabeça da moça, deixando-o descansar sobre seu colo, ficando os dois dentes menores roçando, suavemente, os seus seios, enquanto que o do meio, o maior, afundava-se no espaço entre eles. Tabira, que tudo desconhecia, olhava-o, nos olhos, enlevada pelo ar solene e grave do amado. Um soluço brotou das profundezas do ser de Japi que, como eletrizado, abraçou-se à noiva, apertando-a contra si, como que temendo que ela desaparecesse. Quedaram-se, assim, por instantes. Largando-a, o índio afastou-se para a grama macia, que circundava o pequeno lago, deixando-se ficar sentado, com os olhos fixos na água. Tabira a ele se achegou, e colocando-se ao seu lado, abraçou-o:

— Japi está triste... — disse em voz queixosa. — Que pode Tabira fazer para alegrá-lo?

O moço fixou-a nos olhos e respondeu, correspondendo a seu abraço:

— Perdoa Japi, Tabira. Ele reconhece não ser este o momento para entregar-se à tristeza.

Acariciou os cabelos da jovem, suas mãos desceram, como que escorregando, pelo pescoço, espalmando-se ao redor de um dos seios morenos. A lua já começava a dourar, com sua luz, as folhas das árvores. Tudo era silêncio na mata. Apenas as respirações ofegantes do par trocando carícias eram ouvidas. Abraçaram-se, fortemente, e Japi, exercendo suave pressão, foi curvando para trás o corpo da moça, até deitá-la, de costas, na relva. Debruçou-se sobre ela, beijando-a sofregamente. Seus corpos integraram-se, rolando unidos no capim macio. Eram dois seres, duas criaturas de Deus que se enleavam, que se identificavam com a natureza, a Natureza-Deus, para o sublime momento do amor — amor casto e puro, amor obrigação para a perpetuidade da raça. Jungidos no mesmo abraço, adormeceram alheios a tudo quanto ao seu redor acontecia. Um cão selvagem, que para ali dirigiu-se a fim de saciar sua sede na lagoa, passou como que, sorrateiramente, para não perturbar o sono dos dois amantes. Até a lua ocultou-se num manto negro de nuvens, estendendo um lençol de suave negror sobre os dois adormecidos.

O canto da passarada os despertou pela manhã, prodigalizando-os uma maravilhosa sinfonia de gorgeios. Um beijo selou-lhes os lábios, num cumprimento ao novo dia. Tabira levantou-se, sacudindo a vasta cabeleira, olhou sorridente e feliz para o companheiro, agora seu esposo, que também se levantara. Curvando-se, arrancou de um golpe, a tira de penas vermelhas que lhe circundava a perna e apresentou-a a Japi. Estampando na face intensa felicidade, o jovem recolheu nas mãos o adorno, que representava o símbolo da virgindade, e dirigindo-se para a praia enrolou-o à haste flexível de uma flecha, ajustando-a no grande e poderoso arco — seus braços distendem a corda da arma, fazendo-a curvar-se ao máximo. Então, solta a flecha, que, livre corta os ares com um silvo de adeus, descrevendo uma parábola, e indo cair longe, bem longe, no seio das águas do mar calmo. A jovem a ele se aconchega. Abraçam-se e beijam-se.

— Japi está feliz, agora? — pergunta a moça.

— Sim. Japi agora encontrou a felicidade que tanto perseguiu; que, como veloz corça, sempre escapava ao caçador. Agora, Japi está alegre, pois já não se sente só.

— E que faremos, agora, esposo de Tabira?

— Japi pensou muito e achou por bem esperar os dois homens brancos e com eles ir para sua grande taba. Não podemos ficar aqui, minha esposa, pois não teríamos o sossego que queremos, uma vez que sempre podemos nos encontrar com os guerreiros de Timbu, com os quais Japi teria de lutar. Assim, seguiremos para a taba dos brancos, onde Japi tudo fará para

a felicidade de Tabira.

A jovem abaixou a cabeça. Seus olhos perderam o brilho natural, por momentos. Notando a transformação, o guerreiro pergunta:

— Tabira ficou triste? Não quer ir para a grande taba dos brancos?

— O lugar da esposa de Japi é ao seu lado. Irei onde ele for.

Abraçando-a, o índio insiste:

— Japi viu a tristeza nos olhos de Tabira e quer que ela lhe diga o motivo.

— Tabira não sabe... Talvez um mau espírito incutindo coisas erradas no coração de Tabira.

— Que coisas?

— É como se Tabira algo se lembrasse sem saber o quê, Japi. De repente, ela teve um mau pressentimento.

Sorrindo, beija o guerreiro, acrescentando:

— Mas, já passou. Tabira vai onde Japi for.

— Que seja. Agora, Japi vai construir uma oca na praia, para que, quando por aqui passarem os homens brancos, vejam Japi e o venham receber. Enquanto Japi vai buscar galhos para a oca, Tabira irá tecer as cordas para os prender.

Segue a jovem, então, para a orla da mata, onde procura e acha finos fios de fibra que pendem de grandes árvores e os começa a colher. Japi, embrenhando-se mais, vai juntando em feixe todos os galhos que encontra no caminho. Quando regressa à praia, já acha a esposa atarefada na confecção das cordas. Começa, então, a trabalhar, cavando, com as mãos, buracos na areia, enfiando os galhos, até dar a forma de uma cabana quadrada. Ata, fortemente, os finos caibros com a corda tecida pela esposa e depois volta ao seio da mata, de onde surge logo mais, com grandes folhas de palmeira secas, com as quais cobre a pequena habitação.

— Aqui ficaremos, Tabira, até a passagem dos homens brancos. Esta será nossa casa.

— Assim será, Japi.

Forra o jovem, com um monte de palha seca e musgo macio, o interior da cabana e depois parte em busca de alguma caça. Tabira fica só, passeando pela praia, e sem saber explicar, certos e estranhos pensamentos a afligem. Sente-se esquisita. Um peso no peito, uma sensação de perigo, que quer evitar, mas não consegue. Senta-se, então, na areia, e fica brincando com os dentes do colar. Tira-os do pescoço e examina uma a uma as presas agudas. Nisso vê o espôso. A moça sorri, esquecendo-se, momentaneamente, dos pensamentos confusos, e corre para ele, tirando-lhe das mãos as enormes aves. Ao lado da cabana, Japi dispõe alguns gravetos secos misturados com certas algas marinhas e, friccionando um pequeno galho roliço, no centro da mão, com outra madeira, consegue fazer fogo, cujas labaredas tremem alegremente, lambendo os gravetos. Dentro em pouco estava pronto o rústico fogareiro. As aves, limpas pela jovem, foram enfiadas em uma haste de fino galho, que descansou sobre duas forquilha, por cima do fogo, que as ia assando, uniformemente, à proporção em que iam sendo volvidos de um para outro lado. Dividiram uma e guardaram a outra para a próxima refeição. Depois saíram a passeio pela praia, nadaram alegremente, felizes como duas crianças brincalhonas. À noite, à luz das estrelas e da lua, que transformara em prata a imensidão do oceano, Japi deitado de costas, tendo a cabeça apoiada no regaço da esposa, recebe no rosto seus afagos carinhosos. De repente, Tabira pergunta:

— Como Japi encontrou estes dentes?

Estranhamente, o moço sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Olhou a esposa e respondeu, esperando pôr termo ao assunto:

— Foi o pai de Tabira quem os deu a Japi.

— Para que?

— Para que Japi fizesse um colar para Tabira.

Acariciando os dentes, a jovem continuou:

— Mas, por que dentes tão grandes, Japi?

O guerreiro lembrou-se do maior, cujo veneno dava para matar um ser humano e sentiu-se forçado a confiar a história do colar à jovem. Terminou, recomendando cuidado com o impregnado de veneno. Tabira ouvira tudo, sem dizer palavra. Depois, beijou o moço na testa e interrogou:

— Japi pensa em abandonar Tabira?

Levanta-se o jovem, sentando-se junto à esposa, que enlaça fortemente. Beija-a.

— Não, Tabira é quem sempre Japi procurou. Ele nunca a abandonará.

— Então, Japi não tem razão para ter medo da feitiçaria de Igaraci.

— Japi não tem medo e, sim, uma coisa que não sabe explicar. Japi às vezes pensa que já passou por tudo isto e teme que possa fazer algo errado. Mas não sabe o quê.

— Que Japi não pense mais nisto. Japi tem Tabira e Tabira, Japi. Por que deixar que a tristeza venha também morar conosco?

— Tabira diz a verdade — concorda o jovem, abraçando-a e, suavemente, puxando-a para trás, deitando-se ambos de costas na areia macia. Assim ficam, por muito tempo, mudos, fitando o céu estrelado.

— Falta pouco para que Tupã envie as grandes chuvas — quebrou o silêncio o jovem. — Quando elas chegarem, já Tabira e Japi estarão na taba dos homens brancos.

— Tabira não quer ir.

O jovem vira-se, beija a mulher e pergunta:

— Por que? Se Tabira não quer ir, Japi não irá.

— Não. — sorri a jovem. — Tabira não quer, mas deve ir. Ela sabe que precisa ir, pois sente que é preciso.

— Japi fará o que Tabira desejar.

— Então, esperaremos os dois homens brancos e com eles seguiremos.

VII O início de uma nova jornada

Os dias se passaram sem novidades, os dois jovens desfrutavam a felicidade de estarem juntos e pertencerem um ao outro, se bem que, por vezes, a índia ficasse pensativa sem causa aparente. A isso, Japi atribuía a saudade da terra que a vira nascer, saudade esta que ele também já sentia. Assim, no quinto dia, eis que surge no horizonte, como uma enorme asa branca, algo que faz o coração do moço pulsar rápido. Apontando em direção ao objeto que se aproximava, falou:

— Eis Tabira, que chegam os brancos.

— O que é aquilo? — pergunta a jovem que nunca tinha visto antes uma embarcação a vela.

— É a grande igara dos brancos. Aquela asa da cor das nuvens, a faz voar por cima das águas. Vamos, Tabira, vamos ao seu encontro.

E o moço correu, atirando-se às águas mansas do mar. Tabira porém, lançou antes um olhar de despedida para a floresta querida, após o que, com o semblante carregado, foi também lançar-se ao mar, nadando ao encalço do esposo, que já muito se adiantara. A embarcação era uma espécie de batelão, armado com duas enormes velas. Seu timoneiro, ao notar as duas figuras que nadavam em sua direção, virou de bordo, atravessando a nau, fazendo as velas rufiarem, batidas pelo vento, em sentido contrário e esperou que os dois índios se acercassem. Atingindo o costado da embarcação, Japi subiu ágil para bordo e curvou-se, estendendo a mão à esposa, que a ele se reuniu. Um dos sacerdotes aproximou-se, sorrindo e exclamou:

— Graças a Deus os encontramos, Japi!

— Japi disse que esperaria.

— Sim, mas tememos não encontrá-los.

— Houve a guerra?

O missionário curvou a cabeça sobre o peito e respondeu, verdadeiramente sentido:

— Houve, Japi. Tremenda e feroz guerra...

Tabira avizinhou-se, interessada. O religioso sorriu para ela e continuou:

— O povo de Tabira tentou, corajosamente, atravessar o rio. Os únicos que o conseguiram — seu pai e seu irmão — foram mortos, indo seus corpos juntarem-se ao incalculável número de cadáveres dos guerreiros de sua tribo, que juncavam suas águas. Teu pai diligenciou, por todos os meios, no sentido de evitar o combate, chegando a enviar teu irmão, Japi, para parlamentar. Devolveram o corpo do inditoso moço todo dilacerado. Não houve jeito, senão lutar para defender a taba. Os guerreiros de Timbu pareciam ter enlouquecido. Vez por outra o nome de tua esposa era proferido. Nuvens de flechas cortavam os ares de um para o outro lado. Dos teus, poucos morreram, mas dos de Tabira, quase nenhum escapou. Creio ter sido o fim daquela tribo.

Japi ouviu o relato, atento. Instintivamente, passou o braço sobre os ombros da esposa que, como somente esperasse aquele gesto, desatou em copioso pranto. À mente de Japi destacou-se a promessa de Iaçanã — parecia estar diante dele, ouvindo. Tremeu. O religioso os levou para o interior do barco, fazendo-os descer por uma escotilha, atingindo, assim, uma ampla sala, em toda a largura do barco. Uma mesa, fixa à parede, cercada de bancos, estava posta, com frutas, legumes, pão e uma vasilha com vinho. O frade encheu dois copos de metal com aquela bebida e entregou-os ao par.

— Bebe, Japi, isto te fará bem. E tu, também, Tabira.

Sentaram-se os dois jovens e ingeriram a bebida reconfortante. Do peito de Tabira, a cada instante, partia um soluço. Japi a abraçava, como que querendo transmitir forças ao corpo trêmulo da esposa.

— Fiquem à vontade, meus filhos. Dentro em breve chegaremos à Cidade do Salvador, a grande taba dos brancos. Vocês serão felizes lá. Agora, tenho que subir, pois meu irmão precisa de ajuda para manobrar o barco.

Virando-se para Tabira, disse, tirando do pescoço o crucifixo:

— Toma, minha menina, Ele te consolará.

Com mãos trêmulas, a índia segurou, avidamente, a pequena cruz, na qual, pregado, Jesus Cristo parecia-lhe sorrir em meio a tanto sofrimento. Apertou contra o peito a cruz e olhou enternecida para o esposo:

— Tabira não tem mais ninguém; só Japi...

— Japi será tudo para Tabira: será seu pai, sua mãe, seu irmão. Japi tudo fará para que Tabira sorria de novo.

— Tabira assim espera, querido Japi, pois sente que sem ele, morreria.

— Tabira será feliz. Japi promete.

E, acariciando os cabelos da esposa, convidou-a:

— Vamos. Tabira deve dar seu adeus à terra.

Subiram os dois as escadas e atingiram o convés. Um dos sacerdotes, o que estivera com eles, enrolava grossa corda. Sorriu vendo-os chegar, sem nada dizer. Alguns volumes, bem amarrados, enchiam o tombadilho. Na popa, em um pequeno castelo, o outro religioso manobrava grande roda, dirigindo o barco.

— Salve, Japi! — saudou o sacerdote. Vais gostar da casa dos brancos, tu e tua esposa.

— Japi assim espera — respondeu o índio, caminhando pelo convés, seguindo a esposa, que se debruçou na amurada, a contemplar, ao longe a floresta. Cada vez mais iam se

distanciando, cada vez mais o mar os separava da terra querida. A moça sentiu um aperto no coração. Pressentindo, Japi abraçou-a com carinho e mudos permaneceram a fixar o contorno da mata, como que envolta no colar alvo da praia, que a acompanhava.

Foram despertados pela voz do sacerdote que os recebera. Trazia ele nas mãos uns calções de brim grosso, que estendeu a Japi, explicando:

— Veste isto, Japi. De agora em diante não deves mais andar assim despido. Arranca da cabeça essas penas, pois, conyém-te que, se possível, esqueça-te do índio que foste.

Japi recebeu a roupa, examinando-a cuidadosamente e vestindo-a, em seguida. Não gostou. Sentiu-se como se lhe tivessem tolhido os movimentos. Fez uma careta de desgosto. O missionário sorriu:

— Não te preocupes. Acostumar-te-ás logo.

— Japi aceita a roupa, mas jamais tirará da cabeça o sinal do guerreiro.

— Está bem, está bem... — concordou o jesuíta. Depois, pensarás melhor.

Estendeu então a Tabira um vestido alvo, todo rendado.

— Toma, minha menina. Estas vestes pertenceram a uma jovem do teu porte. Com ela, realçarás ainda mais tua beleza.

Tabira arregalou os olhos, apalpando o tecido leve e macio. O vestido era conjugado a uns calções de pernas estreitas, que se mantinham encobertos sob a saia ampla, quando usada a indumentária. Tabira não conseguiu vesti-lo. As penas de sua tanga dificultavam a passagem das pernas roliças através do calção. Ante a impossibilidade de tal tarefa, olhou para o esposo, que sorria, divertido e curioso. Vendo-a confusa, Japi pegou do fino cipó que sustentava a tanga da índia e o partiu de um golpe, deixando-a escorregar, suavemente, até seus pés. Completamente despida, Tabira, com toda a naturalidade, mostrava-se aos olhos do sacerdote, em toda a pujança de sua formosura. Sorrindo, graciosamente, começou a enfiar as pernas no calção, até aue, ajudada pelo padre, conseguiu realizar o intento. Já vestida, volveu o olhar para os dois homens, rindo. O vestido caíra-lhe muito bem, realçando, com sua brancura, a tez morena da jovem. Japi ficara mudo de espanto. Inexplicavelmente, surgiu-lhe na mente a criança loura do sonho. O padre estava satisfeito.

— Japi gosta? — perguntou a moça, quebrando, assim, a cisma do esposo.

— Sim, Tabira está linda.

VIII Descobrimdo a Reencarnação

O barco singrava, velozmente, o oceano, com suas duas velas enfunadas. A linha da costa, já muito distante, tomara uma cor acinzentada, no fundo azul do céu. Enquanto navegavam, Japi ia aprendendo tudo quanto se relacionasse com a marinharia. Os sacerdotes se revezavam nas respostas às indagações do jovem, ensinando-o a manobrar as velas, o cordame e, mesmo, como guiar o barco. À noite, instruíam-no a se orientar pelos astros, concomitantemente, aos ensinamentos elementares da língua dos brancos. Inteligente e interessado em aprender, o moço tudo assimilava com espantosa rapidez, deixando, por vezes, atônitos os dois religiosos.

Certa ocasião, em que tomavam os dois aulas sobre religião, nas quais Tabira se engolfava de corpo e alma, Japi fez uma pergunta que desconcertou os dois padres. A noite estava bonita e fresca. Todos reunidos no convés, sentavam-se no chão, enquanto o barco velejava, firmemente, sobre as águas calmas. De repente, Japi consulta:

— Irmão, — aprendera, de imediato, esta expressão, da linguagem dos dois sacerdotes e no seu palavrear, misturava a própria língua com alguns vocábulos da portuguesa — quando morre um guerreiro, sua alma toma a voltar no corpo do filho?

Os dois sacerdotes entreolharam-se, surpresos.

— Não, Japi. Quando um homem morre vai direto para os braços de Deus, para o descanso eterno.

— Então, Japi quando morrer não voltará mais a ver sua floresta, nem sua mulher?

— Aqui na terra, não. Mas a verás quando ela também for para o céu.

A fisionomia do índio modificou-se. Ficou calado, por instantes. Depois, levantando-se, foi até a amurada e ali, encostando-se, virado de frente para os três companheiros, discorreu:

— Não, Japi tem certeza de que não é assim. Japi já esteve em outros lugares, e Tabira também. Japi sente isto aqui no peito.

Novamente, trocaram um olhar, os sacerdotes.

— Japi lembra-se. Japi sabe que antes de nascer nesta floresta já havia estado em outras terras.

— Mas, Japi, como você pode ter tanta certeza?

— Quantas estrelas tem o céu? — pergunta o guerreiro, olhando os inúmeros pontos luminosos acima de sua cabeça.

Sorri o interlocutor:

— Muitas — responde.

— Japi quer saber quantas.

— Não sei...

— Além das que Japi pode ver, existem outras?

— Naturalmente, que sim — responde o missionário interessado e admirado, ao mesmo tempo.

— Irmão tem certeza?

— Claro, Japi.

— Então, Irmão tem certeza de que existe estrelas que não vê, por que duvidar de Japi, quando ele diz ter certeza de já ter estado antes em outras terras?

O argumento simples do mancebo selvagem e a convicção com que o defendia, admirou os sacerdotes. Quedaram-se a olhar o índio. Percebiam dentro de si a veracidade das palavras do gentio e espan- tavam-se como e por que ele, um mero homem das selvas, podia sentir aquilo e fazer tal comparação — simples, mas que não lhes deixava uma saída plausível.

— Irmão não quer mais falar?

— É tarde, Japi. Convém que, agora, durmas. Tua esposa deve estar com sono.

— Quando chegaremos à taba dos brancos? — pergunta Tabira.

— Se o vento continuar favorável, amanhã ao meio-dia já estaremos avistando a costa. Agora, vão, vão dormir.

Afastaram-se os dois jovens, descendo a escada da escotilha. Os religiosos permaneceram olhando um para o outro.

— Que achas, irmão Pedro, das explicações do índio?

— Creio a mesma coisa que tu, irmão.

— Crês na hipótese das vidas sucessivas?

— Não tiveste diante dos olhos uma prova?

— Mas posso considerar as palavras do bugre como prova?

Sorri o outro religioso, respondendo:

— Junta-as às que já tiveste... São muitas, não?

— Falas como se acreditasse, piamente, irmão Pedro.

— E creio, irmão Felipe. Até não me agasto em te dizer. A alma é imortal, é livre, pode tomar ao corpo humano tantas vezes quantas sejam necessárias.

— Em Portugal não dirias tais palavras, nem defenderias tal tese.

— E nem poderia. Para pesquisar, tenho que ter o corpo sadio, forte e °não

torturado, alquebrado por nossos irmãos menos esclarecidos.

— Espera, irmão, a conversa se faz interessante. Deixa-me ir em busca de um cangirão de bom vinho.

— Boa idéia, irmão, fi um crime dormir-se com tão bela noite.

Afasta-se o irmão Felipe, para regressar, logo mais, sobraçando uma vasilha bojuda de vinho por eles mesmos fabricado. Torna a sentar-se pondo a garrafa entre eles. O irmão Pedro serve-se de um bom gole, estala a língua de encontro ao céu da boca, estende a vasilha para o companheiro e volta a falar:

— Que achas, irmão, das palavras de Japi?

— Confesso que me deixaram perplexo. Nunca esperei tais explicações vindas de um gentio.

— Por aí vêes que até entre os povos ignorantes das leis de Deus que professamos, existem normas religiosas que, embora diferentes nas maneiras e nos nomes, são idênticas às nossas, conquanto mais simples, pois sem interesses ocultos, e, em consequência, mais verdadeiras. E quero crer que são mais aquinhoados com a bondade do Padre Eterno, pois vivem cercados dos maiores perigos, na terra selvagem em que habitam.

— São filhos da Natureza, irmão. Em contato direto com ela existem, por ela são protegidos — têm, portanto, maior tato.

— E sobre a teoria da reencarnação, que acha o irmão Pedro? — pergunta padre Felipe, servindo-se de mais um gole.

A esta pergunta, o irmão Pedro levanta-se, tesa uma corda da vela grande, ata-a, fortemente, e voltando-se a sentar-se, responde:

— É a mais aceitável das teorias, irmão. E é necessária. Negan-do-a, estamos negando também a existência de Deus ou estaremos aceitando um Deus monstro, devorador de almas, um Deus vingativo, terrorífico...

— Como assim?

— Qual o pai, irmão, que deseja ver o filho queimado, perdido para sempre? Compreenda que nossa fé, nossa religião, age como madrasta, condena os filhos de Deus, com a anuência Deste, às penas eternas do inferno, onde viverão entre sofrimentos terríveis. Qual o pai que condenaria o filho a tal pena?

— Mas, irmão, que tem a ver tal prática com a reencarnação?

— Muito. A reencarnação é a base de tudo. É o desmentido total e inexorável de certas leis que a nossa igreja teima em professar. Deus, como pai amantíssimo, não quer o sofrimento eterno do homem, seu filho. Assim, dá-lhe tantas oportunidades quantas sejam necessárias para sua salvação. Não há inferno, nem outros lugares de expiação.

— E tais oportunidades se resumem...

— No retomo à terra, único lugar onde o mal praticado anteriormente, passa a ser corrigido.

— É fascinante tal hipótese ...

— E verdadeira, irmão.

— Perigosa, também ...

— Sem dúvida. Enquanto existirem por trás de nossa religião, interesses dúbios, haverá sempre perigo para o livre-pensador.

— Que nunca te atrevas a externar tuas opiniões* a outra pessoa que não eu, irmão Pedro.

— Não o farei, padre Felipe, mas em breve a razão vencerá. Então, certos dogmas de nossa religião cairão por terra.

— E que achas também da volta dos mortos, ou melhor falando, da manifestação destes?

— A mais santa das verdades. A propósito, perto das Portas do Carmo existe um

alferes que recebe comunicações e tem mesmo resolvido muitos problemas.

— Já ouvi qualquer coisa a respeito. É bem possível, porém, que o nosso alferes já esteja no mais fundo calabouço de uma prisão qualquer. O nosso bispo é homem decidido e não tolera o que ele chama de feitiçaria, obra do demônio, etc...

— Chegará o dia em que, certamente, vai querer enviar tropas às aldeias indígenas, a prender seus feiticeiros.

Riram ambos e levantaram-se. O vinho havia sido consumido até a última gota.

— Bem, irmão, deixa-me dormir por minutos, pois que sou mais velho que tu — disse padre Pedro.

— Tens o direito, irmão. Eu cá não me venço assim pelo sono. Prefiro dormir ao dia. E bem que o nosso Japi já pode segurar a roda do leme, pois que é inteligente o bugre.

— Inteligente demais para um gentio. Notaste que ar decidido e olhar orgulhoso?

— Sim, mais parece ser um intelectual franco, disfarçado em selvagem.

— É bem possível, é bem possível...

— Até logo ao raiar de um novo dia, irmão.

— Que tenhas bons sonhos, padre Pedro.

O velho padre dirige-se à proa da embarcação, onde forra o chão com um fino colchão que tirara de uma espécie de armário. Deita-se e, ajudados pelos vapores do vinho, adormece.

Logo aos primeiros raios do sol, Japi estava de pé. Deixando a esposa ainda adormecida, sobe ao convés. Vai encontrar padre Felipe às voltas com uma corda que se soltara da vela mestra, fazendo-a inclinar-se demais contra o vento.

— Bons olhos te vejam, Japi. Estava mesmo a precisar de ti.

E (ò sacerdote explicou-lhe o problema. Japi ouviu as explicações atento e, imediatamente, encaminhou-se para o mastro que sustentava a vela, por ele marinando agilmente. Dentro de poucos minutos, a corda novamente estava presa a seu lugar e a ela obedecia, docemente, ao comando. Desceu o índio, velozmente.

— Muito bem, Japi — eu não poderia ter feito melhor. Espan- tas-me com tua inteligência. Pareces tão familiarizado com tudo... Onde está tua mulher?

— Dorme ainda. Logo estará aqui.

— Queres comer?

— Japi espera Tabira.

— Ora, muito bem. Sabes o que é o amor, Japi?

O moço sorri e levanta a cabeça altivamente:

— Duas pessoas se encontram. Quando ambas acham não poder viver sem a outra, isto é o amor.

— Muito bem — bate palmas o sacerdote, entusiasmado com a simplicidade elucidativa do jovem. E se anima a explorar os conhecimentos do índio.

— Eu, Japi, não posso amar como tu amas.

— Por que? Japi não compreende.

— O amor que me é permitido é todo renúncia, Japi. Não podemos, eu e o irmão Pedro, ter uma mulher, ou ter filhos. Amamos, mas o coração somente.

— Por que?

— Porque somos sacerdotes, somos religiosos, e nossa religião não permite que tenhamos uma esposa.

— Irmão, certa vez, pediste para casar Japi com Araci.

— Sim, lembro.

— Então, podes casar outras pessoas?

— Sim.

— Teu Deus, o Deus dos brancos ordena que assim seja?

— Sim, Japi.

— Se casas os outros, seguindo o que teu Deus te ordena, por que não te casas a ti mesmo? Não pertences aos homens brancos?

O sacerdote, cada vez mais, se admirava. Deixou, porém, que o moço prosseguisse.

— Sim. — respondeu.

— Então, Japi não compreende. Quem disse para crescer e multiplicar?

— Deus.

— Para quem?

— Para os homens, seus filhos.

— E não és homem?

Sorriu, temamente, o religioso.

— Se teu Deus te ordena algo e tua religião o condena, quem pode mais? Ela ou teu Deus? O Deus de Japi é um só. Ele faz tudo. Nada nos proíbe. Pensa, irmão, se todos os homens fossem como tu?

— Tens muito que aprender, meu caro Japi, muito embora aprove a tua maneira de ver as coisas. Tua filosofia me encanta. Por Deus que estás destinado a muitas obras. És diferente dos demais. Creio até, agora mais do que nunca, que o irmão Pedro está muito certo em suas teorias. Espero poder um dia te dizer sinceramente o que penso da religião que professo.

— Tens pai, ou mãe, irmão?

— Já tive, Japi. Já não existem.

— Es só.

— Sim, completamente só.

— Então, quando fores te reunir a teus parentes, nada mais de ti ficará para lembrar-te o nome?

— Nada, filho. — respondeu, tristemente, o padre.

— Ah!... Japi não pode entender. Sente como se em sua cabeça duas tribos se guerreassem. Não pode, irmão. O homem não deve apenas passar pela vida sem deixar seu rastro, seu nome no dos filhos. O pai, de Japi quando morrer, um filho o substituirá. Quando o filho morrer, o filho do filho tomará seu lugar. £ todos, nas noites de lua, cantando seus feitos, se recordarão daqueles de quem descenderam. Não podes ser feliz, irmão.

— Japi, quem te ensinou tanta coisa?

— Irmão Pedro ensinou algumas. Com estas, Japi pode encontrar as outras.

— ■ Ah! tomas por base os ensinamentos do irmão Pedro?

— Sim.

— Mas foi tão pouco, Japi.

— O resto Japi já sabia.

— Como?...

— Tabira ensinou.

— Tabira? — espanta-se o religioso. — Mas ela parece saber muito menos que tu!

— Sim, mas quando ela apareceu a Japi, em sonhos, sabia muitas coisas lindas, que ensinou a Japi.

— Deus meu, que me dizes?

— O que ouviste, irmão.

— E achas isto tão natural, filho?

O jovem ia responder, mas o aparecimento do padre Pedro o interrompeu. Encarou-o, altivamente, como um rei recebendo um súdito.

— Eh! Japi. Sempre que te vejo assim, sinto uma estranha vontade de curvar-me a teus pés. És um rei?

— Sou um homem — responde o índio.

— És sim. E, como!...

— Ah, que os vapores do generoso vinho me fizeram dormir mais do que queria.

— E que perdeste, irmão!

— Algo?

— Precisavas ver o gentio falar. É deveras um homem muito inteligente.

— Eu sei. Não vias como se distinguia dos demais da tribo?

Japi fora ter com a esposa, que ainda dormia.

— Sim, como era estranho! Parecia estar ali por ser obrigado.

— Sim, esta é a explicação. Em hipótese alguma é concebível que um selvagem, nascido nestas brenhas, possa ser tão generoso, tão altivo, tão inteligente — uma inteligência vinda não se sabe de onde, e que o destacava dos demais. Não, em verdade, irmão Felipe, estamos diante de um espírito desterrado de seus domínios, encerrado no corpo deste índio. É a verdadeira lei de Deus, caro irmão Felipe. É um espírito que regressa ao corpo material, para mais um ciclo de aperfeiçoamento.

— E a índia? Ela o visitava em sonhos.

— Sim, sim. Isto quer dizer que não podem estar separados. São, quem sabe, irmão, almas geminadas, presas pelos laços do amor, este amor cantado em prosa e verso, casto, puro, sublime amor...

— É verdade, irmão. Veja seus modos. Não tomam conhecimento de nossa presença, como se fôssemos nós quem a eles prestassem obediência. Notaste o seu olhar? O seu ar severo, mas gentil?

Coçando a cabeça, responde o religioso:

— É, estamos, sem nenhuma dúvida, diante de um desses casos que desconcertam — um caso que podemos chamar de reencarnação

Chega o índio conduzindo Tabira pela mão. Os dois religiosos param a conversa. A índia vem sorridente, bela como uma flor que abre suas pétalas, para receber o orvalho da madrugada.

— Bom dia, menina — saúda um dos jesuítas.

Tabira os examina com os olhos, numa postura admirável de rainha.

— Bem, já que estamos todos reunidos, vamos ao desjejum — convida padre Pedro, chamando, com um gesto, o casal para que o siga. Descem ao pequeno compartimento do castelo de popa, onde, em uma mesa já preparada, está a refeição composta de pão e fatias de carne. Comem em silêncio. O religioso repara nas maneiras de Japi, muito pouco comuns em um índio, de servir-se à mesa. Nada comentou, entretanto; apenas observou. Terminada a refeição, voltam para o convés, levando o jesuíta a porção para o companheiro responsável pelas manobras do barco.

O vento continuava favorável, fornecendo a força necessária para que a embarcação singrasse velozmente o mar. Assim, eis que perto do meio-dia, passam por uma ilha muito comprida e, em seguida, avistam, ao longe, a costa acinzentada da grande cidade dos brancos. Todos correm para a prôa, a ver a cidade em que iriam aportar. Dentro em pouco já seu relevo pardacento tornava-se visível, deixando distinguir suas construções, dispostas como num imenso presépio. A mastreação dos barcos ancorados, assemelhando-se a imensos espinhos apontados para o céu, misturava-se ao conjunto das torres de algumas igrejas. Aproximava-se, cada vez mais, o barco do porto. A um lado, uma fortaleza em formato quadrangular, solidamente construída com grossos troncos, em uma ilhota, montava guarda à entrada do porto.

Japi e a esposa estavam por demais admirados olhando, pela primeira vez, uma cidade dos brancos. Entraram na periferia do porto, bem movimentado naquela hora. Alguns grandes navios descarregavam mercadorias, enquanto outros recebiam em seu bojo produtos da terra. Alguns galeões portugueses encostados bordo a bordo, quedavam-se parados ao lado do forte e neles viam-se marinheiros entregues à faina de limpeza. Por fim o barco, com suas

velas já arriadas e impulsionado por grande remo, encosta, suavemente, no cais, por trás de um grande veleiro.

— Eia, que enfim somos chegados! — exclama padre Pedro, agitando as cordas das amarras e fixando, solidamente, no cais de pedra e madeira, o barco.

Tudo pronto, sobem uma escada de madeira já carcomida pela água salgada e atingem o cais. Os olhares dos transeuntes detêm-se nos quatro, notadamente na jovem índia trajada de branco. Como a protegê-la, Japi passa o braço por sobre seus ombros. Alguns riem, observando aquele índio usando apenas um calção cujas pernas apertadas lhe atingem somente os joelhos, abraçado com a jovem vestida a rigor, mas com os pés descalços.

— Que nos trazes, desta vez, Padre Pedro? — pergunta um homem, envergando custosa roupa de brocados, com enorme chapéu de abas largas, emplumado, e que caminha, orgulhosamente, apoiado em uma fina bengala ornada de ouro.

— Deus o guarde, sr. Capitão! — cumprimenta o padre. — Trago dois filhos de Deus que, até então, estavam esquecidos no sertão.

— Linda bugra! — continua o homem aproximando-se demasiadamente de Tabira e estendendo a mão gorda em direção ao queixo da jovem.

— Linda representante do povo das selvas! — Queres vendê-la, padre?

— Não, Capitão. Não se vendem seres humanos.

Padre Felipe intervém:

— Senhor Capitão, ser-lhe-íamos muito gratos se, como das vezes anteriores, Vossa Mercê mandasse cuidar de nosso barco. Chegamos atrasados e temos contas a ajustar com o Bispo.

— Podes ficar descansado — responde o homem, sem no entanto, deixar de lançar olhares à moça. — Quanto ao Bispo, sempre tem andado às turras com o Governador. Estão de falas cortadas.

— Bem, isto logo saberemos. Que Deus o guarde, senhor Capitão!

E, sem mais nada acrescentar, os religiosos com Japi e Tabira seguem ao longo do porto, até ao sopé de uma ladeira, que começam a subir. Era a mesma calçada com pedras multiformes, atestando, apenas, o interesse de tomar mais fácil seu acesso e não o cuidado de uma pavimentação correta. Assim, ao saírem da ladeira, na parte alta, viram-se em uma ampla praça, com algumas construções em madeira e blocos. Várias ruelas desembocavam, como rios, naquela praça. Ao lado direito da mesma, erigido com certa imponência, um grande edifício chamava a atenção pela maneira como regorgitava de pessoas e muitos soldados armados de mosquete, alabardos, etc... Era ali a sede do governo. Virando-se para Japi, Padre Pedro explica:

— Ali, Japi, é onde reside o nosso cacique.

— O cacique dos brancos?

— Sim, o homem que governa todos os brancos desta cidade.

O moço índio olhou demoradamente o enorme casarão, com curiosidade. Nada disse, porém. Continuaram o caminho, enveredando por uma estreitíssima ruela, que subia em declive suave, até que pararam em frente a outro grande edifício, com enormes portas de madeira — era uma construção feita com imensos blocos de pedra, encimada por uma espécie de terraço. Sino, de colossal tamanho, encrustava-se em uma pequena torre.

— Chegamos, Japi. Esta é nossa oca. — Explicou, sorrindo, o sacerdote, enquanto puxava, com força, um cordel passado por um orifício na porta. Imediatamente ouviu-se no interior um som de sine- ta tocando. Após esperar um pouco, o religioso tomou a esticar a cordinha, ■ fazendo novamente, tilintar a campainha interna. Pouco depois, a porta começou a ser movimentada, rangindo nas dobradiças, mas parou no meio, ficando entreaberta, espaço por onde surgiu uma cabeça, não muito contente, talvez, por ter que abrir a pesada peça. A

fisionomia, porém, mudou, como por encanto, ao notar os dois padres, que sorriam.

— Irmão Pedro!... — Irmão Felipe!...

E a porta foi totalmente escancarada. O que a abriu, um padre magro e alto como uma vara, avançou para os recém-chegados de braços abertos e estreitou-os em forte abraço.

— Quanta alegria, irmãos! — exclamou.

Notando, entretanto, os dois indígenas que se mantinham afastados, observou:

— Oh! Então trouxeram dois representantes dos povos da floresta! — E, olhando mais atentamente — Dignos representantes, por sinal!

— São os verdadeiros donos desta terra, irmão — redarguiu o irmão Pedro.

— Sim, sim ... mas, vamos entrar. Devem todos estar cansados.

Entraram num imenso saguão abobadado com paredes laterais de fina madeira muito bem envernizada, todas elas encimadas por pinturas a óleo representando umas, cenas de catequese, outras, os grandes santos da igreja católica. A um canto, uma imponente escada de madeira de lei, com passadeira de veludo vermelho, levava ao andar superior. Ao fundo, uma porta em forma de arco deu passagem aos cinco personagens. Atravessando-a, chegaram a um pátio bastante amplo, sem cobertura a não ser nas calçadas que formavam um quadrilátero, abrigando de possível chuva a quem por ali transitasse. No centro do pátio, uma grande e artística fonte, ao redor da qual alguns padres conversavam. Ao avistarem os recém-chegados, suspenderam a palestra e correram, curiosos, ao seu encontro. Das inúmeras entradas que acompanhavam o quadrilátero, saíram outros tantos sacerdotes que, reunindo-se ao redor do pequeno grupo que chegara, formaram um círculo, e suas vozes se juntaram em alegre algazarra, dando as boas vindas aos colegas. Mas seus olhares prendiam-se mais nos dois selvagens, que os olhavam sérios, como se não fossem eles a causa de tanta observação, e, sim, os padres.

As perguntas caíam em saraivadas. Os dois jesuítas limitavam-se a sorrir. Irmão Pedro achou por bem terminar com aquele vozerio e prometeu depois ler seu relatório para todos. Aberto o cinturão humano que se fechara sobre eles, continuaram andando até que parando em frente a uma das portas, irmão Pedro tirou do bolso da batina uma grande chave, abriu-a e entrou em pequena mas bem cuidada cela. A um canto uma cama rústica, mas confortável; uma mesinha, sobre a qual um lampeão e, do outro lado, amontoados sobre uma prateleira improvisada, inúmeros volumes, um tanto empoeirados. Em cima da cama o sacerdote colocou o saco que trouxera com seus pertences, deu uma olhadela em tudo e tomou a sair, fechando a porta. Irmão Felipe fizera o mesmo, entrando em uma cela ao lado da do colega. Japi e Tabira esperavam, ainda sob os olhares dos outros padres. Irmão Pedro, dirigindo-se ao padre que o acompanhara, disse:

— Irmão Sávio, preciso de uma cela para abrigar meus d^{ls} convidados.

— Aqui?!... — alçou a voz o irmão Sávio, não cabendo em si de profundo espanto.

— Pelo menos, por enquanto. Amanhã, tomaremos as providências para transferi-los para o colégio.

— Mas, irmão, uma mulher aqui dentro?

— Uma mulher? Ora irmão, tens a ver apenas que são dois seres humanos, duas criaturas de Deus. Que não se distinga o sexo. Vamos, dá cá a chave de uma cela.

O padre estampou na face um ar de censura ante tal medida, mas em vista da autoridade do olhar do velho irmão, saiu apressado, deixando o jesuíta, que foi reunir-se ao casal, seu protegido.

— Vocês ficarão, por hoje, aqui no mosteiro. Depois, amanhã, possivelmente, os levarei ao Colégio, onde poderão estar mais à vontade.

— Irmão, não te preocupes. Japi quer apenas abrigo para Tabira.

— Está tudo bem, Japi.

O padre Sávio chegou com grande molho de chaves. Escolheu uma, entregando-a ao

irmão Pedro.

— Eis aqui, irmão. Aviso-te, só há uma cama.

— É o bastante, irmão.

— Então, estes dois vão dormir juntos?

— Meu caro, são marido e mulher. E estás é dando muita atenção a teus pensamentos.

Não podes conceber dois seres dormindo na mesma cama, sem que não haja a união sexual. E isto te preocupa, irmão. Sinal, evidente, que tens ainda muito a aprender, a fim de atirar por terra estes sentimentos. Precisaremos conversar depois. Agora vai, e muito obrigado.

O padre, visivelmente desorientado, afastou-se a passos largos. Irmão Pedro sorriu benevolente e levou os dois jovens até uma porta que abriu, fazendo-os entrar. O compartimento era igual às demais celas do Convento. Apontando para a cama, o jesuíta explicou:

— Isto é uma cama, Japi. Nela vocês dormirão.

O índio adiantou-se e sentou-na na cama, notando a sua maciez. Balançou-se nela, sorrindo.

— Japi prefere dormir vendo o céu, não preso aqui dentro.

Riu, o velho sacerdote.

— Compreendo, meu filho, mas tens que te integrar aos costumes dos brancos.

— Japi tentará.

— Bem, Japi, agora vou ter que deixá-los, por momentos. Irmão Felipe e eu temos que conversar com nosso cacique. Precisamos contar a ele tudo quanto fizemos.

— Japi quer também ver o cacique do irmão.

— Verás. Eu te mandarei chamar. Peço-te que fiques aqui esperando.

— Japi fica.

— Muito bem, até logo.

Encontrando-se no pátio com o irmão Felipe, seguiram juntos para o vestíbulo e começaram a subir a grande escada, atingindo uma sala de grandes proporções, toda atapetada e **mobiliada com** enormes cadeiras de madeira dourada. A um canto, junto a monumental e artística porta, sentado diante de uma escrivaninha, um padre mantinha-se ocupado, lendo um grosso rolo de pergaminho. Para ele se dirigiram os dois amigos. Levantando a vista do **trabalho, o padre**, notando a aproximação dos visitantes, ergueu-se com um **sorriso nos** lábios, exclamando:

— Oh! que grande surpresa. Por **fim, regressaram inteiros.**

— Naturalmente, irmão. Não tivéssemos inteiros e não **chegaríamos** aqui.

— Querem falar com o Bispo?

— Sim. Precisamos muito. Consiga-nos uma **audiência.**

O escrevente fez um ar de contrariedade e **confiou:**

— Tentarei, mas tem acontecido tanta coisa, ui timamente, que não sei se o conseguirei. O Bispo anda às turras **com o governador** — sempre estão brigando.

— Mas, por que? — Pergunta o irmão **Pedro, admirado.**

— Estão em desacordo quanto à fortifica vão da **Cidade, pois** para D. Marcos, nada mais querem fazer que cercar a **Cidade**, encerrando-a em muros, como uma taba indígena.

— Mas, nada tem **de** errado isto, irmão! **É uma necessidade** prover-se meios para a defesa, em caso de possível ataque.

— Sim, isso ele reconhece. Mas, aqui entre nós, o assunto é só este. Há muitas coisas mais escondidas. Já brigou com o Senhor Procurador e foi tão séria a coisa, que o excomungou.

— Bem, tentes, ao menos, ver se nos consegue uma audiência.

Dirigindo-se à grande porta, abre-a o padre com cuidado, apenas o suficiente para lhe dar passagem, e entra.

— Veja só, irmão — comenta padre Pedro. — D. Marcos a brigar com o governador.

No fim de tudo seremos, nós, por certo, os únicos prejudicados.

— Como sempre, irmão, como sempre. ..

— Mas, que tem o bispo a intervir em questões de fortificações, quando a mesmà é restrita ao Governo?

— Por trás disto deve haver coisa grossa, caro irmão.

Regressa o padre escrevente, secretário de D. Marcos. Vem sorrindo, o que anima ós dois jesuítas.

— Ele os receberá — informa. — Parece estar de bom *humor* hoje. Podem entrar.

Penetraram os visitantes na ampla sala. Logo à sua frente, *estava* o bispo, sentado em grande cadeira de alto *espaldar*, de costas para imensa janela aberta. Escrevia, *tendo o papel apoiado nos joelhos*.

Apenas ergueu a cabeça à entrada dos dois padres e depois continuou em seu mister. O aposento era luxuoso. Cortinas de veludo vermelho pendiam dos janelões e a mobília era toda em madeira de lei, no estilo da época. Uma grande mesa se destacava do resto do mobiliário, em razão de seu formato — assemelhava-se a uma enorme concha, com pés em garras. Estava repleta de papéis e livros. Os dois jesuítas quedaram-se, em atitude respeitosa, a alguns passos do seu superior. Este era um homem magro, alto, vestia-se com uma sotaina vermelha que se fechava na frente, em todo o seu comprimento, por botões pretos. Do pescoço pendia uma grande corrente de prata, sustentando um crucifixo do mesmo metal. O bispo conservava a cabeça baixa, atento ao que escrevia. Sua fisionomia denotava uma certa preocupação. Levou alguns minutos alheio à presença dos dois padres. Depois sem parar com a escrita, convidou, em tom metálico:

— Sentem-se, irmãos.

Sentados, os dois jesuítas ficaram observando, durante alguns momentos, o bispo na sua faina. Dando, por fim, o trabalho por encerrado, o prelado levantou a cabeça e olhou para os religiosos. Seus olhos mudam de expressão e seus lábios perdem o ricto de preocupação. Ele quase sorri.

— Então, chegaram! — comenta, conservando no colo o papel que escrevia. — Que notícias me trazem?

Apressou-se o irmão Pedro em responder, traíndo na voz profundo respeito:

— Passamos oito meses entre uma tribo tupi. Fizemos algum progresso, deixando incutido naquela gente a semente de nossa religião. É um povo simples, amigo e que se mostra interessado em aprender tudo quanto a ele possamos ensinar. A propósito, D. Marcos, trouxemos conosco dois gentios e pedimos-lhe permissão para pô-los no Colégio.

O bispo os encarou, sério, e respondeu:

— Não desconhecemos, irmão Pedro, que o Colégio tem por fim ensinar a jesuítas. Como poderiam os nossos irmãos professores dar aulas a gentios, que nem sequer a nossa língua falam?

— Com sua permissão, eu, que sou um dos professores, em minhas horas de folga, cuidarei da educação deles.

— Fazes como queiras, irmão Pedro. E, onde estão esses índios? São chefes, por acaso?

— Não, senhor bispo. Um é Japi, filho de grande chefe e sua esposa, Tabira, também filha de um chefe.

— Oh, então queres introduzir no Colégio de jesuítas um casal de gentios?

— Pensei que poderiam morar nas oficinas, onde já muitos selvagens residem.
— Podem, podem..mas, foi só isso que os trouxe à minha presença?
— Não. Queríamos pedir para que enviasses mais alguns jesuítas ao ponto onde se deu o descobrimento, D. Marcos. As tribos dali ainda vivem no mais completo abandono religioso. É preciso que se ajude aquela gente.

— Sim, sim, é justo o pedido. Estudaremos com calma, a possibilidade. Agora, por exemplo, nada posso fazer. Todos os navios e grandes barcos que estariam a nosso serviço, o senhor Governador achou por bem requisitar. Até o nosso, que obtivemos por empréstimo, será devolvido. Alega V. Exa. que para o serviço de defesa é imprescindível ter barcos para o patrulhamento da costa. Assim, enquanto durar esta febre de fortificações, fracas fortificações, feitas mais para servir bem aos senhores encarregados da venda de madeira, não teremos barcos para o transporte de nossa Companhia. Agora mesmo, acabo de escrever uma carta a Vossa Majestade, na qual informo todas estas irregularidades. Tão logo esteja tal impasse resolvido, trataremos de sua solicitação. Por enquanto, apenas os selvagens agregados à Cidade serão beneficiados com a catequese. Mais alguma coisa, irmãos?

— Alguma notícia de nossa terra, que nos pudesse interessar?
— Não muitas. Apenas certas escaramuças com a Holanda.
— Senhor, permita que lhe pergunte, os ânimos entre a Sé e o Governo não poderiam ser restaurados? Só haveria benefícios...

— Em respeito à tua idade, padre Pedro, perdôo tua curiosidade. Precisamos, e o padre bem o sabe, de uma nova Sé. E o Governador acha que o que se deve fazer é o tal arremedo de forte diante do porto — o famigerado forte do Mar. Nessa tal construção, serão gastas fortunas imensas. E nossa Sé terá sempre sua edificação protelada.

— Obrigado, senhor bispo, pelas explicações.
— Ouvireis muitas coisas mais, irmãos, sem terem necessidade de virem a mim. Muitas coisas aconteceram em vossa ausência. Agora, peço-vos que se retirem, pois quero estar só. Mandarei meu Secretário redigir o documento para o Padre Diretor do Colégio, autorizando o ensino dos vossos dois gentios.

— Obrigado, irmão bispo.

Retiraram-se os dois padres do recinto particular do bispo, que voltou à sua posição inicial, olhando cismarento para a carta que escrevia.

— É, irmão Pedro, pelo que vejo, não andam bem as coisas pela Cidade — disse o padre Felipe.

Passaram pelo secretário que atendia a um grupo de jesuítas, alcançando logo o pátio. Só, então, o padre Pedro respondeu:

— Sim, irmão Felipe, as coisas andam um tanto roxas. E, como eu logo previra, tinha que haver dinheiro no meio de tudo isto. Ora, irmão, à primeira vista, sou forçado a dar razão a D. Diogo. Afinal de contas, tem ele spb sua responsabilidade a defesa da Cidade. E bem que o tal do forte é de algum valor, pois que em local estratégico. Eu nunca gostei daquele arremedo de troncos, que não ofereceria nenhuma resistência. Mas, que sei eu das artes da guerra?

— Parece até um estrategista, padre! — brincou o amigo.

— Qual o que! Bem, deixemos de tais conversas e vamos ver o nosso casal de gentios.

Foram ao encontro dos dois índios, que não haviam saído da cela. Tabira estava deitada na cama, enquanto Japi, sentado no chão, folheava, atento, um livro, enquanto vários outros volumes estavam espalhados a seu redor.

— Oh! Então o nosso amigo já está querendo ler um bom livro?

Japi levantou-se, rápido, e com o livro na mão, perguntou:

— Que é isto, irmão? Japi está vendo aqui muitos homens brancos pequenos e

estes tracinhos. O que é isto?

Sorri o velho sacerdote.

— Amanhã Japi saberá, ou começará a saber. — E pondo a mão no ombro do índio, continuou. — Amanhã, eu e irmão Felipe teremos que nos ausentar por uns dias. Japi e Tabira ficarão em outro lugar entre pessoas amigas, que se incumbirão de ensinar tudo quanto vocês precisam aprender. Vamos, vou levá-los logo para o lugar em que ficarão melhor alojados. Não vamos deixar para amanhã o que podemos fazer logo.

Os dois índios seguiram os missionários, docilmente, até uma construção conjugada à que antes estiveram. Esta era bem mais ampla, porém com apenas um grande salão, com alguns bancos rústicos diante de um balcão. Ao fundo, uma escada tosca por onde subiam a um longo corredor ladeado de portas, em uma das quais bateu o irmão Pedro. Essa foi quase imediatamente aberta e um velho sacerdote de cabelos completamente alvos, pequeno e curvado, surgiu. Depois das manifestações de alegria, foi cientificado pelo irmão Pedro do motivo que os levara até ali.

— Ora, pois não, irmãos. Farei todo o possível para livrar da ignorância total estes filhos de Deus. Podem deixá-los sob meus cuidados. Quando regressarem, já saberão da minha opinião acerca da educação deles.

— Sabíamos poder contar com o senhor, Padre Diretor.

— Esta é a minha missão, irmãos. Vocês se embrenham nas matas, enquanto eu aqui fico, esperando poder dar minha ajuda aos que me procuram. Ontem mesmo iniciei um curso de alfabetização de alguns tapuias. Posso muito bem incluir os seus.

— Onde posso encontrar alojamento para eles?

— Não há com que se preocupar ... Em qualquer destes quartos eles poderão ficar.

— Então, padre, nós os deixaremos em tuas mãos. — E virando-se para o índio:

— Bem, Japi, vocês ficarão aqui. Ser-lhes-á servido o almoço e quando eu regressar, conversaremos. Fazes tudo para obedecer a este irmão. Ele os ajudará muito.

— Se irmão é amigo, será amigo de Japi. Irmão Pedro pode partir sem receio.

Despediram-se os dois jesuítas, regressando às suas celas.

IX Participando de uma Sessão Espirita

Logo na manhã seguinte, quando deixam o mosteiro, inquire o padre Felipe:

— Não me consta saber para onde iremos, caro irmão.

— Ora, irmão, vamos sair. Para que a curiosidade?

Na rua, os dois religiosos põem-se a andar, calmamente, pelas pedras roliças que pavimentam a via pública. Vez por outra acenam em resposta a um cumprimento que lhes envia algum transeunte. Padre Felipe, constantemente, leva ao rosto grande lenço rendado, enxugando o suor que lhe escorre em grossas bâtegas. Virando-se para o companheiro que, não obstante a idade avançada, não parece sentir o esforço da caminhada, reclama:

— Por Deus, padre Pedro, onde me queres levar?

— Estamos a chegar, irmão, não te apoquentes. Mais uma esti- radazinha e teremos chegado ao destino.

— Pelo menos, dize-mo, onde me levas?

— Ao Carmo, irmão. Vamos a visitar o Alferes...

— Ao Carmo? — levanta a voz o padre Felipe. — Mas estamos quase ao anoitecer. Lembra-te que teremos de atravessar os muros da Cidade.

— Temes algo?

— Naturalmente... Algum escravo fugido, ou mesmo a flecha de algum gentio.

— Não haverá perigo, caro Felipe.

— E qual a necessidade da visita a este Alferes? Não me digas que... — e o padre

parou, encarando de frente o companheiro. Este, também, interrompeu a marcha e explicou, sorrindo:

— Sim, é isto mesmo que pensaste. Vamos ver o homem que conversa com os mortos.

— Credo, irmão! — E padre Felipe fez o sinal da cruz. — Então, tens a coragem de visitar tal homem? Pondera, Pedro. Somos sacerdotes católicos, não nos devemos imiscuir com feitiçarias...

— Qual, irmão, não dizes a verdade. Tens tanta curiosidade quanto cá este teu irmão. — Comenta o irmão Pedro recomeçando a marcha. O padre Felipe o acompanha, falando:

— Sim, podes estar certo, tenho cá certa curiosidade. Mas, não nos é aconselhável arrostar a ira da igreja sobre nós. Sabes muito bem das crueldades praticadas, ao menor resquício de suspeita, por representantes de nossa igreja, em Portugal e Espanha. Isto que vais fazer é uma temeridade, padre. — O outro limita-se a sorrir.

— Não vou. — continua padre Felipe, outra vez parando.

— Não te aflijas, caro. Tudo tenho previsto — estaremos incógnitos. Vamos apenas observar. Não tenhas receio. Caminhemos. Olha, na frente já temos o muro.

Padre Felipe abanou a cabeça, vencido, embora a contragosto, pelos argumentos do companheiro. Haviam chegado à linha demarcatória dos limites da Cidade e depararam-se com o sólido muro que a protegia. Mas, a necessidade de expansão se fez sentir e alguns bairros começavam a surgir extra muros, entre eles o do Carmo, para onde se dirigiam os dois sacerdotes. Atravessaram os portões, dos quais já haviam retirado a guarda, por acharem os encarregados da defesa, que por ali transitavam muitas pessoas em demanda ao novo bairro, e por isso desnecessário seria empatar-se no local uma força de soldados, transferindo-a para posições mais estratégicas. E, seriamente, já se cogitava em estender os muros mais para o interior, anexando à Cidade propriamente dita, os bairros que surgiram. Palmilhavam, agora, os dois religiosos terreno de barro já bem calcado e endurecido pelo intermitente vai e vem de viandantes. Percorreram lugares desertos, cobertos de vegetação, até alcançarem as primeiras casas do nóvel arraial. Crianças, logo os avistaram, para eles correram, agitando os braços, em algaravia estridente e alegre. Após ter-lhes sido dada a bênção, voltaram, velozes, em algazarra. Uma grande praça, cercada por casas de madeira, umas, outras de tijolos, diversas de aspecto imponente, com dois andares, janelas de balcões gradeados, apresentando fachadas de azulejos, que refletiam os raios do sol que começava a se pôr, evidenciavam a importância e as posses de seus proprietários. Negros vestidos em folgados calções brancos, com o dorso desnudo, carregando enormes vasilhas de barro à cabeça, vendendo leite, ou vinho, subiam e desciam as ruelas. Os dois sacerdotes, abandonando a praça, que atravessaram, galgaram uma íngreme ladeira e, por fim, para descanso do padre Felipe, o companheiro deteu-se ante uma casa toda branca, baixa, com janelas em guilhotina, em cuja porta bateu. De pronto, esta foi aberta totalmente e um rapaz negro, magro, surgiu na sua soleira. Ao ver os dois visitantes, sorriu, mostrando uma fileira de dentes grandes e alvos.

— Vimos à cata do senhor Domício. — falou padre Pedro — Corre a avisá-lo da presença do padre Pedro.

Rápido, o negro voltou-se e entrou na residência, fazendo ouvir seus passos ligeiros no seu interior. Quase em seguida, retoma e, com um gesto, acompanhando as palavras, convida:

— Nhô Domício pede que vossas mercês entrem. Ele logo virá.

Entraram os jesuítas, sentando-se em um sofá tosco, de madeira, que estava colocado na sala da frente. Desta, partia um corredor, onde três portas fechadas, impediam que a claridade da rua penetrasse no interior da casa, tornando-o bastante escuro. O negro logo instalou os dois padres no sofá e seguiu para os fundos da habitação, não mais regressando.

— Puxa! — comentou padre Felipe — Isto aqui parece um túmulo. Dá até arrepios ...

— Sossega, meu irmão.

Passos, novamente, se fizeram ouvir e surgiu, vindo pelo corredor, um homem baixo e gordo, quãse sem pescoço, com enormes papadas, que pareciam começar do queixo. Tinha a cabeça redonda, com ralos cabelos, orelhas miúdas, sobranceiras espessas sobre dois olhos pequenos, mas astutos, brilhantes e buliçosos. Vestia-se pobremente e estava todo sujo de barro. Esfregava, uma na outra, as mãos pequenas e gordas que pendiam das extremidades dos braços curtos e grossos. Seu andar era bamboleante. Os jesuítas ergueram-se quando o homem deles se acercou. Trazia nos lábios carnudos e de aparência sincera, um sorriso que combinava também com o brilho alegre de seu olhar.

— Padre Pedro! — exclamou, fazendo um arremedo de reverência, até onde lhe permitia a rotunda barriga. — É um prazer mui grande que outorgas a este pobre oleiro. Que desejas deste humilde servidor?

Depois de apresentar o companheiro, padre Pedro voltou a sentar-se, obrigando o roliço homem a imitá-lo, o que fez rangir o velho móvel.

— Vim, meu bom Domício, atender àquele teu oferecimento, lembra-te?

O homem estampou na face profundo espanto e pôs as pontas dos dedos da mão direita na testa, como a tentar lembrar o que oferecera. Em seguida, declarou:

— Peço perdoar minha pouca memória, padre. Hás de convir que há muito não nos vemos, de forma que ...

— Não tenhas receio, homem. — atalhou o padre — Este cá ao meu lado é nosso amigo. Podes confiar.

O homem, ainda assim, mostrou-se embaraçado, agitou os braços, tentando confirmar que de nada se lembrava, mas o padre Palro voltou a encorajá-lo:

— Vamos, Domício! Após tão grande estirada, é justo que consigamos o que vimos procurar. Arejas tua memória.

— Padre, — animou-se Domício a responder — Vossa Mercê sabe, há muitos espíões por estas bandas, de modo que a discricção se faz necessária.

— Podes pô-la de lado, filho.

— Eu não poderia supor que viesses a interessar-te por algo que tua religião tanto condena e pune com tremendas penas.

— No entanto, tiveste a coragem de convidar-me, certa vez, para assistir ao que chamas de sessão dos espíritos.

O homem arregalou os olhos e virou-se, instintivamente, em direção ao padre Felipe, que o olhava, sério.

— Não temas, Domício. Já não te afiançei ser o padre aqui ao lado um amigo? Ele está tão interessado quanto eu. Vamos, destranbelhas a língua. Ao que sei, hoje é o dia.

— Sim, padre, sim, à meia-noite, logo após o pregoador dizer que tudo está bem na Cidade.

— Muito bem, nós ficaremos para assistir.

— Não, padre, já não é mais aqui. Tivemos uma batida dos milicianos, que por verdadeiro milagre não nos surpreenderam. O senhor Alferes, então, resolveu transferir as reuniões para sua fazenda.

— E fica muito longe daqui?

— Não, cerca de um quarto de hora.

— Nós iremos. Por certo debes ter roupas que nos emprestes, pois manda a prudência que não nos mostremos tal qual estamos.

— Sim, sim, é muito aconselhável. Conseguirei as roupas. Mas, como vai tardar muito a hora, aceitem meu convite, vamos passar à sala, onde lhes servirei algo reconfortante.

Levantou-se o homem, acompanhado pelos padres, que o seguiram pelo corredor em demanda ao interior da residência, até atingirem espaçosa sala, onde uma grande mesa,

cercada de cadeiras de alto espaldar, ocupavam seu centro. Armários e porta-pratos completavam o mobiliário do recinto. Ao lado, uma porta fazia ligação com o quintal, onde pilhas de tijolos e de blocos de granito se levantavam até quase o nível do telhado. E o negro que atendera à porta, estava iniciando nova pilha. Os dois jesuítas pararam diante dela e ficaram a observar o trabalho do negro.

— Deves estar fazendo ótimo negócio, não, Domício? — indaga padre Pedro.

— Negócio tenho, deveras, feito. Mas, quase tudo para o Palácio e o sr. Governador não tem pago como devia. Esta produção, por exemplo — e apontou para as pilhas de blocos — vai toda para o forte do mar. Quando receberei a paga, ainda não sei.

— Mas, hás de recebê-la um dia.

— Sim, mas deixemos de tais conversas, padre. Sentem-se que vou a preparar dois copos de excelente vinho, que os fará esquecer a caminhada até aqui.

Sentaram-se os padres diante da grande mesa. Padre Felipe examinou toda a sala com o olhar, mostrando-se um tanto inquieto.

— Estou muito ápreensivo, padre Pedro. Algo me diz que não devíamos estar aqui.

— Ora, ora, meu caro Felipe. Aqui estamos a tratar uma partida de tijolos para a nossa Santa Sé. Apenas isso. — O outro o olhou de modo engraçado.

— Sabes que não, Pedro. E, esta tal coisa de se falar com os mortos, é lá algo que se faça? Podes ver que o rabo do diabo está metido nisto.

— Bens sabes que esse tal personagem não existe, senão na imaginação de nossa igreja, Felipe. Digamos, até que não seja de todo desnecessária, uma vez que, com o medo gerado (pois ninguém, por certo, gostaria de cair nas garras do senhor dos infernos), age como um freio, muito embora as pessoas mais esclarecidas já não o adotem.

— Sei muito bem, caro Pedro, mas esquece-te que pertencemos à religião que instituiu esta figura de chifres, rabo e pés caprinos? Temos, naturalmente, que divulgá-lo o mais possível.

— Temos, dizes. Mas, cá eu acho que devemos, sim, é alertar se possível, até o nosso Papa, pois com tal divulgação de crença errada, só existe o perigo de cair a Santa Igreja em descrédito, o que não demorará muito, já que os mortos se levantam dos túmulos para desmentir tais teorias.

— Ah! Como estás enredado nisso, meu padre. Toma cuidado, pois se tal cair nos ouvidos do Bispo, ganharás uma condenação nada invejável — uma bonita argola no pescoço, fixada por uma corrente no costado de um navio qualquer que te levará de volta a Portugal, onde serias julgado como hereje; e sabes bem o que aconteceria depois. Isto, caso não fiques, eternamente, preso nas masmorras por baixo da Sé.

Sorriu o religioso, coçando o queixo. Olhando o companheiro, retrucou:

— É um risco que devo tomar, meu caro. Mas, agora vejo que em meu entusiasmo, estou a te arrostar também ao perigo. Podes, porém, recusar e, querendo, regressar ao Mosteiro.

— Essa, agora! Pois ficarei, pois assim, tenho esperanças de que, voltando-te a razão, abandones tudo isto. E, como sou menos velho que tu, aqui ficarei para proteger-te. Não se diria nunca que Felipe Di Marco deixou um amigo só diante do perigo.

— Eu esperava isso de ti, caro Felipe. Apenas tens a cabeça um tanto dura... mas, eis que retoma o nosso bom Domício. E pelo que traz nas mãos, logo se vê que é muito bem vindo.

O homenzinho rechonchudo aproximava-se trazendo, com os dedos, de uma das mãos, enfiados nas suas asas, dois enormes canecões de cobre, e na outra, uma grande garrafa coberta por uma proteção de palha. Depositou, sorrindo, os canecões diante dos dois padres, juntamente com a enorme garrafa. Padre Pedro logo serviu-se de boa quantidade do vinho rubro e espumante, do qual sorveu um bom gole, estalando a língua.

— Parabéns, Domício! É de fato um ótimo vinho.
— É de Portugal, padre, de Portugal...
— Faz-nos bem — comentou padre Felipe — beber um bom vinho pensando em nossa terrinha.

— Mas, tu és italiano, não português.

— Ah! mas desde criancinha estou em Portugal. É minha segunda pátria.

Frei Pedro vira-se para o dono da casa e pede:

— Domício, enquanto esperamos, e se não te estamos tomando o tempo, poderias nos contar algo acerca desse Alferes, que se faz mediador com o mundo dos mortos?

Domício arrasta, barulhentemente, uma cadeira para junto da mesa, senta-se e apoia os cotovelos na mesma. Antes de responder, olha os dois padres, sorri e começa:

— Bem, o sr. Alferes é um homem muito bom. Caridoso, tudo que tem reparte com os necessitados. É um homem santo.

— Sim, sim — interrompe o padre — eu quero saber acerca de suas atividades com os mortos. Que faz ele para os chamar? £ por que tem ele esse poder? £ para que faz ele esse trabalho?

— Padre, esse homem nem sempre foi o que hoje é. Era tão malvado, que certa vez mandou açoitar o próprio filho por ter este incorrido em erro. Ele nunca admitia erros, fosse de quem fosse. Era um homem rígido e muitas vezes obrigou famílias a abandonar suas casas, sem nenhuma indenização, apenas porque queria o terreno para expansão de suas terras. Praticamente, todo este bairro pertencia a ele. Um dia, uma de suas filhas adoeceu, gravemente. A menor de todas, por quem ele tinha verdadeira adoração. Vendo-a definhar, o homem ficou louco de dor. Consultou todos os médicos da Cidade, chamou curandeiros, feiticeiros, fez tudo quanto lhe era mandado, mas sem o menor resultado. A mocinha que tinha na época seis anos, cedo estava uma caveira. Só de vivos, parecia ter os olhos, que continuavam como dois fanais. Já não falava e sua respiração era quase imperceptível. Era um cadáver, padre. O pai não arredava pé de seu leito. Chorava como criança. Todos os recursos já se haviam esgotado. Uma noite, vencido pelo sono, sem sair de junto à cama, o Alferes acordou sobressaltado. — uma luz estranha inundava todo o quarto e parecia sair do peito arquejante da menina. Conta ele que ficou aterrorizado. Então, viu formar-se, do nada, em sua frente, a figura de um jovem aparentando a mesma idade da doente, que lhe disse:

“— Queres tua filha boa? Pois mudai teu modo de vida, ajudai àqueles a quem tanto maltratastes, enxugai suas lágrimas, devolvei suas terras e, duas vezes na semana, reune-te com tua filha e pessoas necessitadas, diante de uma mesa, pois receberás ordens do Além.”

O Alferes pensou, a princípio, ter sido vítima de uma alucinação, mas convenceu-se da inequívoca realidade, quando notou que o jovem, pondo a mão sobre a testa da doentinha, declarava: “— Preciso será que fiques boa, alma de minh'alma, já que tens árduo trabalho a realizar.” — E, como chegara, o estranho ser desapareceu.

A mocinha caiu em prantos, o que mais afligiu o pai, que se debruçou sobre ela, chorando, também. “— Mudai tua vida, paizinho.” — ouviu a filha pedir. — E, ali mesmo, jurou cumprir, à risca, a mensagem do morto. A filhinha ficou curada e o jovem por ela se manifesta, assim como outros tantos finados. Dão conselhos, curam doentes, etc...

— Mas, — pergunta padre Pedro, que tudo ouvira atencioso — o Alferes cobra alguma importância para atender os clientes?

— Não, padre. Ele dá de graça o que de graça recebe. Ao contrário de receber, ele dá, praticamente, tudo o que tem aos necessitados. Devolveu as terras tomadas, construiu casas, distribui esmolas, fez um povoado que logo após se tomou este bairro que cresce, dia a dia.

— E nunca tem nenhum contratempo?

— Sim, constantemente. Já foi preso, várias vezes; tiram-lhe a farda, mas

sempre o soltam. Só em olhar para seu semblante, nota-se, logo, a pureza de sua alma. Tem sofrido muito, mas continua.

— Já o verás, padre. Agora, deixem-me ir em busca de roupas que possam caber nos senhores.

Afastou-se Domício, deixando, novamente, a sós, os dois jesuítas. Padre Felipe começou a tamborilar com os dedos na mesa, com ar preocupado.

— Que temos, agora? — pergunta-lhe o companheiro.

— Preocupação, irmão, preocupação. Estou cá a pensar que estão todos loucos, isso sim. Tenho que ver com meus olhos, e, mesmo assim, não sei se acreditarei.

— Ah, Felipe, se todos os loucos do mundo fossem dados à prática da caridade, viveríamos num paradisíaco hospício.

— Vamos ter ainda que esperar muito. E como o bom vinho do Domício despertou-me o sono, creio que abusarei de sua hospitalidade, pedindo-lhe uma rede.

— Agora, sim, o padre Felipe disse alguma coisa que aprovo. — respondeu o amigo levantando-se, ao tempo em que se servia de nova dose de vinho.

— Domício!... — grita. — E, do interior da casa, o hospedeiro responde: — Já estou a caminho, padre. — Surgindo, em seguida, sobraçando algumas peças de roupa, que deposita sobre a mesa.

— Eis aqui o que consegui arranjar. São roupas velhas, usadas, que nossos irmãos caridosos nos dão a distribuir aos pobres. Esperemos que vos sirvam. Não temam, podem mudar aqui mesmo.

Ato contínuo, padre Pedro pôs-se a desabotoar a fileira de botões da batina, no que foi imitado pelo companheiro, o mais devagar possível. A batina do padre foi-se acomodar no espaldar de uma das cadeiras. Em pouco tempo, um par de calções de fazenda listrada e uma camisa de mangas compridas, com laçarotes e babados nas mangas e gola, foram envergados pelo sacerdote. Um chapéu de abas largas completou a indumentária, transfigurando, por completo, o velho sacerdote em um idoso camponês. Instantes depois, não havia vestígios dos dois religiosos na casa, pois que ambos apresentavam-se como dois cidadãos comuns. Posto a par do desejo dos seus hóspedes, Domício os levou a um alpendre no quintal, onde armou duas redes, nas quais se acomodaram os jesuítas, para esperar a hora de assistirem à sessão dos mortos. Cansados, como estavam, logo adormeceram.

Perto da meia-noite, o diligente Domício os fez saltar da rede e os guiou pelo quintal, passando por uma abertura na cerca e internando-se no mato por um estreito caminho, ia à frente iluminando a vereda com uma lanterna de azeite. Andaram assim, por quase meia hora, quando por fim, chegaram a uma enorme cancela. Encimava-a uma tabuleta onde se lia: “Fazenda Caridade”. Sem cerimônia, Domício abriu os ferrolhos que a vedavam e entraram, continuando a caminhada até chegarem a enorme casa, típica de fazenda, toda avarandada e solidamente construída. Na porta, junto à escada que levava ao pórtico principal, alguns cavalos ajaezados estavam amarrados. Parecia não haver nenhuma luz na residência. Domício orientou os dois sacerdotes, empurrando a porta e entrando em espaçosa sala, muito bem mobiliada, com paredes adornadas de grandes retratos pintados a óleo, certamente representando os familiares do proprietário. Ninguém os veio receber. Seguiram, se embarafustando por um corredor e descendo uma escadinha ao pé da qual uma grande porta de carvalho deixava-se ver, fechada. Domício nela bateu por três vezes, espaçadamente. Em rápidos segundos, a mesma foi aberta, silenciosamente, e os três deram entrada num quarto iluminado apenas por um castiçal colocado a um canto, diante do qual, oito homens e duas senhoras estavam acomodados em cadeiras postas em fila, uma ao lado da outra, tendo à sua frente, afastada alguns passos, uma mesa ampla, colocada sobre um estrado e coberta com grossa toalha de veludo escuro. Sentado do outro lado da mesa, com os cotovelos nela apoiados, tendo a cabeça entre as mãos, via-se um homem. A seu lado, em uma cadeira bem mais

alta, uma criança loura, quedava-se também sustentando a cabeça curvada em uma das mãos. Logo atrás dela, estava armada uma espécie de tenda, cujo tecido que a caracterizava era idêntico ao que recobria a mesa. O silêncio era completo. O trio esgueirou-se por trás das cadeiras onde estavam enfileirados os dez espectadores e foi se acomodar em um comprido banco, algo distante. Padre Felipe olhou de esguelha para o companheiro, que lhe sorriu, encorajando-o. De onde estavam, não podiam distinguir, perfeitamente, as feições do homem sentado à mesa, nem da criança a seu lado, já que a luz baça das três velas que ornavam o castiçal mal chegava até eles. Alguns momentos depois, eis que o homem estendendo os dois braços sobre a mesa, levanta a cabeça como que olhando, fixamente, o teto, e profere uma oração:

— “Aqui estamos, Senhor, mais uma vez reunidos, para darmos início a mais uma reunião, que tem por fim a comunicação com os nossos irmãos que já atravessaram os portais da eternidade, para a verdadeira vida. Pedimos-lhe, Senhor Jesus, o apoio amigo que sempre nos deu, e que tudo ocorra na maior paz.”

Em seguida, o homem recitou o “Pai Nosso”, após o qual, levantou-se, sem barulho, e, tomando nos braços a criança loura, com ela entrou na tenda, logo saindo e correndo o pano que servia de reposteiro, fechou-lhe a entrada. Toma a sentar-se, na mesma posição anterior. Tudo é silêncio na sala. Os dois religiosos examinavam com olhar acurado todo o ambiente. De repente, padre Felipe segurou o braço do amigo, apontando para a tenda, onde uma tênue claridade aparecera, de cor azulada. Pouco a pouco, tal claridade foi aumentando, até que toda a tenda ficou iluminada.

— Que está havendo — sussurrou o padre Felipe.

— É um espírito em fase de materialização — explicou Domício, em voz baixa.

Da tenda, então, saiu, afastando com as mãos a cortina de veludo, um moço alto, louro, vestido com calções folgados, até as coxas, onde se uniam a uma meia negra, que desapareciam nas extremidades, dentro de uma bota de couro envernizado. A camisa branca, cheia de brocados, com mangas até os pulsos, bem folgadas, amoldavam-se por dentro do calção, apertado na cintura por grosso cinto negro, que sustinha bela e longa espada de punho em cruz. Os cabelos longos caíam-lhe sobre os ombros, e brilhavam à claridade que parecia emanar do próprio corpo, circundado, totalmente, por luz estranha. Com andar elegante, o inusitado personagem, encaminhou-se para a mesa e pondo uma das mãos no ombro do homem que se quedava na postura anterior, falou, com voz suave:

— José, chamaí à mesa os dois novos visitantes. Com eles preciso falar. Não me demorei hoje, pois nossa irmãzinha não se encontra em estado ótimo.

Os dois sacerdotes ficaram surpresos, ao ouvir o convite feito pela aparição.

— Queiram vir até à mesa os dois novos visitantes.

— Será que está o homem referindo-se a nós? — indagou a Felipe o irmão Pedro.

— Não sei... e espero que não ...

Mais perplexos ainda ficaram quando notaram o moço louro encaminhar-se diretamente para eles, parando a alguns passos e convidando:

— Nada temais, irmão Pedro e Felipe. Sois vós mesmos os convidados à mesa. Vinde.

Entreolharam-se os jesuítas e só se animaram a obedecer, quando Domício os cotucou com o cotovelo. Levantaram e seguiram o jovem, sentindo o perfume de flores silvestres que de seu corpo emanava. O jovem entrou na tenda, acompanhado pelos dois religiosos. No seu interior, viram a menina abandonada em um sofá, pálida, como morta. Frei Pedro quis atirar-se em sua direção, pretendendo prestar-lhe algum socorro, mas foi energicamente sustado no seu intento pelo espírito, que o alertou:

— Tocando, desfareis o laço que nos prende. Ela despertaria, bruscamente, e tal poderia

custar-lhe a vida. Ela é quem me fornece os elementos necessários à minha materialização. Nada temais, ela não sofrerá.

— Quem é o senhor? — animou-se a perguntar padre Pedro.

— Apenas um espírito, um filho de Deus, como vós. Podeis tocar-me, querendo, pois necessário se faz que atireis fora todos os resquícios de incredulidade que ainda tendes. Trouxe-vos, aqui, em vez de falar-vos no recinto da reunião, para que tivésseis a oportunidade de ver o meu médium, não vos dando, assim, margem a pensamentos dúbios. Peço-vos, ouvi-me, apenas, pois o tempo para a jovem é precioso. Sois religiosos, sacerdotes da igreja católica.

Ao se verem tão, perfeitamente, identificados, os dois padres arregalaram os olhos tomados de enorme surpresa.

— Conclamo-vos, continueis em vossa obra meritória, levando os ensinamentos do Pai aos gentios. Procureis, porém, seguir mais ao que vossos corações ditarem, que aos dogmas que regem vossa religião, mas sem que vos exponhais à sanha dos maus religiosos que pululam na igreja católica. Tudo quanto possais, ensineis ao casal que tendes à vossa guarda. Dentro em breve, a dor e o luto cairão em cheio sobre esta Cidade. De vossa Ordem, um homem distinguir-se-á.

A jovem gemeu, no sofá, onde permanecia. Rápido, os dois jesuítas volveram para ela as atenções; constatando que nada ocorria de anormal, buscaram continuar escutando os esclarecimentos do espírito, mas este tinha sumido.

— Uai! — exclamou padre Felipe — estou cá todo arrepiado.

— Graças a Deus, Felipe, estiveste comigo, ou eu, talvez, não acreditasse no que vi. Mas, eis que volta a si a linda criança.

Correram ambos para o sofá, solícitos, no qual despertava a menina loura a esfregar os olhos e contorcer os lábios, como se tivesse provado algo de que não gostara. A custo tentou levantar-se, mas só o conseguiu com a ajuda dos dois padres, que a retiraram do reservado. Surpreendidos, notaram que na sala só havia Domício e o homem que permanecia na mesa.

Ao vê-los, Domício aproximou-se ligeiro, com um sorriso nos lábios. A jovem foi ajudada a sentar-se em uma cadeira, onde acomodou-se, encostando a cabeça loura no espaldar. Estava pálida como a luz das velas que iluminavam o ambiente. Pouco depois, o homem, parecendo acordar de um sono letárgico, abriu os olhos, relanceou a vista para todos os lados e dando com os três homens em sua frente, sorriu, levantando-se e acercou-se da criança meio adormecida. Beijou-lhe as mãozinhas, temamente, e, tomando uma posição ereta, ficou por instantes silencioso. Depois, estendendo ambos os braços, de forma que as palmas das mãos, voltadas para baixo, ficassem a poucos centímetros da cabeça da jovem, balbuciou uma oração e começou a movimentá-los, acompanhando o contorno do corpo da menina, sem no entanto, tocá-lo. Como por encanto, a criança foi-se mexendo, abriu os olhos e aprumou-se na cadeira, sorrindo para todos, completamente desperta, tendo-lhe a cor natural voltado às faces. Por sua vez, o homem parou os movimentos e virou-se, lentamente, para os dois sacerdotes. De sua testa larga, grandes gotas de suor escorriam pelo rosto. Da manga da camisa tirou um enorme lenço com o qual procurou conter a transpiração. Era magro e muito alto. Tinha o porte altivo do militar. Seu semblante, contudo, era franco e algumas rugas já lhe sulcavam os cantos da boca. Seus olhos azuis eram vivos e inquietos, denotando em brilho a força de um caráter de ferro. Sorriu acentuando ainda mais as duas rugas, que pareceram crescer até quase o queixo. Domício adiantou-se e fez as apresentações.

— Senhores, este é o Alferes José Dubois. Estes, sr. Alferes são . . . sã o . . .

Sorriu o Alferes, divertido com o embaraço do gordo Domício, concluindo:

— Eu sei, eu sei. São os padres Pedro e Felipe — e estendeu-lhes a mão, que foi apertada pelos jesuítas.

— Conhece-nos, senhor? — inquiriu padre Felipe.

— Não. Não, pessoalmente. Mas, se querem saber, já de muito eu os esperava.

— Como assim? — indagou, admirado, o padre Pedro.

— Bem, é uma longa história, da qual no momento, e apenas para satisfazer a sua natural curiosidade, resumirei. — E, pondo a mão no ombro do sacerdote, prosseguiu: — Fui avisado desde quando os senhores partiram para a catequese, no sul desta nossa terra, assim como, também, da vinda em sua companhia de um casal de índios.

— Mas, avisado por quem? — quis saber, incrédulo, o religioso.

— Por um espírito, padre.

— Mas, por que?

— Não sei, ainda. Nada mais me foi revelado, a não ser a recomendação para que cuidasse bem desses gentios. Esta recomendação por certo, os padres ouviram, pessoalmente, não?

— Sim, o moço louro nos disse...mas, que tem esse casal para merecer esse cuidado tão especial?

— Digamos que estão encerrados nos corpos desses selvagens, espíritos já um tanto evoluídos, tendo regredido apenas como oportunidade para recomeçar a vida sem erros.

— E, digamos, senhor Alferes, os espíritos interessados nesta ajuda, não poderiam tomá-la a si? Certamente, fariam melhor que nós.

— Assim parece 'a primeira vista, padre. Entretanto, se assim fosse, certamente não seria preciso que retomassem à Terra. Eles (os espíritos) apenas mostram a estrada a seguir, dão a ajuda necessária, mas o que mais influi é o mérito de cada pessoa.

O padre Pedro tossiu, limpando a garganta e perguntou:

— Então, eles já tiveram outra vida?

— Naturalmente. Vida em erro, porém. Eles mesmos solicitaram o regresso naqueles corpos para, por seus próprios esforços, poderem chegar à perfeição.

— E nós temos que ajudá-los a encontrar essa perfeição?

— Bem, os senhores têm que educá-los. O resto, eles mesmos farão.

— Mas, que importância tem isso para, digamos, os mor.. espíritos, digo?

Sorriu o Alferes, abraçando a filhinha que se levantara e a ele se achegara.

— Digamos que um grupo de amigos espirituais estão interessados em ajudá-los.

— Mas

— Sinto muito, — interrompeu o Alferes — mas, agora, não posso mais responder a nenhuma pergunta. Maria precisa dormir. Compreendam. Estarei, contudo, à disposição dos senhores logo que amanheça o dia. Ficarão, sem dúvida, esta noite como meus hóspedes. — E virando-se para Domício: — Também tu, Domício. E como já conheces os alojamentos dos hóspedes, peço-te que guies os padres até eles. Boa noite, irmãos. Deus vos prodigalize um sono reparador.

No alojamento, padre Pedro não conseguiu descansar a mente, entregando-se a um sono reparador — a todo momento parecia-lhe estar diante do jovem louro. Sua voz ressoava-lhe, ainda, nos ouvidos. Pensou em Japi e Tabira — dois espíritos já esclarecidos, presos aos corpos de criaturas primitivas! Lembrou-se da inteligência incomum do jovem índio — fato que lhe causara viva impressão —, de suas perguntas desconcertantes, do seu interesse em aprender, de suas maneiras, incompreensivelmente diferentes das de seus irmãos de tribo. Meditou, também, nas recomendações absurdas da igreja a que pertencia e que punia com a fogueira qualquer praticante da invocação dos mortos.

O dia amanhecia e o velho sacerdote continuava insone. Vez por outra, relanceava os olhos nos amigos, profundamente adormecidos. Alhures, um galo pôs-se a cantar, anunciando o nascer de um novo dia. Domício mexeu-se na estreita cama, espreguiçou-se e começou a se levantar. Vestiu-se, sempre bocejando e saiu do quarto. Padre Pedro o imitou, dirigindo-se

para o quintal, onde topou com ele debruçado sobre uma cisterna, a puxar por uma corda, um balde.

— Bons dias, Domício — cumprimentou o padre.

— Ora, vejamos! Acordas, também, com os galos? Anda, toma água fresca para lavares o rosto, padre.

— Ótimo, ótimo...

£ o padre curvando-se, com as mãos em concha, recebia de Domício a água do balde, lavando as faces, com satisfação. Coube ao hospedeiro, em seguida, repetir a mesma operação, ajudado por irmão Pedro, que lhe segurava o vaso.

— Vamos, agora, à cachoeira, a beber um bom copázio de leite. Lá já deve estar o senhor Alferes, pois que acorda muito cedo.

Caminharam os dois homens por entre diversas plantações, passando por uma bem cuidada horta, no limite da qual atravessaram uma cerca que contornava o terreno cultivado, chegando à cachoeira. Como previra Domício, lá já se encontrava o Alferes José. Vestia-se simplesmente, com uma camisa de seda branca toda rendada e calças de montar. Saudou os dois hóspedes com entusiasmo, oferecendo-lhes logo dois canecões do leite espumante, tirado na hora.

— E o padre Felipe? — perguntou.

— Ah, esse gosta sempre de dormir um pouco mais.

— E faz muito bem. O sono alimenta.

Circundando com o olhar a fazenda, padre Pedro comentou:

— Tens uma ótima e grande fazenda, senhor Alferes.

— Já foi muito maior, caro padre — responde o ex-militar sorrindo e pondo a caneca sobre um barril que lhe ficava perto.

— Antes, todo o bairro do Carmo praticamente me pertencia. Hoje, graças a Deus, pertence a todos quantos queiram nele morar. E é um recanto apazível. Dali vê-se o mar, os navios que chegam e saem — e apontou uma construção avarandada, com alpendre, que dava a impressão de querer despencar encosta abaixo, dada sua localização no terreno que abruptamente declinava-se, coberto de luxuriante vegetação, indo, muito abaixo, unir-se à areia macia da praia.

— O ar aqui é saudável, sem o cheiro característico do pescado em putrefação, como é tão comum em nossas ruelas junto ao porto. Ontem estive, por muito tempo, assistindo os reparos que se procedem no fortim do arrecife. Venho sempre a esse lugar. Vamos, vamos até lá.

Conversando animadamente, foram até a edificação, onde o padre ficou-se, estático, ante a beleza maravilhosa que se descortinava do local. O mar azul, estendendo-se até onde a vista podia alcançar, salpicado pelas brancas velas dos saveiros e um ou outro grande navio; a linha cinzenta da ilha de Itaparica ao longe e, mais perto, o cais coalhado de embarcações de todos os tipos, notando-se o vai-e-vem do trânsito incessante no cais, davam ao conjunto uma visão pitoresca, que deliciava a quantos tivessem a ventura de contemplar tal panorama. Uma brisa fresca fazia ondular os cabelos soltos do Alferes que, em sua postura ereta, magro e alto, parecia cismar.

— Eis um bom lugar para um fortim — disse o padre. — Sua Excelência, o Governador, parece estar tomado por uma febre de fortificações. £ bem capaz de, aqui, mandar erigir uma.

— Não — responde o Alferes, olhando-o nos olhos. — Aqui será, sim, erigida uma igreja, para fortificar a alma do povo, mais aproximá-lo de Deus.

— Uma igreja? — quase gritou o padre, com ar incrédulo. — Então...

Sorrindo, o Alferes o interrompeu, explicando:

— Sim, padre, uma igreja. Compreendo seu assombro e digo-te que a religião

católica é uma necessidade para o povo, quando professada com o devido critério, outorgando a liberdade justa a todas as outras religiões. A religião dos mortos, como na certa chamas; ou não cogitas que seja uma religião?

— Não sei... Creio, porém, que tendo por base em que se apoia, Deus, é uma religião.

— Pois bem, esta é ainda uma religião nova, praticamente desconhecida como tal, mas, cujos fenômenos espalham-se pelo mundo inteiro. É taxada de feitiçaria, de arte do demônio, pois ainda em quase sua totalidade o homem tem o natural receio das coisas que pensa não poder controlar. É uma religião que engatinha, por assim dizer, muito embora, como já disse, esteja espalhada por toda esta nossa terra. A religião católica, ao contrário, é conhecida universalmente. O nosso Brasil, por exemplo, é quase em massa professante dessa religião. Portanto, para que se conheça a religião dos espíritos, faz-se mister conhecer, antes, a católica, pelo menos aqui, na atualidade. Assim, quando as bases de nossa religião forem lançadas ao mundo, o que ocorrerá breve, haverá a natural comparação, os estudos e por certo os espíritos ganharão adeptos.

— Então, pensas em fazer uma competição?

— Não, padre. E quero que fique bem claro que a religião dos mortos não precisa de ninguém. Nós, sim, é que dela precisamos. É justo que num país reconhecidamente católico, ao aparecer outra religião, suscitem-se polêmicas, comparações mesmo. O meu trabalho, por ora, é divulgar, dentro de minhas possibilidades, e sem ferir a suscetibilidade de ninguém, o que será, em futuro próximo, a religião universal.

Padre Pedro ouvia, encantado com o entusiasmo do ex-militar, que parecia transformado enquanto falava.

— E — continuou o Alferes — faz-se necessário, aqui, neste bairro, a construção de uma igreja católica. É preciso que existam as polêmicas, que as opiniões se dividam, que discutam e que cheguem a conclusões.

— Sim, entendo — opina o padre. — Mas, há de convir o senhor que, presentemente, nem sequer polêmicas haveriam. E os adeptos desta nóvel religião seriam atirados todos à uma masmorra, quando não fossem atirados à fogueira. Para a igreja, a invocação dos mortos é arte do demônio.

— E que maior propaganda para nossa religião que a perseguição, as condenações, os martírios? Já na Roma Antiga, os cristãos eram atirados aos leões por acreditarem nas palavras de Jesus Cristo, o filho de Deus. Morreram milhares deles, mas nem por isso a palavra do Mestre foi abafada. Sofreremos, sim, padre, e o sofrimento será a escada espinhosa, cujos degraus que nos ferem os pés, um dia nos farão chegar ao Alto, onde tudo é suave.

— Construindo a igreja, meu caro Alferes, estarás criando a cobra que o morderá um dia. Eu compreendo muito bem, infelizmente, certas atitudes da igreja. Agora mais do que nunca. Aliás, determinadas normas sempre me causaram espécie. Não temo em te dizer, que os homens que comandam o Catolicismo, o fazem disseminando o medo, o pavor mesmo, entre os fiéis. Assim é o caso do inferno, purgatório e do célebre diabo. Em vários casos, a prática do sacerdócio é convertido em negócio rendoso. Natural, portanto, e explicável, que os grandes da igreja tudo façam para prender os fiéis aos dogmas absurdos do Catolicismo.

— Padre, falas com destemor — disse o Alferes, pondo a mão no ombro do sacerdote. Este sorriu e observou:

— Em tua presença, apenas, meu caro Alferes. Já estou velho, e como tenho muito ainda que aprender, vou fazendo tudo como manda a igreja. Ansiando adquirir conhecimentos, não posso suscitar dúvidas a meu respeito. Mas, não tenho medo.

— Claro que não, padre. És, tão somente, prudente. E assim deve ser.

— Minha opinião, senhor Alferes, é que a religião dos espíritos vai ter que esperar muito até que possa ser divulgada livremente. O Catolicismo é todo poderoso e sabes como tem agido na Europa: não se detém diante de nada e os maiores crimes são praticados em nome de Deus. Vai demorar muito, meu caro, até que possam sair das “tocas”.

O Alferes tornou a sorrir, divertido, debruçando-se na amurada.

— Sim, vai demorar, mas o tempo pouco importa. Para termos uma base segura, é preciso séculos, período que para nós tem tanta importância, mas que para os espíritos pouco importa. Esteja certo, chegará a época em que espíritos darão comunicações as mais diversas, escreverão livros, abalarão pela raiz os dogmas da religião católica.

— Isso é uma profecia?

— Não, estou apenas repetindo-te o que ouvi de espíritos amigos.

— Oh! Eis que chega o nosso irmão dorminhoco — exclama padre Pedro, apontando para padre Felipe, que se aproximava.

— Procurei-te por todo o canto — declara irmão Felipe unindo-se aos três amigos.

— Quanto dormiste, hein!

— Ah, sinto-me forte como um touro. Que lindo panorama, amigos! Que belos ares!

— Agora, fica calado, padre Felipe, pois eu e cá o nosso amigo Alferes estamos a meio de uma interessante palestra.

— Ora, muito bem! Continuem, interessa-me.

— Disseste, caro Alferes, espíritos amigos? Há, acaso, os que não o são?

— Mas claro, meu amigo. Há toda a classe de espíritos: os bons e os maus.

— E esses maus podem influir, diretamente, em nossas vidas?

— Podem. Há criaturas que são muito sensíveis à aproximação de qualquer espírito. São sensitivas, acusam a vizinhança de toda e qualquer força espiritual. Acontece, porém, que não estando preparadas, nada conhecendo, deixam-se influenciar, de acordo com a mente do espírito. Às vezes é um inimigo ferrenho de outras vidas, que tenta, por todos os meios, induzi-la à prática do mal, quando não a faz sofrer males sem causa aparente, arrasta-a para os antros de vícios, etc...

— E como preparar a pessoa, digamos, esse sensitivo, para resistir a tais ataques?

— Eu já tenho preparado alguns, com resultados assombrosos. Ê preciso que o atacado convença-se disso e consinta em deixar-nos trabalhar o espírito influenciador. Esse é, em todos os casos, digno de pena. Às vezes, vêm de encarnações remotíssimas, remoendo um ódio qualquer por certa pessoa, sem saber o mal que a si próprio está causando.

— E como entrar em contato com tais espíritos?

— Ê simples. Por intermédio dos próprios sensitivos, acordes em receber diretamente, em seu corpo, o espírito atormentador. Assim podemos conversar, e dentro em pouco já o teremos instruído, fazendo-o pensar no grande mal que está causando à sua própria evolução espiritual.

— Quer dizer, então, que o sensitivo é como uma ponte ligando a vida à morte? — perguntou padre Felipe.

— Sim, é, mas digamos que não à morte e, sim, a vida da matéria para a vida espiritual.

— Ê _ é deveras interessante!

— E verdadeiro, padre. A maior das verdades!

— Onde conseguiu o senhor tanta teoria, em um assunto tão pouco ventilado? Existem livros?

— Não propriamente livros, mas escritos originários do Egito, da Índia; há documentos vedas e mesmo os livros de feitiçaria nos ensinam algo de aproveitável. Mas, no meu caso, as aulas são ministradas pelos próprios espíritos.

— Há privilégio nisso?

— Não, longe de ser assim. Estou, apenas, cumprindo o meu dever como filho de

Deus. Esse é um trabalho de caridade, irmãos. Não existe privilégio em servir-se à causa dos espíritos. Todos nós podemos fazê-lo.

Um toque de sino fez-se ouvir, ao longe. O ex-militar batendo, amistosamente, nas costas dos dois padres, desculpou-se:

— Sinto, mas tenho que deixá-los. É hora de distribuir alimento aos nossos pobres irmãos necessitados. Domício os guiará em visita às instalações da fazenda. Até logo, então. — E saiu apressado, em passo marcial.

— Bom homem — comentou padre Pedro.

— Sim, vê-se logo que é uma grande alma. Pena que um dia possa vir a ser macerado.

— Esperamos que não, caro Felipe. A este homem parece estarem destinadas grandes obras. Não devemos, sequer, pensar no que aconteceria se fosse ele aprisionado.

— Sim, padres — interveio na conversa, Domício —, este homem preso seria uma perda irreparável para os pobres infelizes que a toda hora acorrem a esta fazenda em busca de alimentos, trabalho, roupas e remédios.

— É — concordou irmão Felipe —, nem sequer devemos pensar em tal hipótese.

— Agora, vamos senhores; vamos e eu lhes mostrarei toda a propriedade. Por certo que ficarão admirados com tudo o que verão.

— Estou pensando, seriamente, Felipe — disse o outro sacerdote — em ficarmos aqui por uma semana. Bem que precisamos de umas férias, não achas?

— Seria ótimo, padre Pedro. Mas, deveríamos comunicar ao Mosteiro.

— Isso o bom Domício fará por nós. Não é mesmo, Domício?

— Mas claro! Estou a serviço de Vossas Mercês.

— ótimo. Agora, vamos que tenho impaciência em conhecer esta fabulosa fazenda.

Com Domício por guia, começaram a percorrer a enorme propriedade. Passaram por pastos bem cuidados, onde gado manso, tranquilamente, pastava; plantações as mais diversas eram cultivadas, com esmero; galinhas, porcos e carneiros eram criados em quantidade apreciável. Os visitantes andaram muito, vasculhando todos os recantos da bela herdade e voltaram entusiasmados. Os dias subseqüentes em que permaneceram na “Fazenda Caridade” foram intercalados de passeios e distribuição de alimentos aos necessitados, mister a que se entregavam os dois jesuítas com evidente satisfação, pois comungavam do carinho comovente com que o Alferes atendia aos desamparados, assim como seus filhos, notadamente a mocinha loura que com seu sorriso e graça juvenis a todos encantava.

Certo dia, após o árduo trabalho de distribuição, padre Pedro sentou-se em uma barrica e enxugava o suor do rosto, quando Maria a sorrir angelicamente — cabelos louros brilhando ao sol da manhã e esvoaçando à fresca brisa, como filetes de ouro — dele aproximou-se e seqa cerimônia acomodou-se em seus joelhos. Abraçando-o carinhosamente, perguntou:

— Muito cansado?

O padre sorriu e pôs-se a acarinhar a cabecinha dourada da criança.

— Sim, um tanto. Sabes, aqui o velhinho já está prestes a contornar a curva do caminho que o levará à eternidade. Suas pernas já estão fracas ...

— Engana-te, padrinho — tratamento previamente convencionado, para que não fosse divulgada a condição de sacerdotes dos dois visitantes — ainda vais demorar muito entre nós.

— Que importa, meu bem, que demore ou não? Até que lá deve ser muito melhor que aqui.

— Sem dúvida que é. Tudo é mais bonito, mas a missão do padrinho ainda está para começar.

— Como assim, querida? — pergunta o padre interessado.

— Meu pai vai construir a igreja e o padrinho será o padre.

— Como sabes disto? — inquiriu, sorridente, padre Pedro.

— Ele me disse...

— Ele? Ele quem?

— Jean, ora.

— Mas, quem é Jean, meu anjo? — tomou o padre, cada vez mais atraído pelas declarações da criança.

— O padrinho o conhece. Ele lhe falou.

— Não me recordo. Também era de se esperar, minha memória ...

— No primeiro dia que o padrinho chegou aqui, ele lhe falou. Veio apenas para isso. £ aquele jovem louro...

— O... o espírito? — quase grita o velho.

— Sim, meu noivo Jean.

— Noivo? Ora, minha querida, então tens um noivo?

— Sim, Jean é meu noivo. Tivemos que nos separar fisicamente, para meu aprendizado, mas estamos sempre juntos, em espírito.

O padre olhou, entemedidamente, o rostinho alegre da criança, e como tinha sede de aumentar seus conhecimentos, buscou colher maiores informes sobre assunto tão interessante.

— Mariazinha, queres contar ao padrinho algo sobre vocês?

— Certo, sim, padrinho. Eu gosto de falar sobre isto. O Jean e eu já estivemos na terra em outras encarnações. Somos almas da mesma essência, almas gêmeas²¹ Infelizmente, padrinho, eu sempre fui descuidadosa de meus deveres espirituais, de modo que, para poder purificar meu espírito, fui forçada a vir sozinha, nesta encarnação. Nesta, tenho que servir à causa, sofrendo a dor cruciante da separação. Entretanto, só estarei aqui, no plano físico, até a segunda década de minha vida, após o que partirei para junto do meu bem amado.

Padre Pedro ouvia tudo, atenciosamente. Olhava, com ternura, para o meigo e sorridente rosto da menina, cujos olhos brilhavam, enquanto falava.

— Que queres dizer com só estarás aqui até a segunda década? Será que ...

— Sim, padrinho, irei para a companhia de Jean. Então, já estaremos nivelados, o que nos facultará mais uma encarnação juntos.

Comovido, o jesuíta abraçou-se à menina, que retribuiu o amplexo, sorrindo.

— E espero tão ansiosa esse dia...

— Seu pai tem conhecimento de tudo isso?

— Sim, todos na família sabem.

— E não estão tristes?

— Não há razão para tristezas, padrinho. Eu apenas vou para onde eles irão um dia. Como todos, eu estou fazendo um trabalho. Quando este acabar, voltarei à minha verdadeira pátria...

— És um anjo, Mariazinha. Deus te abençoe — murmurou o padre, sentindo que de seus olhos duas lágrimas desciam. Abraçou, fortemente, a criança.

— Eu gosto do padrinho. Terás tua igreja e eu estarei sempre contigo.

— Que Deus assim permita, meu anjo. O padre Pedro também esforçar-se-á por merecer um lugarzinho perto de ti, em tua Pátria espiritual.

— Oh, padrinho, já és um santo! Teu lugar há muito que está reservado. Não é preciso

²¹ (*) N.A. — Allan Kardec pergunta aos Espíritos sobre a Teoria das Almas Gêmeas no item 298 do Livro dos Espíritos, pg. 172, Edição LAKE. Confira

acreditar na religião dos espíritos para merecer a salvação. Basta acreditar em Deus e viver uma vida devotada a todos os nossos irmãos. O padrinho já há muito esqueceu-se de si próprio para cuidar-de nossos irmãos selvagens, por isso tens assegurado esse lugar.

Rendeu-se, totalmente, o velho padre à emoção. As lágrimas inundaram-lhe todo o rosto, correndo copiosas pelas inúmeras rugas que lhe vincavam o semblante. Admirava-se de ver aquela criança de 12 anos falar tão fluentemente o seu idioma, com segurança e certeza do que dizia. Desde esse dia, tornaram-se grandes amigos passando o padre a esmerar-se no tratamento que lhe dispensava. Davam longos passeios a palestrar sempre sobre assuntos transcendentais de que tanto gostavam. Ao cabo de uma semana, despediram-se os dois sacerdotes, prometendo o Alferes mandar-lhes avisar, tão logo estivesse concluída a construção da igreja.

Percorrendo o caminho que conduzia à casa do solícito Domício, os jesuítas aí trocaram de roupa, voltando a envergar as batinas, cuidadosamente guardadas pelo bom oleiro.

— Até breve, Domício. Em caso de necessidade, procurarei entrar em contato contigo — falou, despedindo-se, o padre Pedro.

— Estarei à disposição de Vossas Mercês, padre.

Durante o trajeto de volta ao Mosteiro, padre Pedro ia pensando, maravilhado com tudo quanto aprendera. Padre Felipe, vendo-o calado, sério, não pode deixar de indagar:

— Ora, que tens, caro Pedro? Sofres de saudades?

— Entre outras coisas, irmão. Mas, isso não é sofrimento. Sinto cá no peito, isto sim, uma verdadeira alegria. Por fim, tive a prova de tudo quanto imaginava. — E, encarando o companheiro — E tu, que achaste de tudo quanto vistes?

— Ah, meu amigo, foram coisas deveras maravilhosas. Estou a pensar que me sentirei, agora, atrapalhado, quando tiver que dar lições de religião aos nossos amigos gentios.

— Como assim?

— Ora, Pedro, não me animo mais a ensinar a religião católica, sem acrescentar algo das verdades que na fazenda aprendi.

— É verdade. Acrescentar verdades ... suprimir mentiras... e, dentro em breve, estaremos sendo observados por olhos desconfiados.

— Ora, que nos olhem. Já a mim pouco importa o que façam — ripostou irmão Felipe, num assomo de coragem. Irmão Pedro o olhou pensativo e aconselhou:

— Não, Felipe. Devemos importar-nos, sim. Precisamos estar vivos e aqui, para podermos ajudar a esclarecer esta gente. Não podemos ir de encontro a forças mais poderosas que as nossas. Com jeito, iremos introduzindo algo das verdades que aprendemos, sem levantar suspeitas.

— Que seja. Entretanto, será difícil agora encarar os dogmas e conceitos de nossa religião.

— Não te preocupes, daremos conta do recado. Devagar, mas daremos.

X 0 aprendizado dos gentios

A caminhada fazia-se longa. Silenciosos, seguiram os dois jesuítas a dar maior rapidez a seus passos. Atravessaram os muros e ganharam a cidade, infiltrando-se entre os transeuntes que se movimentavam apressados uns, outros, parados, a discutir as novidades do dia. Liteiras cruzavam-se, carregadas por fortes negros ou índios, vestidos com vistosas librés, de cores berrantes. Rentearam por trabalhadores entregues à faina de pavimentar algumas ruas, junto aos quais enormes pilhas de pedras, em sua maioria de formato arredondado, amontoavam-se. Por fim, chegaram ao Mosteiro, onde enfrentaram a fisionomia fechada do padre porteiro, que logo se abriu em sorrisos ao reconhecê-los. Lá dentro, separaram-se os dois

companheiros — irmão Felipe seguiu para sua cela, enquanto que padre Pedro atravessou o pátio em direção à Escola dos Jesuítas. Estava ansioso por rever seus protegidos. Ao iniciar a subida da escada que levava ao andar dos alojamentos, parou, alegre, ao deparar com o padre diretor, que se preparava para descer ao compartimento* térreo. Sincero júbilo estampou-se na face do bondoso administrador.

— Oh! Que graças dou aos céus por teres já regressado, meu caro Pedro.

— Alguma coisa aconteceu em minha ausência? — perguntou padre Pedro, temeroso. Mas sorriu-lhe o diretor, tranquilizando-o:

— Não, nada de grande importância. Apenas alegro-me por rever-te.

— E como vão Japi e a esposa?

— Ah! Estes dois, estes dois... — E o padre fez um ar de cansaço, acompanhado com uns gestos vagos, descendo uns lances da escada e, parando, por fim em frente ao Padre Pedro:

— Ela não é tanto, mas o bugre... Virgem Santíssima! É um caso para estudo.

— Mas conta, padre, que andou fazendo o Japi? Alguma malcriação?

— Por certo que mal criado ele foi, lá onde viveu. Mas, não é só isto meu caro. O índio é de uma inteligência fora do comum. Tem-me trazido desnorteado.

— Ah! — suspirou, aliviado, padre Pedro, que havia temido algo de mal. O diretor, porém, continuou, levando-o para o meio do pátio, onde ambos sentaram-se em um banco afastado dos demais jesuítas que, por ali, estacionavam em grupos.

— Padre, o Japi é caso único. Não sossega um só momento. E, nunca vi mesmo em nenhum branco tanta vontade de aprender e a facilidade que tem para tal. Volta e meia, está ele a fazer perguntas, enredando a todos aqueles que não o sabem responder. Aqui para nós — e o padre examinou à sua volta — até eu tive que recorrer aos livros para recordar-me de algo que ele certa vez procurou saber e que já não me recordava.

— Mas, isso é bom, padre diretor...

— Bom? Ora, claro que seria se o capeta do bugre não insistisse em ter as respostas na hora. E, após ouvi-las, já sabe tudo e, incrível, vai até mais adiante ... Não compreendo. Creio esteja ele enfeitado. Precisamos batizá-lo, padre, sem demora.

Padre Pedro sorriu, compreensivo, considerando, consigo mesmo: “Ah, se pudesse dizer o que sabia...”

— Pois é como te digo, Pedro. Teu gentio, em uma semana, já sabia ler e escrever. Fala muito bem. Note que temos aqui selvagens de mais de seis meses, que mal escrevem o nome.

— Onde está ele?

— Vamos, eu te levarei ao capeta. Mas, peço-te, fique às escondidas, de forma a que ouças o que com ele me proponho falar. Verás como reage o bugirão.

— Muito bem, vamos, que estou ansioso. Ficarei por trás do chafariz, de modo a não ser visto por ele. Procure falar alto. Eu ouvirei tudo.

O diretor afastou-se, passando pelas arcadas em direção ao Colégio. Padre Pedro postou-se na posição antes combinada, esperando. Pouco depois, viu, espiando discretamente, que o padre retomava em companhia do índio. Este andava, calmamente, ao lado do sacerdote, com a cabeça erguida, altivamente. Esguio e alto como uma palmeira, junto do qual o diretor não passava de esmirrado arbusto. Chegados ao banco, o padre sentou-se, convidando-o a imitá-lo. Japi, entretanto, indiferente ao convite do seu mestre, tomou assento no chão, em frente ao sacerdote, que não pode deixar de rir, o que provocou também o riso no padre Pedro, que se mantinha escondido.

— Esta é uma das coisas que, ainda, não aprendeste, meu caro Japi: não deves sentar-te ao chão.

— Sim, mas Japi gosta.

— Porque foste antes acostumado a isto. Agora, não há mais necessidade.
— Irmão foi acostumado a sentar no banco, senta. Japi, no chão, no chão senta.
— É incrível, Japi, que coisas tão importantes tenhas aprendido, e coisas simples não aprendas.

— Japi aprendeu, padre. Apenas não há necessidade de sentar-se no banco. Japi é livre em suas opiniões.

— Muito bem, muito bom •••

— Que quer o irmão com Japi?

— Conversar. Olha, Japi — e o padre estampou no rosto sua melhor expressão — tu e Tabira precisam ser batizados. Necessitam ter um nome civilizado.

O moço índio atirou, com um gesto de cabeça, a vasta cabeleira para trás, olhou o padre com arrogância e, sério, respondeu:

— Japi já tem seu nome. Não quer outro, nem quer ser batizado.

— Não quer?! — exclama o padre.

— Não — responde o índio, com autoridade.

— Mas, por que, Japi? Sabes o que é o batismo? — pergunta o padre, exprimindo na fala infinita candura.

— Não, não sei.

— Então, como podes ter certeza de que não quer?

Cruzando as pernas e encarando nos olhos o professor, Japi indaga:

— O que é batismo?

Anima-se o diretor, definindo, pausadamente.

— Batismo é uma cerimônia, na qual o homem recebe o nome que vai usar e pelo qual atenderá. O homem batizado, Japi, ao morrer, poderá ir para o céu, o que não acontece com aquele que não o é. E, a estes dá-se o nome de pagãos. Tu, por exemplo, és um pagão. Precisas batizar-te, para que, assim, possas receber as graças de Deus.

— Não quero — grita Japi, levantando-se em toda sua estatura ante o padre que, instintivamente, recuou um pouco o corpo para trás. Vendo, porém, que o jovem nada tinha de agressivo continuou:

— Mesmo sabendo que assim poderá ir para regiões terríveis quando morrer? Assim meu filho, não poderás ser agraciado por Deus. Terás que sofrer muito, quando tua alma deixar o corpo ...

— Não! — rugiu o índio, a quem tal história não estava agradando.

— Mas, por que, Japi?

— Não sei, mas não quero. Se o irmão insiste, Japi volta para a floresta, para sua tribo. Lá, sempre viveram seus irmãos, sem o batismo e nunca foram para regiões terríveis quando morreram. O Deus de Japi não é um Deus mau como o do irmão.

— Ele não é mau, filho. E é o mesmo Deus de teu povo. Só que a Ele dás outro nome.

— Se é o mesmo Deus — retruca o índio — então é mesmo um malvado. Por que terá enviado todos os irmãos de Japi que morreram para o lugar do fogo que não apaga? Mas, irmão está enganado.

O Deus de Japi não é assim, ele tem certeza. E não precisa batizar seus filhos para gostar deles. — E elevando a voz — Nem Japi, nem Tabira vão se batizar, e irmão não insista mais.

Tal foi o olhar que o índio dirigiu ao sacerdote, que este achou por bem não insistir, mesmo.

— Está bem, filho, podes voltar. Depois conversaremos.

O índio deu meia volta e saiu andando por entre os padres que por ali transitavam e o olhavam, abrindo-lhe passagem, como a um rei. O padre diretor, então, chamou padre Pedro do seu esconderijo, que, sorridente, veio sentar-se ao seu lado.

— Ouviste tudo?

— Não perdi uma só palavra.

— Ótimo. Não compreendo...

— O que?

— Este índio. Cada vez o entendo menos. Ele tem certas concepções, simples é bem verdade, mas que desarmam qualquer pessoa. E que maneira superior esta com que nos olha e responde. Ele tem certeza daquilo que quer e não admite que pretendamos fazê-lo mudar de idéia. Nos estudos, é um caso sério, único. O que eu ensino hoje, amanhã não tenho a menor necessidade de voltar a ensinar, pois que tudo ele aprende com facilidade. Dir-se-ia que já sabia, mas, esquecido, que estivera, logo se recorda ao ouvir as explicações. Incrível! E tem me dado um trabalho...

— Trabalho? Como?... O que me disseste prova ser ele ótimo aluno.

— E é, mas os outros têm menos inteligência. Tenho que ensinar a mesma coisa repetidas vezes. Então ele se levanta e diz que já sabe, que quer saber outras coisas. Compreenda, irmão, não posso fazer como ele quer. Prejudicaria seus companheiros — Padre Pedro sorriu, divertido.

— Este Japi é um número! Mas, e a esposa?

— Tem tanta inteligência quanto ele, mas é mais comedida, e é quem o contém nestas horas de impaciência.

— Sossegue, padre, vou tomar a mim a responsabilidade da instrução do Japi. Assim, só com ele, o satisfarei.

— Era justamente isto que queria propor-te, padre Pedro. Ele te respeita demais, pois sente a tua falta, já que sempre está à porta, na esperança de ver-te chegar.

— Bom Japi! — exclamou o religioso comovido. E voltando-se para o diretor: — Posso levá-lo, padre? Quero ir com ele dar uma volta pela Cidade.

— Naturalmente, caro Pedro. Estou a ver a cara do bugre ao dar com tua presença. Vou chamá-lo, espera.

Dentro em pouco, um coro de imprecações agitadas fez o padre Pedro voltar-se para ver de que se tratava. Como uma avalanche humana, Japi entrava correndo no pátio. Três padres jaziam no chão, derrubados que foram por ele, em sua chegada alucinante, ao encontro do amigo. Rosto iluminado por uma alegria esfusante, prostrava por terra, tudo quanto encontrava à sua frente, saltando bancos, no afã de aproximar-se do padre Pedro. Este esforçou-se para aparentar uma fisionomia severa, mas só conseguia sorrir, vendo tal prova de amizade do índio para consigo. Ei-lo, por fim, que, acercando-se do sacerdote, arroja-se de joelhos ao solo, segurando-lhe a batina e curvando a cabeça. Sensibilizado ante tanta afeição, padre Pedro mal conseguia articular as palavras.

— Levanta-te, Japi.

O índio obedeceu e seus olhos brilhavam de contentamento. Ao redor dos dois, foram-se juntando inúmeros jesuítas, antes furiosos, mas já calmos, por terem atinado da causa das peripécias do índio, que julgavam haver enlouquecido. Japi abraçou-se com o padre, tão fortemente que este quase perdeu a respiração. Três vezes elevou-o acima do solo, sem o menor esforço, depositando-o, depois, com carinho e exclamando:

— Irmão voltou, voltou também a alegria de Japi.

— Eu também estou alegre, meu filho. Senti muito a falta de Japi.

— Padre, ainda vais viajar?

— Não, Japi. Por ora, não. E Tabira, como vai?

— Vou buscá-la, irmão. — E o índio fez menção de voltar como entrara, provocando o recuo instintivo de todos, mas padre Pedro o deteve.

— Não, Japi. Eu irei a ela. Vamos juntos.

E caminharam os dois, atravessando o círculo de curiosos, até atingirem um vasto salão avarandado, onde várias moças índias aprendiam as artes da costura. Entre elas estava Tabira

que, ante a aproximação do marido com o amigo, levantou-se, rápida, e dirigiu-se, correndo, ao seu encontro.

— Padre Pedro! — exclamou, adrando-se nos braços do velho sacerdote, que acariciou-lhe os longos cabelos olhando-a, demoradamente. Sorrindo, confiou a Japi.

— Olha, Japi, dentro em breve teremos aqui um pequeno guerreiro.

— Quando? — pergunta o índio, arregalando os olhos.

O padre sorri, respondendo:

— Não sei, não sei. Apenas estou achando tua mulher um tanto gorda. Pode ser que seja, Japi; pode, também, não ser.

Japi abraçou a esposa, que lhe sorria e indagou:

— Tabira já sente a presença do filho de Japi?

— Não, querido, ainda não. Apenas o corpo de Tabira prepara-se para recebê-lo. Quando tal se der, Japi saberá.

Conversaram, animadamente. Tabira distinguia-se de todas pelo trato afável, no modo de falar e na fidalguia de seu porte. Deixando-a entregue ao aprendizado, despediu-se o padre, saindo em companhia de Japi. Já fora, encaminharam-se para a saída do Mosteiro e se puseram a andar pelas ruas. Enquanto seguiam, padre Pedro inquiriu:

— Como te sentes, Japi? Como vais de estudos?

— Bem. Mas irmão diretor não sabe responder às perguntas de Japi. Não tem mais livros para Japi ler.

— Ah! Queres mais livros? Pois padre Pedro os arranjará. Mas, é preciso saber que assuntos preferes. O que queres?

— Primeiro Japi quer usar uma espada. Quer saber como usá-la.

— Uma espada? — espantou-se o padre. — Mas, para que queres ter uma espada?

— Ora, Japi quer ser cavalheiro.

Sorriu o padre compreensivo.

— Sabes o que é ser cavalheiro, Japi?

— Sim, padre. Cavalheiro é o homem que usa uma espada.

— Não, Japi, estás enganado. Um soldado qualquer usa a espada, mas não é um cavalheiro. O que faz um cavalheiro é a educação, suas maneiras corretas, seu modo de andar, seus gestos e não a espada. Podes ser cavalheiro, sem que tenhas a necessidade de andares armado. Um cavalheiro se faz nos livros, principalmente. Podes ter uma espada, agora, e não seres cavalheiro.

— Mas não foi isto que disse o Padilha a Japi — respondeu o moço olhando o padre.

— Ah, estivestes com o Padilha? E que te disse ele?

— Japi pediu-lhe uma espada. Ele sorriu e disse que quando Japi fosse um cavalheiro, daria uma. Então, Japi quer ser cavalheiro.

— Bem Japi, o que o Chico Padilha quis te dizer foi que primeiro deverias te educar, para, então, poderes usar uma espada e saberes como usá-la. Digo usá-la e não manejá-la, pois isto qualquer pessoa pode fazer. O cavalheiro, porém, que a usa, sabe, pela educação que tem, que só pode se valer da arma em defesa de sua honra, em defesa de um amigo, de uma donzela ou de sua própria vida.

— Japi sempre fez assim, com seu arco e flecha.

— Acredito, meu filho. Na selva, tens tuas leis que diferem das nossas. Infelizmente, se andares armado pelas ruas, serás preso.

— Mas, por quê, padre?

— Porque é um índio, Japi. E ser índio para a maioria, aqui, é sinônimo de perigo para a população. E um índio armado, então...

— Japi não pode andar armado na Cidade, por que é índio?

— Infelizmente, Japi.

— E por que os homens andam armados nas terras dos irmãos de Japi?

A pergunta pegou o sacerdote de surpresa. Depois de pensar um pouco, respondeu:

— Japi, aqui, nada oferece perigo. Na selva, porém, os há em demasia. Por isso, o branco lá entra armado, para defender a vida.

— Se assim é, por que, também, andam armados na Cidade? Se não há perigo, por que as armas?

— Ah! como fazes perguntas embaraçosas, filho. Mas, responderei. Ouve, Japi. O forte, o verdadeiramente forte, não precisa de armas. Vê, o padre não as usa. O fraco, o que sempre anda temendo ser atacado, ou o culpado de algum crime é que anda ostentando na cintura uma arma qualquer. Ele se sente corajoso, tendo-a ao alcance da mão. Tirando-a, é como se estivesse despido.

— Então o Padilha . . .

— Não, filho. Não estou querendo dizer que o Padilha seja um desses, muito embora ele não tenha lá sua vida muito regrada. Mas, a grande maioria assim é, Japi. Eu sei que, usando uma espada, saberás como fazê-lo. Mas, convém aguardares mais. Estávamos a falar sobre livros. Garanto conseguir-te muitos. Agora, meu filho, vamos dar um passeio pela Cidade, a ver as novidades aparecidas em minha ausência.

Enveredaram, então, por tortuosas ruelas e becos escuros, onde a luz do sol não penetrava, até desembocarem em grande praça em construção. Apontando para um extenso edifício, térreo, situado em um dos lados do largo, a tomar-lhe quase toda a largura, explicou padre Pedro:

— Ali, Japi, é um colégio. O Colégio dos Jesuítas propriamente dito. É ali que os noviços aprendem a arte da catequese, e de onde saem para o trato com os índios.

— Japi pensou, padre, que o Colégio fosse no convento onde estuda.

— Não, meu filho. Ali, é como uma casa de treino. Não deixa, naturalmente, de ser um colégio. Os padres professores, porém, saem daqui, para o primeiro contacto com os irmãos de Japi, lá, no Mosteiro.

O edifício baixo, corria paralelamente à praça, dobrando, em seguida, com um *L* invertido, para o lado esquerdo, com uma grande torre.

— Ali conseguiremos muitos livros para ti, Japi.

— Ótimo, irmão.

Por uma garganta entre a esquina da igreja e um casarão, passaram à outra praça, cujas habitações, com as fachadas principais dando para ela, deparavam-se na encosta que se perdia no mar que, abaixo, descortinava-se. Ficaram, por momentos, olhando a paisagem e depois retomaram o passeio, passando por outra igreja em início de reparos.

— Ah, Japi! Os reparos desta igreja estão bulindo com os nervos do senhor Governador e do Bispo. Há de dar muitos panos para mangas.

Continuaram o caminho, por entre enormes casarões de pedra até pararem em outro largo onde, em frente à porta de soberbo edifício cheio de janelas e sacadas, inúmeras pessoas conversavam; soldados com suas fardas vistosas, armados de mosquetes, estavam enfileirados junto à entrada, enquanto outros passavam, entrando ou saindo do prédio. Um muro baixo corria desde a parte da edificação que terminava a cavaleiro do morro, até uma tosca construção, de onde provinha certo barulho.

— Eis ali, meu caro Japi, onde mora o nosso Governador. É ali o Palácio do Governo. Do homem que dirige os destinos da Cidade.

— Deve ser um homem poderoso, um cacique valente,
O padre sorriu.

— Eu ainda nada te posso dizer quanto a ele. Mas, se a ele foi confiado o governo, deve ser como dizes.

— E aquela choça ali, fazendo tanto barulho?

— Ali — e o padre apontou para a construção um tanto afastada — é um dos nossos guindastes. Vamos, vamos até lá. Verás melhor.

— Aqui, Japi — ctimentou o padre indicando ao índio umas ruínas já carcomidas pelo tempo, mas ainda bem visível do que fora antes um muro de pedras — estava localizada a porta de St.^a Catarina. Por ela passaram, há muitos anos, irmãos teus, quando de uma tentativa de ataque ao então governador da Cidade.

— Por que?

— Os brancos, invadindo as matas, à procura de madeira, tiveram de se defender de uma emboscada, na qual muitos índios foram mortos. Para se vingar, tentaram atacar a Cidade, sem resultado, no entanto.

O índio nada disse. Acercaram-se do local de onde provinha o barulho. Já antes de chegarem, uma gaiola de madeira trançada, presa a grossas cordas, subia pela encosta da montanha. As cordas eram atadas a grande torniquete que movimentado por dois padres, faziam subir a gaiola, contendo mercadorias do porto. Japi ficou longo tempo a olhar a gaiola que ora subia, ora descia a vertente. Depois, enfadado, olhou o padre e disse:

— Japi quer voltar, padre.

— Vamos, então, meu filho.

— E os livros?

— Ah, padre Pedro não os esqueceu. Amanhã Japi os terá.

XI Encontrando a perdição

Os dias correram céleres. Padre Pedro, revezando-se, às vezes, com o irmão Felipe, cuidava da educação do índio e da esposa. Crescia, a cada instante, a admiração dos dois sacerdotes ante o poder de assimilação do casal aos ensinamentos ministrados. Permaneciam, muitas vezes, apalermados a olharem um para o outro, quando recebiam de Japi respostas que traíam a incomum inteligência do índio.

Acostumou-o, padre Pedro, nas horas de folga, levá-lo a passeio pela Cidade, para espairar um pouco e não forçar demais sua memória. Num desses passeios, ao passarem por uma rua estreita e mal iluminada, ouviram gritos de angústia que partiam de uma casa. Largando o padre, Japi, automaticamente, corre e envereda pela enorme porta da habitação,

que se encontrava aberta, no que foi seguido pelo sacerdote, com esforço. Logo no início da escada que levava à parte superior da residência, depararam com três homens, que reconheceram marinheiros de algum navio fundeado no porto, tentando arrastar para a rua uma moça. Um rapaz jazia morto, no chão, quase degolado. A jovem gritava, apavorada, esperneando nos braços que a seguravam. Uma nesga de luz, vinda por uma falha do telhado, incidiu, diretamente, sobre a cabeça da jovem, fazendo cintilar seus cabelos louros. Japi parou, estático, por momentos. Sua fisionomia transfigurou-se — como por encanto, lembrou-se do sonho que tivera com a menina loura. Agigantou-se. Rugindo, investiu contra os atacantes que, certos de sua superioridade numérica, sorriam, tendo um deles desembainhado enorme espada, girando-a no ar, tentando espetar o índio, que esquivando-se, agarrou-o pelo pulso, torcendo com força, fazendo-o gritar e, perdendo o equilíbrio, rolar degraus abaixo, indo estatelar-se diante do padre, sem sentidos. Rápido, Japi abraça os dois restantes, passando os possantes braços ao redor do pescoço de ambos, a esganá-los. Ar feroz, seu semblante denota todo o ódio que lhe vai n'alma. Era o guerreiro selvagem que regressava ao corpo do índio semi-educado. Chocou uma na outra as cabeças dos desafetos, soltou-os e empurrou com os pés os dois corpos que, rolando pela escada, foram-se amontoar, grotescamente, em companhia do outro agressor que lá se encontrava, desacordado.

O guerreiro atirou para trás os cabelos, altivo, e encarou a jovem encolhida a um canto, com os olhos arregalados de espanto. O padre, passando por cima dos três corpos, chega-se a eles. Japi olha embevecido a moça loura, com os cabelos desgrenhados, soltos em desalinho sobre os ombros. Suas vestes estão rasgadas e ela protege com a mão em concha um dos seios que desponta sobre o tecido roto.

— Está tudo agora em paz, minha filha — diz o padre sentando-se no degrau, junto à jovem. — Mas, o que houve aqui? Conta, somos amigos.

A rapariga desata em prantos e só a custo de muito instar, consegue o sacerdote fazê-la falar.

— São marinheiros, estão bêbados e quiseram me raptar para bordo. *

— Mas, como invadiram tua casa? Estás só?

— Não, estou acompanhada, mas minhas amigas nada puderam fazer — responde a jovem entre soluços.

— Amigas? E teus pais? Não os tens?

— Não. Não aqui.

— Não compreendo, minha filha. Queres ser mais clara?

O índio aproximou-se mais da moça, olhando-a como que fascinado. Ela sorriu ante o olhar insistente do mancebo, respondendo à indagação do padre:

— Compreenderás, padre. Isto aqui — e bateu com o pé no chão — é uma casa de prazer. Eu sou uma das cortesãs.

— Mas, como? — exclamou o padre, como que tomando um choque, cenho franzido e recuando o corpo, instintivamente. — És tão jovem, minha pobre menina. Que destino cruel a atirou em tal vida? És uma criança, não deves continuar em tal lugar. Vamos — e o bom sacerdote fez menção de segurá-la. Ela, porém, retrocedeu, fugindo às suas mãos, retrucando:

— Não, padre, não vou a nenhum lugar. Não tenho para onde ir e não quero.

— Pensa bem, jovem. Acabas de escapar de grande perigo. Tal pode se repetir. E já não estaremos aqui para ajudar-te. Vamos, eu sei quem cuidará de ti.

— Não! — repetiu, como quem sabe o que quer. — Agradeço-te o fato de me teres salvo destes homens — e indicou os três indivíduos que continuavam amontoados ao pé da escada — É um perigo, porém, que devo correr. Agora, peço-te, padre, vás embora. Já!

— Tens mesmo a certeza de que não queres ir?

— Sim, tenho.

— Muito bem, nada posso, então, fazer. — e virando-se para o índio, que continuava a fixar a moça — Vamos, Japi.

— Japi? Teu nome é Japi? — indagou ela, olhando o mancebo e dando um passo em sua direção. O índio a contemplou mais te mamente, ainda.

— Sim, meu nome é Japi — respondeu, orgulhosamente, ensaiando um sorriso.

— És índio, meu caro ... — disse ela, com desdém — O sorriso de Japi transformou-se em um quase esgar de vergonha, não conseguindo, pela primeira vez, manter firme o olhar. Curvou a cabeça sobre o peito. — Não o fosses e eu pagaria, agora, tua boa ação, levando-te comigo para a cama. — completou a rapariga sem a menor cerimônia.

— Vamos, Japi — intercedeu o padre, vendo o sofrimento do protegido, e abraçando-o, carinhosamente — isto não é lugar para nos quedarmos por muito tempo.

— Mas, como és um selvagem manso, Japi, aparece aqui de vez em quando. Terei prazer em receber-te. E, tendo acostumado-me contigo, quem sabe se um dia...

— Cala-te, jovem! — exclama, autoritário, o padre — Que queiras permanecer em tal antro, o concebo, pois é tua a vontade, mas que busques corromper a dignidade de quem te salvou, isto não. Que Deus compadeça-se de ti, minha filha.

E quase empurrando Japi, levou-o escada abaixo, sob o matraquear de sonora gargalhada da cortesã, que se mantinha em atitude de supremo deboche. Já no último degrau estacaram os dois homens ao sentirem que algo vinha rolando pelas escadas, às suas costas. Voltaram-se e viram o cadáver degolado já a meio caminho, empurrado que fora pelos pés da meretriz, que lhes gritou:

— Isto aqui é lugar para gente bem viva, padre. Para que queremos um morto? Leva-o contigo — e apontou, do alto da escada, para o fardo tétrico estendido em posição grotesca: pernas erguidas e apoiadas nos primeiros patamares e a cabeça dando para a entrada, a atravessar a passagem.

— Ri, filha. Ri, pois estás viva. Cuida, porém, para que sempre em tuas horas de perigo, alguém acuda a salvar-te. E explica bem aos milicianos que para aqui enviarei, em seguida, a morte deste rapaz.

A gargalhada reboou, mais alta. Dois dos agressores, já voltados a si, haviam fugido. Um, porém, ali jazia, com o pescoço quebrado, para não mais se levantar. Japi abaixou-se e, recolheu-lhe a espada, olhando para o padre. Este, entendendo o desejo expresso no gesto do protegido, indagou:

— Queres mesmo a espada, Japi?

— Sim, padre, quero.

— Muito bem. Leva-a, então. Vamos, agora, filho, antes que para cá comecem a vir pessoas. Nada tivemos com o que aconteceu, e não quero que contra ti levantem suspeitas.

Sáiram, então, palmilhando várias ruelas escuras e, por fim, chegaram ao Mosteiro. Japi, imediatamente, foi para o alojamento em que habitava com a esposa, a quem mostrou, alegremente, a espada, contando-lhe todo o ocorrido. Tabira sorrindo, tristemente, abraçou-se ao marido e confiou-lhe:

— Não sei porque, Japi, mas, sinto tremendo medo de perderte.

— Perder Japi? Ora, Tabira voltou a sonhar com a moça de cabelos cor da lua? — perguntou, afagando-a, docemente.

— Não, não sonhei. Apenas tu, Japi, faze-me lembrar dela. Não a viste?

— Tabira está impressionada — sorri o índio, afastando-se um pouco — O que houve foi uma coincidência. Encontrei apenas uma mulher loura. Devem haver muitas nesta Cidade.

O olhar do índio, entretanto, como que voltado para a lembrança da moça loura, traía o que seus lábios diziam. E tal olhar não podia passar despercebido à sua jovem esposa, que encostando o rosto no peito largo do marido, apertou-se a ele, aconchegando-se o mais possível, como se temendo vê-lo sumir.

— Se eu te perder, Japi, não viverei mais um dia. Não poderei viver sem ti... — e levantando a cabeça, beijou o esposo nos lábios.

Silenciosos permaneceram os dois por alguns momentos, com Japi a acariciar os cabelos da esposa. Da sua mente, contudo, não saía a figura da jovem loura. Parecia-se muito com a criança que, certa vez, na floresta, vira em sonhos. Seus cabelos tinham os reflexos da lua, eram lindos, e seus olhos eram de um azul da cor do céu. Ele fazia esforços para afastar da memória tal imagem, mas não o conseguia. De repente, Tabira revela-lhe, num sussurro:

— Japi, teu filho já está presente em Tabira.

Tais palavras quebraram o encanto em que se encontrava o índio, dissipando todos os pensamentos que lhe assolavam a mente. Tomado de imensa ternura, antes de pronunciar qualquer palavra, carregou, cuidadosamente, a esposa e a depositou na cama. Ajoelhou-se no chão, ao lado dela e segurando-lhe a mão, falou:

— Verdade, Tabira?

— Verdade, meu Japi — responde ela, sorrindo.

Japi percorreu-lhe o corpo com o olhar, procurando notar alguma diferença. Seu porte esguiu nada traía, que desse margem a suspeitar-se que um novó ser se desenvolvesse em suas entranhas. Era a mesma Tabira do tempo em que a tomara como esposa — mais robusta, com certeza, mas mantinha o corpo esbelto de uma virgem. Tabira sorriu-lhe divertida, explicando:

— Ainda não o podes notar, querido. Dentro em breve, sim.

— Por que sabes?

— Porque o sinto.

— Padre Pedro já sabe?

— Ainda não.

— Vou contar-lhe — diz o moço levantando-se, retratando na face largo sorriso de contentamento — Todos precisam saber. Todo o Colégio vai saber.

E saiu a correr, descendo a longa escada em dois pulos felinos, indo chocar-se com padre Sávio que passava lendo um livro, levando o frágil sacerdote a esparramar-se no meio do salão, atirando longe o livro, ao tempo em que soltava uma imprecação. O índio freou a

carreira e voltou para ajudá-lo a erguer-se, sorrindo.

— Que tipo de capeta montou-te nos ombros, 6 bugre?

— Japi vai ter um filho, padre — gritou o moço.

— Japi vai ter o que? — inquiriu, incrédulo, o sacerdote.

— Ja... Tabira vai ter um filho, padre — emendou o alegre moço.

— Ah! se comemoras todas estas alegrias desta forma, padre Sávio não verá o teu terceiro filho. Parabéns, Japi.

Mas, o moço já não o ouvia, pois seguira, correndo, em direção ao pátio. Os jesuítas, que de longe o avistaram, puseram-se uns por trás dos bancos, outros, do chafariz e alguns correram para abrigo seguro. Japi entrou sem cerimônia na cela do padre Pedro que, sentado no catre, conversava com o padre Felipe.

— Padre Pedro! Padre Felipe! — gritou o moço.

— Mas que bicho mordeu-te, Japi — indagou padre Felipe, enquanto padre Pedro levantava-se.

— Japi vai ser pai, padre. Tabira já sente a presença de seu filho. — E o índio abraçou-se ao amigo, carregando-o. O padre ria e pedia:

— Está bem, Japi, está bem, ponha-me no chão... ponha-me no chão...

Obedecendo, o jovem pôs-se a dançar no acanhado quarto, uma dança guerreira.

— Mas, o que é isto? Regrides à vida selvagem?

— Não, padre Pedro. É o costume... É o costume... a voz do sangue... Japi nunca deixará de ser um índio.

Súbito, o moço interrompe a dança, seu olhar torna-se parado, as sobrancelhas descem sobre os olhos. Uma profunda tristeza o invade. Vendo a mudança repentina, padre Pedro o interroga:

— Que houve, filho? Por. que a tristeza toma o lugar da alegria?

— Nada, padre, nada... — E Japi tenta sair da cela, no que é impedido pelo jesuíta.

— Algo aconteceu. Não confias em mim, filho?

— Sim, confio. Japi lembrou-se que ser índio, na Cidade, é como se fosse um animal, um bicho.

— Ora, filho, quem te disse isto?

— Padre Pedro já disse certa vez. Depois, a moça loura....

— Ah! lembra-te do que disse a desmiolada... Pois bem, Japi, quanto ao que eu disse, nada mais foi do que prevenir-te contra certos tipos de pessoas que têm o índio como um animal. Não deves ficar triste por isto, pois sabes que nem todos assim pensam.

— Sim, padre, eu sei, mas ela pensa...

— Ela? E que vale a opinião dela? — E o padre olhou, fixamente, para o protegido. — Que tens, Japi? Que vistes naquela desequilibrada jovem? É uma infeliz, merece sim, a tua compaixão, e não deves entristecer-te pela opinião que teve de ti. É, além de tudo, muito mal agradecida.

— Não sei, padre, não consigo esquecê-la, não consigo... seus cabelos brilhantes ...

— Como os raios do luar, olhos da cor do céu, o retrato vivo da jovem dos teus sonhos e dos de Tabira — completou o padre, pondo a mão no ombro de Japi. — Pois ouve, Japi: não fiques triste, já que para tal não tens motivo. Ela, sim, merece a nossa piedade. A população honesta da Cidade foge dela, como o capeta da cruz. Ela não é aceita em certos lugares, não pode entrar em casas de família, não tem amigos, que não sejam do tipo dos com que lutaste hoje. Entretanto, tu podes, muito bem ir onde quiseres, tens plena liberdade, desde que não cometas alguma infração. E, já és conhecido de muita boa gente: o Capitão-mor, o Alcaide, o senhor Bispo, o filho do Governador, que sabem teres hoje educação, tal qual a de um homem branco e te estimam. O Padilha não te vem buscar sempre a passear? Pois com ela, meu filho, dá-se, justamente, o contrário. Só a procuram quando dela sentem a necessidade do seu corpo. E que classe de pessoas julgas que a buscam? A ralé, os desordeiros, os marujos mal educados, como bem tiveste a prova. Oh, Japi, tens que ter piedade desta jovem e não ficar triste porque julgas que ser índio obrigou-te a ouvir aquelas palavras dela. Ela, e não tu, é digna de piedade. Vamos, levanta a cabeça, esquece-te do que ouviste.

Padre Felipe, que ainda não estava inteirado do que escutara, mas vendo no rosto do índio o sofrimento estampado, interviu, procurando pôr um ponto final a tal angústia.

— Ora, Japi. Então nos vem dar uma notícia alegre e quedas triste, de repente? Vais ser pai, meu filho. E sabes o que isto significa? Significa que tens de estar alegre para tornares contente tua esposa. E tens que te dedicares mais ainda a ela.

Finalmente o moço sorriu, embora ainda denotando preocupação. Ia sair da cela, mas o padre Pedro o deteve:

— Fica, Japi. Dentro em pouco iremos ver Tabira. Senta-te aqui ao meu lado. — Então, voltando-se para o padre Felipe:

— Com que, então, Felipe, achas que vamos ter guerra?

— Não sei, não sei. Estou a contar-te o que ouvi na Cidade. Dizem que um tal capitão de navio trouxe a notícia que a Holanda prepara-se para atacar o novo continente.

— É bem possível que tal aconteça, uma vez que o Taciturno²² deseja vingar-se da Espanha. E, como reagem as pessoas?

— O povo em geral está muito acomodado. Mas é comum ver-se toda a gente a correr aos baluartes, ao avistarem qualquer vela que desemboca na entrada da barra. O Governador, porém, parece ter dado maior crédito à história, uma vez que mandou fortalecer as portas da Cidade e os Fortes. A pedra e a cal estão sendo carregadas para o rochedo do Forte, com muita pressa.

— Vamos ter guerra? — pergunta Japi.

— Não, filho, ainda não sabemos ao certo. — E pondo a mão no queixo, pensativo: — Estou a pensar no que me disse o espírito do moço louro. Que dentro em breve, a dor e o luto espalhar-se-iam pela Cidade. Será a Guerra?

— Não duvides, Pedro. Devemos estar preparados. Mas cá o senhor Bispo em nada acredita. E já oficiou ao Governador aconselhando-o a não dar crédito a simples hipóteses, prejudicando com tais alarmes a população da Cidade. Pelo que soube, no ofício consta a proibição da reabertura da Fortaleza do Carmo, para onde seguiria um destacamento de trinta homens.

— Ôue me perdoe o senhor Bispo, mas, cá entre nós, Felipe é o Governador e responsável pela Cidade. A ele cabe decidir onde devem estar as fortificações. Para tal, tem seus estrategistas.

— Concordo. Mas, aqui para nós, o senhor Bispo o que quer é a mudança concreta da velha Sé da Ajuda para a nova em construção. Ao que ele pensa, a febre de fortificações do Governador está prejudicando a construção, pois os dinheiros gastos são muitos.

— Mas, o Governador, desde que chegou, trouxe seis mil vinténs de prata, já pensando em ampliar as fortificações.

— Cá nós, o que sabemos? A briga é de senhores grandes. Somos migalhas e não devemos mesmo pensar em tais brigas.

— E temos mais com o que nos preocupar.

— E sabes, Pedro, que o senhor Alferes cá esteve a tratar com o senhor Bispo?

— O Alferes? — quase gritou o velho padre. — Mas o que veio ele cá fazer?

— Tratar de assuntos da igreja que pretende construir.

— Ah! E que conseguiu?

— O Bispo autorizou-o, apenas, a reparar o velho convento que se encontra abandonado, entregue a uns poucos padres e sem recursos.

— Foi uma ótima medida — disse padre Pedro — e menos dispendiosa para o senhor Alferes.

— E iremos nós, meu caro, a tomar conta de tal templo.

— Eu já disto desconfiava. Alegro-me, vejo que tudo está tomando a feição prometida. — E, virando-se para o índio, que se mantinha calado, pensativo:

— Vamos a visitar tua esposa, filho.

XII A traição de Japi

A vida na Cidade havia tomado um rumo diferente desde que o boato de um ataque fora espalhado. Nas esquinas, grupos de homens discutiam as novas medidas adotadas pelo Governador, referentes à construção rápidas de fortalezas que pudessem fazer frente a possível ataque. O forte do arrecife, em frente ao porto, na impossibilidade de ter concluídas as obras, foi acrescido de alguns troncos novos e sua estrutura modificada, formando um triângulo, com o vértice apontando para a Cidade. Pesados canhões e columbrinas foram

²² (*) N.A. — Guilherme de Orange, rei da Holanda, vencedor da guerra contra a Espanha, tornando livre a Holanda.

assentados em lugares estratégicos, e uma guarnição de cinquenta homens ali dava plantão, dia e noite. Em frente à Igreja Grande²³, outra fortaleza foi erigida, às pressas, assim como um fortim na Ribeira dos Pescadores²⁴. A fortificação ao lado do Palácio foi restaurada e reconstruída a do Carmo. Toda a Cidade trabalhava, ardentemente, guarnecendo-se o mais possível.

Enquanto isso, o Bispo furioso com o que achava ser uma bobagem do Governo taxando D. Diogo de sonhador, dirigia, pessoalmente nas igrejas os “trabalhos de elucidação”, atacando-o, sem tréguas. Nos sermões, conclamava o povo a voltar à vida normal, uma vez que “a um raio de cem léguas”, não se . avistava nenhuma vela inimiga; que tudo não havia passado de .notícias infundadas. Concomitantemente, os assessores do Governador, pediam a punição do religioso e muitos levantavam-se, energicamente, a favor de uma interpelação governamental. D. Diogo Furtado, entretanto, não tomando conhecimento das invectivas do prelado, aumentava, a cada ataque seu, a defesa da Gdade.

Assim, os dias foram se sucedendo sem que a invasão receada se concretizasse. Tinha sido mesmo um boato — comentava-se. Japi adestrava-se no uso da espada, da qual nunca mais se separou. Com o amigo Padilha, a quem muito admirava, temível espadachim, recebia os treinos e instruções necessários.

Certa ocasião, Francisco Padilha apresentou-se ao padre Pedro. Trajava-se elegantemente — camisa branca de mangas compridas, folgadas, fechando-se nos pulsos, sob um colete de veludo verde, cingido por uma larga faixa de couro a tiracolo, que se unia a um cinto descambado na ilharga esquerda, sob o peso de uma espada enfiada em bainha preta incrustada em prata. Calções pretos metidos em botas de cano alto e o chapéu emplumado, completavam-lhe a indumentária.

— Padre, eu cá não entendo o que se passa com Japi.

— Mas, o que não entendes, Padilha? — perguntou o sacerdote, fixando os olhos na figura magra e ereta do homem, de estatura acima da média.

— Sabes que sei manejar mui bem a espada...

— Melhor que um livro de orações — comentou o padre, gracejando. O outro riu e continuou:

— Pois bem, tenho ensinado ao índio como se defender e atacar e, há três dias, começamos o treinamento. Não haveria possibilidade de que ele aprendesse novos golpes, saídas ou defesas que eu não houvesse ensinado, a não ser que outro instrutor tenha o bugre. Isto eu quero saber, padre. Quem o está ensinando na minha ausência?

— Ninguém o ensina aqui no manejo da espada, senão tu, caro Padilha — informou o padre, mirando o interlocutor, admirado — Sabes até que relutei e que niguém mais tem conhecimento de que as aulas estão sendo ministradas aqui.

— Não te agastes, padre. Não estou zangado. Apenas gostaria de conhecer tal instrutor.

— Mas, não te estou a dizer que não existe tal instrutor? — A que vem tudo isto?

Padilha olhou desconfiado para o religioso, suspirou, deu uns passos pela sala e, sentando-se, confiou:

— Escuta, padre, dei a primeira aula ao índio e notei que ele, não obstante nunca ter segurado uma espada, o fazia com elegância. Ensinei a postura necessária, mas ele já sabia. Comecei, então, a explicar-lhe como atacar, o jogo de joelhos, a negaça e a defesa. Note, padre, isto tudo simbolicamente, sem que eu tirasse, sequer, minha espada da cintura. Apenas ele atacava e se defendia de um inimigo imaginário. Pois bem, ontem já ele pedia para lutar comigo. Sorri, ciente de que o desarmaria com dois golpes. Mas qual, padre! — E o instrutor abriu os braços num gesto de espanto — tive que envidar todos os esforços para conseguir,

²³ (1) Conceição da Praia.

²⁴ (2) Praia da Preguiça.

não sair vitorioso, mas me defender. E ao cabo de bem uns quarenta minutos e graças a um golpe de minha lavra, abati o adversário. — O padre o ouvia atento, com um sorriso enigmático nos lábios —

— E hoje, agora — continuou Padilha — em outro treino, eis que o índio desarmou-me três vezes, tirando-me a espada da mão. Nunca, antes, me aconteceu tal! Não entendo. Um índio!... Um selvagem! ... — exclamou, com a fisionomia carregada.

— Calma, meu caro, calma — aconselhou o padre, indo em sua direção e pondo a mão em seu ombro —; digamos que o Japi já tenha usado a espada em outra encarnação — e sorriu, com ar misterioso.

— Qual! — algum padre deve estar ensinando tal exímio manejo a ele, eu quero conhecê-lo, padre Pedro.

— Não terás *tal* oportunidade, filho, pois que tal instrutor não existe. Acomoda-te! Volta a instruí-lo ...

— Instruí-lo? Mas qual! Estou, isto sim, inclinado a pedir-lhe que me instrua. — E, dizendo isto, ergueu-se, pôs na cabeça o enorme chapéu, retirando-se, rápido, da sala.

— Ah! Esse Japi! Oh, Deus, quão maravilhosas são tuas leis!

— murmurou, para si mesmo, o padre rindo.

Entra, de repente, Japi. Vem sorrindo, trazendo na cintura, presa a um cinto de couro largo, bem envernizado, uma espada que descansa em rica bainha cravejada em prata. Orgulhosamente, exhibe-a ao padre Pedro, explicando:

— Eis padre, o que me presenteou o Padilha.

— Oh! Linda bainha, filho. Prata de Espanha. Com que então, ele ta ofertou?

— Sim. E disse-me que nada tenho a aprender mais com ele.

— Muito bem, então já sabes te defender? — indagou o padre, sorrindo.

— E atacar, também. Vê!... — e o moço ia desembainhar a espada, mas o padre o impediu.

— Não, filho. Vais, agora, guardar a arma. Aqui, como sabes, não é lícito andares armado. Mas, diga-me, como conseguiste vencer ao Padilha?

— Eu já sabia, Padre.

— Sabia? O que?

— Sabia manejar a espada...

— Mas, como achas que sabias?

— Não sei — responde o índio, coçando a cabeça —* não sei, mas sinto que já sabia. Apenas nos treinos lembrei-me como usá-la.

— E tomaste-se um grande espadachim. Ah! como é difícil contar isto aos leigos. Não acreditarão, meu caro. Japi, tu sabes o que te aconteceu, o porquê de tais lembranças e o teu aprendizado rápido em tudo? Diga-me, cá. O que pensas de tudo isto? Senta-te, conversemos.

O índio sentou-se, desabotoando o cinto que enrolou na espada, entregando-a ao padre. Depois, respondeu:

— Sei, padre, que já tive outras vidas. E, tudo quanto sabia nas outras, lembro-me agora.

— E sabes da importância disto, filho?

— Sei, apenas, que vivi em outras terras com Tabira. Isso o senhor mesmo me ensinou.

— E é uma verdade, filho. Note. Nem todos têm a consciência de suas vidas anteriores. Tu tens, pelo menos, de algumas coisas, lembra-te... Por que achas que tu e Tabira sejam assim?

— Sempre me perguntas isso, padre. Que sei eu? De fato, é estranho. E, mais estranho é este medo inexplicável de qualquer coisa que não sei precisar.

— Algo é esperado de ti, filho. Tens alguma coisa a fazer.

— Mas o que, padre?

— Não sei, não sei...

— Bem, teu índio vai sair, padre. Vou andar pelas ruas, ver as novidades — despede-se o moço, levantando-se.

— Muito cuidado, Japi. As coisas, como sabes, não andam bem ultimamente.

— Nada acontecerá. — diz o jovem encaminhando-se a passos largos para a porta. O sacerdote o chama, observando:

— Não vais falar com Tabira?

— Não é preciso.

— Como queiras — responde o padre, meneando a cabeça.

Na rua, Japi olha para um e outro lado, começando, depois, a andar apressado. Dobra uma esquina, enveredando por uma ruela mal iluminada. Se o índio tivesse, ao dobrar o ângulo da

artéria, olhando para trás, teria visto alguém, que quase colado à parede, o seguia. Entrou, finalmente, em uma casa, de onde se ouviam sons de instrumentos musicais e vozes em gargalhadas. O vulto aproximou-se, cautelosamente, e parando em frente à grande porta, balançou, tristemente a cabeça. Era o padre Pedro que, desconfiado das andanças do protegido, resolvera segui-lo. E eis que suas desconfianças concretizavam-se. O índio havia ido ao encontro da mulher loura. O sacerdote teve ímpetos de subir as escadarias, mas resolveu esperar que Japi saísse. Sentou-se, então, ao batente de uma casa próxima e pôs-se a pensar, enquanto esperava: Em que teria errado ele na educação do índio? Isso o acabrunhava. Esmerara-se em ensinar o que de melhor podia, pautara a educação religiosa do aluno com os novos conhecimentos que obtivera quando da sua visita à fazenda do Alferes. Dera-lhe conselhos, mostrara-lhe o certo e o errado. E, no entanto, via, constrangido, o jovem não seguir o que aprendera. Que estaria acontecendo?

As horas escoavam-se, lentamente, sem que Japi aparecesse. Já a noite ia a meio caminho, escura, sem lua. De longe, chegava até ele, de tempo em tempo, o “tudo vai bem”, de sentinelas postadas nos muros da Cidade. De repente, um barulho vindo da casa desperta o padre. Algo rola pelas escadas, surgindo depois, no limiar da porta um homem, que sai aos tropeços, caindo, de bruços, na rua. Risadas fazem-se ouvir. A criatura tenta levantar-se, mas toma a cair. Então, uma luz ilumina uma janela logo acima de onde está caída a pessoa. E o padre reconhece, à luz da candeia que se reflete nos cabelos louros, a mulher que tirara o sossego do protegido. Um vaso d’água é despejado em cima do desfalecido, que se mexe. Apavorado, o padre ouve, então, a cortesã gritar:

— Levanta, bugre, e volta para tua aldeia. — E as risadas estrondam. Depois a janela se fecha. O padre, então, corre em direção ao vulto estendido nas pedras da rua. Agacha-se e, logo, reconhece o índio. De uma ferida na testa, o sangue jorra, abundante. O cheiro de álcool é insuportável. O moço está completamente bêbado. Reunindo todas as suas forças, o padre consegue sentar o índio e chama-o, batendo-lhe no rosto para reanimá-lo. Da ferida, o sangue escorre até o peito. O estado do moço ébrio e seu enorme peso, dificultam a ação do padre, que não sabe o que fazer. Tenta arrastá-lo para uma calçada próxima, mas logo pára, temendo machucá-lo mais ainda. Pensa em ir buscar ajuda, *mas* não se anima em deixar o jovem sozinho. Já está perto do desespero quando vê os lábios do jovem abrirem-se e pronunciarem, por duas vezes, o nome da esposa:

— Tabira! Tabira!

— Acorde, Japi — implora o padre, quase gritando e sacudindo o índio. Mas este cai, novamente, em estado de prostração. As horas arrastam-se. De súbito, o padre nota que dois vultos aproximam-se, pela rua em sua direção. Suspira aliviado e grita:

— Aqui, senhores. Uma emergência, ajudem-nos.

— Pedro! — exclama um dos recém-chegados, correndo para os dois. — O outro vulto solta um grito lancinante e corre também.

O velho padre levanta-se admirado e agradecido:

— Felipel Tabira! — desatando em pranto comovido.

A jovem ajoelha-se ao lado do esposo, segurando-lhe a cabeça, que aperta contra o peito.

— Japi, eu ouvi teu chamado, querido. Ouvi e vim correndo. Olha tua esposa, querido. Abre os olhos.

— Vamos, vamos levá-lo — diz Felipe, afastando, delicadamente, a jovem.

Unidos, conseguem levantar o índio, segurando-o os dois padres pelos braços e Tabira pelas pernas. Carregam-no, penosamente, de volta ao Mosteiro, buscando, sempre, as ruelas mais escuras e menos transitadas. O sacrifício é enorme. O corpo desfalecido do moço pesa como chumbo. Procurando evitar chamar a atenção dos demais jesuítas, levam-no até seu alojamento, onde o depositam na cama. Logo tratam de pensar-lhe as feridas. Sob o efeito das bebidas que ingerira, Japi entrega-se a um sono profundo. Tabira sentara-se a seu lado,

chorando baixinho e acariciando-lhe os cabelos e o rosto.

— Minha filha, volta a dormir. Nada há de grave. Caso precise de nós, pode chamar.

— Mas, como nos descobriram, Felipe? — indaga Padre Pedro, ao saírem.

— Foi Tabira quem descobriu, caro Pedro. Eu estava a dormir, quando fui despertado por ela, batendo à minha porta. Levantei-me, pensando até que a Cidade estava sendo atacada. Deparei-me com ela, toda angustiada, me dizendo que Japi estava em perigo, que fosse com ela à sua procura.

— Que aconteceu? — perguntei pensando que o índio estivesse no quarto.

— Ele está em perigo, na rua, eu sei, eu sei... — e começou a chorar.

— Como sabes, menina?

— Eu o vi, padre, eu o vi, chamando-me.

— Mas, como?

— Vamos, padre, ele está ferido...

E era tal sua angústia, que nada mais perguntei e saí com ela. O resto tu já sabes.

— Meu Deus, quantas maravilhas! Como explicar tais coisas?

— Não sei, Pedro. O certo é que a índia sonhou vendo o esposo em perigo e o foi salvar.

— Mas, até o lugar ela sabia...

— Nem teve dúvidas.

— Pobre Japi!

— O que há com ele, Pedro?

— É difícil de se dizer, ao certo. Mas tenho cá uma impressão de que ele está sendo influenciado por alguma força estranha. Este medo que ele sente, às vezes, sem saber de que, esta atração quase demoníaca pela mulher loura e, agora, a bebida. Sabes que até nosso vinho ele recusa. Felipe, preciso mais uma vez voltar à fazenda do Alferes. Preciso saber o que está acontecendo com o Japi e como ajudá-lo.

— Achas que lá te ajudarão?

— Claro, pois não nos recomendaram cuidado com eles? Devem, pois, ao menos esclarecerem nossas dúvidas.

— Queres que te acompanhe?

— Não é preciso. Desta vez, levarei Japi a Tabira.

— Muito bem, vamos agora dormir, pois falta já pouco para o nascer do dia. E estamos cansados.

Tabira não dormia. Toda a noite passara ao lado do esposo, acariciando-lhe os cabelos. Ao amanhecer, começou a sentir dores no ventre, dores fortíssimas que lhe repercutiam na base da coluna vertebral, deixando-a quase sem poder respirar. Curvou-se, por efeito da dor, com as duas mãos apoiadas no ventre e gemeu. Neste momento, Japi mexe-se e abre os olhos, vendo a esposa naquele estado. Tenta levantar-se, mas não o consegue. Cai de costas, outra vez, na cama. Tabira, então, endireita-se, força um sorriso e fala-lhe, buscando disfarçar.

— Alegro-me que tenhas acordado, querido.

— Que aconteceu? — perguntou o moço levando a mão à testa e fazendo uma careta de dor, ao tocar no ferimento.

— Nada de importância, Japi. Descansa mais.

— Já me lembro — quase grita o jovem — queriam me pegar. Eram muitos, horríveis, peludos como macacos, com grandes dentes, todos pintados de tinta verde. Eu corri, Tabira, corri, gritando por ti, mas fui cercado por eles. Iam já me agarrar, quando não vi mais nada. Que aconteceu, Tabira?

— Japi depois vai lembrar-se. Eu te ouvi me chamar e fui ao teu encontro. — E «a moça fez uma careta de dor, levando, instintivamente, a mão à barriga, que já se avolumava, no princípio da gestação.

— O que está sentindo, Tabira — pergunta o jovem, preocupado.

— Nada, querido, nada. £ assim mesmo. Depois passa.

— Mas, estás pálida... vou chamar o padre Pedro. ■— E o jovem fez menção de erguer-se, no que foi impedido pela esposa.

— Não te preocupes, Japi, tudo vai bem. — E acariciando-lhe o rosto, continuou:

— Japi, tua Tabira sente tudo tão frio ao seu redor..., parece que tremendas forças estão tentando separar-te de mim. O que fiz de mal, Japi? Dize, meu querido, e eu farei o que tu quiseres.

O índio puxou-a para si, e, por sua vez, começou a acariciar-lhe o rosto, com a mão aberta — gesto característico seu de ternura para com a esposa, gesto este que desafiara o tempo, através das múltiplas encarnações.

— Eu te amo, Tabira. Muito.

— Eu sei, querido, como sei também que não és, totalmente, culpado do que acontece. Lute, meu querido, lute por tua Tabira ou ela morrerá de dor. — De seus olhos, duas grandes lágrimas nasceram tentando, por instantes, equilibrarem-se, sem resultado, contudo, rolando, mansamente, pelo rosto macio da jovem, deixando como que uma trilha para outras que se seguiram.

Japi sentia no peito uma angústia profunda, por algo que não sabia explicar. Sofria. Arrependia-se do que houvera feito, mas percebia que a moça loura o chamasse, obedeceria, imeditamente. Tentara lutar, mas não encontrara forças. Como era leal, confiou suas mágoas à esposa.

— Não sei, Tabira, que força estranha me prende à moça loura. Às vezes, sinto imensa raiva dela, repulsa mesmo, mas basta-lhe um sorriso, para que tudo desapareça. Mas eu sei que não a amo. É como se houvesse uma necessidade de estar com ela, como se me obrigassem a tal. Ontem, após ter-me dado vários copos de bebida, fez-me dançar para ela, como se estivesse na tribo, o que motivou gargalhadas a quantos assistiam à cena. Desejei morrer, Tabira, de tanta vergonha, e bebi, o mais que pude, a água que queima, que me deram. Ajuda-me, Tabira. Só tu podes ajudar-me. — E abraçou-se à esposa, soluçando.

— Sempre velei por ti, meu querido. — falou Tabira, após um prolongado silêncio, com a voz entrecortada pela emoção — Basta que tenhas um sono agitado, para tua Tabira acordar e aconchegar-te ao seio. E pede a Deus que também a faça entrar nos sonhos de Japi para afastar a causa que o faz temer dormindo, quando acordado não teme a ninguém. Tabira sente estar ligada a Japi por algo de tão forte, que força alguma conseguirá destruir. Ela sente que morrerá, se preciso for, para poder salvar Japi de qualquer perigo, se viva não o puder fazer. E sente, no fundo do coração, que Japi não conseguirá viver sem Tabira. — Soluça a linda índia, aconchegando-se ao marido e apertando-o, fortemente. — Oh, meu querido, não procures mais a moça branca. Ela é um instrumento de forças que querem destruir a nossa felicidade. Pense em mim, Japi e no teu filho, que sinto crescer dentro de mim.

O índio apertou-a contra si, mas nada disse. Calado, tentou lutar, inutilmente, contra a torrente de pensamentos que lhe assaltaram a mente, destacando-se a figura loura e de olhos azuis da cortesã. Fechou os olhos, querendo fugir à visão. Ao abri-los, fixou-os no rosto da esposa, que, curvada sobre ele, o contemplava. De repente, recuou assustado. Inquieta, Tabira perguntou:

— O que foi, querido?

— Teu rosto ... teus lábios estão torcidos ... cruéis ...

Afastou, bruscamente, a esposa e cobriu o rosto com as mãos, que tremiam. Tabira ficou a mirá-lo com o semblante entristecido. Sofria a jovem índia. Pouco a pouco, Japi foi deixando as mãos escorregarem e novamente fixou a esposa. Sorriu, meio sem jeito.

— Não está mais. Japi deve ter tido uma alucinação.

— É verdade, meu querido. Japi está sendo tentado, de toda forma, pelos maus espíritos.

— Não vencerão Japi. Se possível fosse, eu gostaria de bater-me em luta corporal com eles. Na certa os venceria. Mas, são covardes, não aparecem.

— Não digas isto, Japi — gritou Tabira, lançando-se nos braços do esposo. — Algo como um som de chocalho se fez ouvir e a fisionomia do índio anuviou-se. Suas sobrancelhas desceram sobre os olhos. Escutou, então, uma voz longínqua que lhe ressoava dentro do ser:

— “Lembra-te, guerreiro. Se fizeres tua esposa sofrer, sofrerás também, amargamente. Estarei em todos os lugares. Nas folhas das árvores, nos rios, no ar que te cerca. Em todos os lugares em que estiveres, laçanã também estará. E ai de ti, guerreiro...” — Tentou afastar do pensamento aquela ameaça, mas não o conseguiu, pois outras palavras ecoaram-lhe na mente — “Estes dentes foram enfeitiçados por Igaraci. Deve com eles ser feito um colar...”

— Não! — gritou o jovem, levantando-se rápido — O colar, o colar!

A esposa o olhou estupefata. Agarrando-a, bruscamente, seguiu-a pela gola do vestido, rasgou-o brutalmente, até deixar-lhe o colo desnudo. No pescoço, atado pelo cipó que ele próprio tecera, estavam os três dentes. Fitou-os com olhar alucinado. Agarrou, então o cipó e começou a puxá-lo com força, abalando todo o corpo da jovem que não deixava escapar um só gemido. O cipó resistia, porém, aos puxões frenéticos do índio, mas, a carne de Tabira cedera, deixando-se penetrar pelo cipó trançado. O sangue que jorrava, deslizara, caprichosamente em três gotas, cada qual escorrendo lentamente pelos três dentes, até que, atingindo suas extremidades, caíram no espaço entre os seios da índia. De seus olhos, novamente, as lágrimas prorromperam, em cascatas. Mas nem um gemido aflorou-lhe dos lábios.

O sangue teve, entretanto, o poder de despertar Japi, que, por momentos, fixou, olhos esgazeados, as gotas rubras que desciam, pintalgando o pescoço e os seios da jovem.

— Tabira! — gritou ele, soltando o cipó e arrojando-se no chão, de joelhos ante a esposa, que lhe afagou os cabelos.

— Levanta, esposo de Tabira — pediu, procurando dar à voz um tom firme.

Ergue-se Japi, estampando, nos modos e no olhar, profundo arrependimento. Abraçou-se à esposa, estreitando-a ao peito, demoradamente. Depois, com infinito cuidado, embebeu um pano macio na água de um vaso e começou a limpar-lhe o sangue e as feridas provocadas pelo cipó.

— Perdoa, Tabira...

— Não precisas pedir, querido. Tabira sempre te perdoará.

Desde esse incidente, o mancebo passou a andar sempre com o olhar triste, sombrio. Perdera aquela vivacidade que lhe era peculiar e, em certos momentos, ficava violento a ponto de, às vezes, querer até atacar os padres, por coisas de somenos importância. Os padres Pedro e Felipe quase sempre recebiam reclamações que, ao transmiti-las ao índio, aconselhando-o, eram por este olhados com desprezo, atitude complementada com a sua retirada do local, sem nada responder. Vezes trancava-se no quarto e ficava horas esquecidas acariciando o rosto da esposa e chorando, silenciosamente. Não ouvia a mais ninguém. Seu amigo Padilha, por várias vezes, tivera que se empenhar a fundo para não ser estocado pela espada, terrivelmente bem manejada pelo índio, que parecia lutar contra um inimigo. Assim, para evitar um mal maior, o amigo não mais o procurou. Certa ocasião, padre Pedro chamou-o e fez-lhe um convite.

— Japi, quero que amanhã acompanhes-me ao Carmo, juntamente com Tabira.

— Para que? — pergunta o índio, desinteressadamente.

— Vamos a conversar com um amigo. Ele te ajudará a resolver teus problemas, filho.

— Como queiras, padre — aquiesce o jovem; apanhando o cinto do qual pendia a espada e, afilelando-o na cintura, dirige-se para a saída.

— Aonde vais? — inquire o religioso.

— Não tenho satisfações a dar, padre. Vou andar pelas ruas.

— Tens satisfações a dar, sim senhor. — deblatera padre Pedro, num assomo de revolta — Já não és o índio selvagem que foste, a quem tudo era permitido, por não conheceres certas regras de educação. És um homem tão educado hoje como qualquer branco. És, sim, um insensato e tens algo de mal agradecido. Aqui neste Mosteiro, Japi, muitas regras foram quebradas, exclusivamente visando o teu bem estar. Estas regras, porém, voltarão a ser observadas de ora em diante. E, estejas prevenido — não entrarás mais aqui portando esta arma.

O índio olhou-o, furiosamente, apertando, com força, o punho da espada. Depois virou-se, encaminhando-se para a pesada porta que abriu, bruscamente, saindo e deixando-a escancarada. O padre, extenuado, sentou-se em uma cadeira, murmurando:

— Oh, Deus! Ajuda este pobre moço a compreender o mal que está causando a si mesmo.

Naquela noite, Japi não regressou. No dia seguinte, o padre foi procurar Tabira.

— Minha filha, precisamos ir a alguém que ajudará teu esposo. Como ele aqui não voltou, é preciso que me acompanhes.

— Irei, sim, padre. É preciso que alguém possa ajudar Japi. Eu sei que ele nada fez porque queira, padre. Algo o está obrigando a tal. Algo acima de nossas forças.

— Sim, mas o padre Pedro conhece alguém que tem a força suficiente para ajudar ao tonto do teu marido. Vamos que a caminhada é longa. Precisamos estar de volta ainda hoje.

Não podendo utilizar a cadeirinha do Mosteiro, para pelo menos conduzir a moça, já que nenhum carregador fora encontrado, saíram a pé. As ruas estavam desertas. Espantado com tal desolação, padre Pedro buscou saber de um transeunte que passava apressado, onde se encontravam as pessoas da Cidade. O homem o encarou, sério, e informou:

— Todos acorreram ao palácio. Os holandeses estão prestes a atacar a Cidade.

— Virgem Santa Luzia! — exclamou o sacerdote. — Creio que não devemos ir agora, minha filha.

— Não, padre, devemos ir, sim.

O religioso vendo a resolução estampada na fisionomia da jovem, nada mais disse, limitando-se a seguir adiante, levando-a pelo braço.

XIII O auxílio espiritual

O boato voltara a correr pela Cidade, sobre a invasão da armada holandesa. Desta vez, as notícias mereciam crédito, uma vez que, de fato, foram avistadas inúmeras velas que se aproximavam. Imediatamente, o Governador mandou convocar todos os homens disponíveis, inclusive enviando emissários ao interior, recôncavo e às fazendas, conclamando todos a defenderem a sua terra. Contingentes foram despachados às principais portas, os fortes foram equipados e armas distribuídas a todos os cidadãos. Alguns navios portugueses e espanhóis, surtos no porto, apresentaram suas equipagens para resistir ao ataque iminente. O filho do Governador instou e conseguiu ser enviado ao forte novo, onde assumiu o comando. Todas as providências haviam sido tomadas para a defesa, mas os atacantes não apareciam.

Decorreram os dias em expectativa angustiada sem que a esquadra inimiga surgisse no horizonte. Inquietos e pensando nos prejuízos que vinham afetando seus negócios, já que abandonaram suas terras, os fazendeiros vieram a rebelar-se, emitindo impropérios e pressionando o Governador de tal sorte, que este, ante o não aparecimento da esquadra báltava, dispensou os defensores, que retomaram às suas plagas. Apenas pouco mais de mil homens, assim mesmo irresponsáveis e alheios aos graves problemas em que se debatia a Cidade, permaneceram em armas.

No Carmo, ante as explicações do padre Pedro, o Alferes de boa vontade prontificou-se a ajudá-lo. E, nessa mesma noite, entrou a invocar os espíritos, que logo se manifestaram,

sequiosos de prestar o auxílio solicitado. De imediato, Mariazinha foi receptora de um que, de acordo com suas próprias palavras, evidenciou ser um grande amigo do índio.

— Meu irmão — interpelou o Alferes —, gostaríamos de saber o que fazer para pôr fim aos sofrimentos do irmãozinho Japi.

— Conhecemos os problemas que afligem o jovem índio — respondeu a entidade. — Ele porém, os conhece mais ainda, pois que a pedido dele, encarna o corpo de um selvagem. Ele tem grandes dívidas a pagar, mas, esquecido, deixa-se influenciar por seres do astral inferior que o querem ver fazendo parte de sua cidade espiritual. Toda a ajuda lhe foi dada. Ele, porém, tem o direito de opinar. É o livre-arbítrio. Nós lhe demos todos os meios para ser feliz. Recusa-se o insensato. Nada podemos fazer, uma vez que o mérito deve ser exclusivamente dele.

— E que acontecerá com ele? — perguntou o padre, antecipando-se ao Alferes.

— Do futuro dos homens, nada podemos dizer. Há várias encarnações ele e a esposa são reincidentes. Tão logo ocupam o corpo físico, deixam-se levar pelas forças inferiores que os querem ver entre eles. Notadamente ele, mais rebelde. Foi-lhes facultado a regressão, não espiritual, mas fisicamente, encarnando corpos primitivos, para começarem tudo de novo, tal qual pediram. Apenas nos corpos parecem-se com os selvagens, pois que o espírito está imbuído de suas responsabilidades e guarda a lembrança de toda a vida anterior. Nada podemos fazer. Ele é que tem de fazer. — E o espírito desligou-se da moça.

— Que coisa interessante! — exclamou o padre.

— ■ Pois é, padre Pedro, o índio está entregue a si mesmo e à esposa. Naturalmente, todos os seus amigos espirituais estão tentando ajudá-lo. E sofrem por vê-lo integrar-se às forças contrárias e não às deles.

— E esta pobre criança — diz o padre, abraçando Tabira — que pode fazer?

— Tudo, padre. Só por amor a ela, o esposo conseguirá salvar-se.

— Sim, eu o salvarei! — exclama Tabira, num acesso de choro. — 5- Ele voltará para mim, pois me ama. Eu vencerei todas estas forças que se unem para nos separar. Se preciso, morrerei para salvá-lo. — E o choro convulsivo, impediu que a jovem continuasse falando.

Padre Pedro acaricia seus cabelos, ante os olhares enternecidos do Alferes e da filha. Não regressaram naquele dia para o Mosteiro, em atenção às recomendações do ex-militar, que ressaltou o fato da Cidade estar em perigo, não sendo aconselhável a volta deles de imediato. Assim, ficaram alguns dias, até que, não se concretizando o ataque, regressaram. Uma surpresa, porém, os aguardava. Padre Felipe veio-lhes ao encontro, ansioso:

— Oh, Pedro! E o Japi, não anda contigo?

— Não! — responde o padre.

— Bem que eu o suspeitava. Bem que me disseram que o bugre havia-se alistado às forças defensoras da Cidade, e até já entrou em duelos com marujos.

— Deus de Tabira, protege o seu amado! — exclama a jovem, e pondo as mãos cruzadas sobre o ventre, “entra a gerar.

— Que tens, filha minha? — inquire o Padre Pedro, assustado — Sentes dores?

— Sim, padre. — responde a jovem entre gemidos.

— Vamos, vamos à cama. Deves estar cansada. — E, virando-se para o amigo:

— Felipe, vai depressa à procura do médico.

XIV Fugindo à própria sina

Sem dar atenção aos conselhos dos amigos espirituais, que de todos os meios buscaram adverti-lo, Japi descera muito moralmente, levando uma vida desregrada. Marujos de má catadura e de vergonhosa conduta eram seus companheiros inseparáveis, embora intimamente os repudiasse, pois não sentia qualquer satisfação naqueles ambientes devassos aos quais o

arrastava uma força estranha e demoníaca. Bebia e fumava grossos charutos, batendo-se em duelo a apenas um olhar diferente de qualquer desafeto, que sempre feria com sua temida espada, da qual nunca se separava.

Às vezes em meio às alegrias, oriundas da bebida, ele parava e ficava sério, pensando em Tabira. Nestes momentos, ai de quem o tentasse despertar. Arriscava-se a ter um braço espetado pela espada ou quebrado por seus possantes músculos. Decorriam já quinze dias que havia saído do Mosteiro, quando as velas holandesas apresentaram-se diante da Cidade, pegando a todos de surpresa.

No Mosteiro, Tabira definha. Não se alimenta e passa horas e horas sentada, com o olhar fixo no céu. Ao seu redor, sem que sejam vistos, miríades de espíritos protetores dão-lhe, através da intuição, os conselhos que ela necessita e que tão bem compreende. O padre Pedro desvela-se, cumulando-a de todas as atenções. Mas constata, contristado, que seu semblante, antes tão alegre, cobrira-se com um véu de infinita tristeza.

— Anima-te, minha filha — aconselhava o velho padre — tudo há de retomar seus lugares. Põe por terra esta máscara de dor. Lembra-te sempre que trazes no ventre um inocentezinho, fruto de teu amor.

Tabira encarava -o padre com os olhos já encovados e circundados por enormes manchas negras, causadas pela vigília incessante.

— E Japi, padre, onde estará agora? Talvez em perigo.

— Não, minha filha. Algo me diz que o tonto de teu marido não corre nenhum perigo. — E o padre, tirando do dedo um grande anel de prata, no qual estava gravada em alto relevo a imagem do Cristo na cruz, apresenta-o à jovem.

— Toma, Tabira, põe no dedo. Ele te ajudará a ter confiança. Teu marido voltará, fiques certa.

— E a guerra, padre?

— Estamos por ser atacados. É incrível como nestas horas os homens entendem-se melhor. Esquecem-se as rusgas particulares e só se pensa na defesa da coletividade. Até o senhor Bispo esqueceu seu ódio pelo Governador e pôs-se à sua disposição.

— E D. Diogo? — inquiriu a índia.

— É um grande homem. Mandou que o Bispo defendesse a sua diocese. Agradeceu, porém, o oferecimento. Nesta hora, filha, todos estão unidos.

— Nem todos, padre... — e a jovem levou a mão aos olhos para limpar uma lágrima que descia, teimosa, de seus olhos sofredores.

— Calma, minha filha ...

Neste exato momento, a porta abre-se, par a par, e a figura de Japi surge no seu limiar.

— Japi! — exclamaram, levando, Tabira, a mão ao coração.

O índio vinha diferente. O seu olhar antes claro e brilhante, estava embaciado. Fisionomia cansada, cabelos desgrenhados, trazia as mangas da camisa arregaçadas, e os calções rasgados em vários lugares. Na cintura, porém, conservava a temida espada. Entrou e arrojou-se, chorando, aos pés da esposa que lhe abraçou a cabeça apoiada ao colo. Ficaram calados, por instantes. Depois o índio, levantando a cabeça, declara:

— Japi vem despedir-se de Tabira.

— Despedir-se, Japi? Por que?

— Há guerra na Cidade — Japi vai lutar com as forças do Governador. Vim despedir-me porque posso sucumbir na luta. — Ao ouvir isto, Tabira prorrompeu em prantos, apertando-se ao corpo do marido. Padre Pedro, que se mantinha calado, quebrou o silêncio, aconselhando-o:

— Meu filho, pensa em tua esposa, no teu filho ...

— Nunca deixei de pensar, padre. Por isso estou aqui — rugiu o índio/

— Não vá, Japi — implorou a índia.

— Tenho que ir, Tabira. É meu dever.

— Defende aqui tua esposa, Japi. Ficando, nem por isso deixarás de lutar, pois que, certamente, as forças báltavas invadirão a Cidade. Fica e defende tua esposa.

— Não posso ficar, padre, pois já me comprometi a lutar na frente. Lá estarei impedindo que eles venham até aqui. — E, levantando-se: — Adeus, Tabira. Adeus, padre. — Já se ia retirando, quando Tabira o chamou e tirando do dedo o anel presenteado pelo padre, estendeu-o ao marido:

— Toma, meu querido, põe no dedo este anel. Lembrai de Tabira sempre que para ele olhades.

O índio parou, indeciso e estendeu a mão esquerda à esposa que, em seu dedo mínimo, enfiou o grande anel. Japi contemplou-o por momentos, mirou a esposa e, virando-se, saiu do recinto. Tabira foi tomada por convulsivo pranto. O padre a abraçou, tentando acalmá-la, sem resultado. Pouco depois, angustiada ao máximo, a índia desmaiava nos braços do religioso.

Os estrondos dos canhões das fortalezas começaram a se fazer ouvir, ensurdecedores. As ruas estavam desertas. Japi corria célere, saltando tudo quanto lhe embargava os passos.

Dirigiu-se à casa da jovem loura e subiu os degraus da escada de quatro em quatro. Estava vazia. Percorreu-a toda, sem encontrar ninguém. Cabisbaixo, saiu e ficou parado na ruela, indeciso. Forças contrárias pareciam lutar em sua mente, estimulando-o — queria regressar ao convento, ficar com a esposa, ao mesmo tempo sentia que algo o arrastava para o cenário da batalha. Decidindo-se pela segunda sugestão, correu à praça do Palácio. A gritaria era infernal. O forte de Santo Antônio já fora tomado e desbaratada toda sua guarnição. O forte novo resistia, heroicamente, às hordas invasoras. Antônio, o jovem filho do governador, lutava bravamente. Os navios holandeses passaram velozmente, mudando de bordo, em tática bem organizada, disparando seus canhões contra as fortificações. Navios portugueses e espanhóis ardiam no porto, levantando aos céus grandes labaredas e grossas colunas de fumo negro. No forte do arrecife já se lutava corpo a corpo, cadáveres juncavam seu solo. As vestes de cores berrantes dos infantes holandeses, com seus gorros vermelhos, sobressaíam entre a dos desorganizados defensores. Quatro navios entraram incólumes além do forte de Santo Antônio e desembarcaram seus soldados que, imediatamente, correram a se bater com os poucos resistentes. Subiram a colina de difícil acesso e se encaminharam para o perímetro urbano. O governador, tendo visto o desembarque, ordenou que o grosso de suas tropas fossem cortar o caminho dos invasores, do que se aproveitaram os capitães dos demais navios para, por sua vez, descerem na cidade baixa, onde a luta corpo a corpo generalizou-se. Japi entra no conflito. Sua espada, coberta de sangue, abria tremendos claros entre os holandeses. O forte novo já capitulara. Nele, a bandeira holandesa tremulava.

A noite caíra, clareada, lugubrememente, pelos clarões dos navios e casas incendiando-se. Os gemidos de dor misturavam-se aos *gritos* dos chefes dando ordens e à algazarra da soldadesca. Japi tinha o corpo coberto de sangue dos inimigos, já que nenhum arranhão recebera. A superioridade dos atacantes logo se evidenciou. O Governador recolheu-se ao palácio, onde mandou empilhar várias barricas de pólvora, às quais atara grande estopim e se preparava para acendê-los tão logo as forças invasoras ali penetrassem. Antônio, seu filho de dezesseis anos, todo sujo e ensanguentado, corajoso, a seu lado esperava.

As hostes que desembarcaram dos quatro navios penetraram na Cidade sem encontrar a menor resistência. Invadem o palácio. Nada sofrem, porém. O jesuíta Domingo Choini havia impedido que o Governador concretizasse seu sinistro intento, aconselhando-o à rendição. Todos são presos e enviados, imediatamente, para um navio. A Cidade do Salvador capitula. Desfraldada, no palácio governamental, vê-se a bandeira de listas horizontais da Holanda. O saque impiedoso da soldadesca animalizada tem início, tanto na cidade baixa como na alta. O povo espavorido foge para o interior. O domínio holandês é completo.

Desembarca o Almirante báltico que vem tomar posse da terra, acompanhado de grande comitiva. Japi só, queda-se exausto, junto ao que fora uma fortaleza. Tem na mão o toco de sua brava espada, quebrada na luta. Por várias vezes depara-se com soldados inimigos que o ignoram. Ninguém o atacava. Triste, começara a passar pelos destroços, entre cadáveres. Tremula nas terras de Vera-Cruz o pavilhão estrangeiro.

Pouco antes de se ter iniciado o combate, um vulto embuçado deixa o convento e, colando-se às paredes, corre desajeitadamente, pelas ruas desertas. Às vezes, tropeçando nas paredes irregulares, cai ao chão, deixando escapar doridos gemidos. Levanta-se, porém, e enceta a caminhada, por instante curvando-se com as mãos amparando o ventre. Assim, envereda por becos, desce íngremes ladeiras de barro, escorregando e rolando, vez por outra, pelas ribanceiras. Após tantas dificuldades, consegue, por fim, atingir a praia e dirige-se a grande batelão de dois mastros, no qual entra encaminhando-se, imediatamente para seu interior, onde se esconde em enorme armário.

No Mosteiro, padre Pedro e padre Felipe conversam apressados com dois outros religiosos.

— Não convém esperar as coisas se acalmarem, irmãos? É uma temeridade deixar a Cidade quando o mar está coalhado de embarcações inimigas.

— Não, Pedro, ou saímos agora ou jamais, sairemos. Os holandeses estão preocupados em tomar a Cidade, de forma que não notarão um simples batelão. Contornaremos a ilha de Itaparica e, assim, estaremos a salvo.

— Estás disposto mesmo, irmão Pierre?

— Sim. E não devemos nos demorar. Assim, adeus, Pedro. Adeus, Felipe.

— Adeus, irmãos. Deus os guie.

Esgueirando-se pelas ruas, os dois sacerdotes encaminham-se para o porto, seguindo o mesmo caminho tomado antes pelo estranho personagem. São dois novos jesuítas, que demandam às terras de Porto Seguro a serviço da catequese. Assim, dirigem-se ao barco e, apressando-se, o põem em movimento, no momento exato em que a artilharia dos fortes começa a fazer fogo contra os invasores. Seguem a linha da praia até a ponta de Monte Serrat, virando depois em direção à ilha de Itaparica, a qual iriam contornar, buscando rumo certo depois.

Padre Pedro, juntamente com o companheiro, ambos levando nas mãos grandes malas, encaminham-se ligeiros ao quarto de Tabira.

— Temos que nos apressar, Felipe. O Alferes deve estar em apuros, no Carmo, e precisamos de logo tomar posse de nossa igreja.

— E o Bispo? — inquiriu Felipe.

— Ah! Esse virou soldado. Foi juntar-se às forças defensoras. É um lutador.

— Como todos os deputados do Santo Ofício. Só querem ver sangue, Pedro. Não importa de quem.

— Tabira! — grita o padre na porta do quarto da jovem. Silêncio absoluto. Insiste no chamamento, sem, entretanto, receber resposta. Temendo algo, empurra a porta, encontrando o quarto vazio.

— Meus Deus! — exclama o religioso, entrando e atirando, para um lado, as malas que trazia. Felipe, à exclamação do amigo, acorre, afobado.

— Onde estará ela? — pergunta. — Deixei-a descansando, a pobrezinha. Não poderia ter-se evaporado.

— Olha! — grita Padre Pedro, segurando um pedaço de papel abandonado sobre a mesinha de cabeceira. — Meu Deus!

— Leia, padre, leia. — suplica o amigo.

— Coitadinha, coitadinha — murmura, entre lágrimas, o velho sacerdote. — O outro impacienta-se e toma, de suas mãos trêmulas, o papelzinho, lendo-o.

— “Padres Pedro e Felipe. Perdoem-me. Volto para as terras de meus antepassados. Tudo aqui, agora, me é estranho, longe do meu querido Japi. Volto com os novos catequistas, que para aquelas terras se dirigem. Velem por Japi, acima de tudo. Diga-lhe que eu o perdô. Tabira”.

— Meu Deus, é louca a menina! — exclama irmão Felipe. E, segurando o amigo pelo braço, decide-se.

— Vamos, Pedro, corramos ao porto. Talvez ainda haja tempo de impedirmos tal loucura.

E os dois velhos, esquecendo-se da própria fraqueza, correm, como se adolescentes fossem, pelas tortuosas ruas. Durante todo o trajeto, Pedro ora, chorando, pedindo a Deus e aos espíritos protetores que os façam chegar em tempo.

— Minha menina! Pobre criança! — deixa escapar, vez por outra, o velho.

Então, no início da ladeira, a qual já começava a descer o padre Felipe, irmão Pedro pára. À sua vista, o mar descortinava-se, com o sol já descambando por trás da linha cinzenta da ilha de Itaparica. Ao longe, singrando velozmente, a silhueta inconfundível do batelão dos

jesuítas, com suas velas enfunadas, afasta-se.

— Pára, Felipe! — exclama. — É tarde. Ei-los que partem. — E o pobre velho deixa-se cair ajoelhado no chão, ergue a cabeça e ora, contritamente.

— Oh, Deus! — clama padre Felipe. — Oh, Japi, que maldade cometeste! Deus te perdoe, filho, já que tua esposa morrerá de dor.

À luz do crepúsculo, juntam-se o clarão das peças de artilharia em franca atividade e as resplandescentes labaredas dos incêndios. Distante, bem distante, a embarcação desaparece ante os olhares lacrimosos dos dois religiosos, que regressam cabisbaixos.

XV A fuga de Tabira

Passam-se os dias, tristemente, sobre a Cidade dominada. Vários decretos são baixados pelo novo Governador que achou por bem administrar a Capital vencida do fortim de Monte Serrat.

Enquanto isto, o Bispo, esquecido da sua condição de sacerdote, reveste-se de uma couraça por cima da batina, atravessa a tiracolo uma espada e começa a arrebanhar os cidadãos foragidos. No arraial do Rio Vermelho, consegue formar uma grande tropa. Divide-a em pelotões de guerrilhas, os quais são enviados aos quatro cantos da Cidade, a surpreender os holandeses. Simultaneamente, dá início à convocação para a escolha do sucessor de Diogo Furtado. Muitos foram escolhidos, mas, por fim, ele próprio tomou a si a responsabilidade de comandar os destinos da Cidade. Ambicioso, há muito aspirava a tal. Ele sempre esperara poder valer sua autoridade de Deputado do Santo Ofício, o que ainda não conseguira devido à mão forte do ex-governador Diogo de Mendonça Furtado.

De fazenda em fazenda, ia D. Marcos convocando a população a se defender e a expulsar os invasores. Foi incansável, multiplicando-se por todas as partes. E não mais dormiu, estando sempre onde houvesse qualquer escaramuça. O arraial do Rio Vermelho passou a ser seu quartel general e, conseqüentemente, a Capital do país. Como grande e experimentado estrategista, D. Marcos distribuiu os planos da resistência, formando as guerrilhas sob o comando de homens de sua confiança. Uma dessas era chefiada por Francisco Padilha que, em “Águas de Meninos”, conseguiu assassinar o governador holandês Johan van Dorth, quando este, ferido antes por um tiro de arcabuz, não se escusou em duelar, valentemente, com o exímio espadachim.

Daí em diante, a situação começa a complicar-se para os invasores. Muitos de seus navios haviam sido enviados de regresso à Pátria, carregados de produtos do saque, tal fora a confiança na impossibilidade de uma reviravolta na situação.

Certo dia, em um dos acampamentos espalhados pelas cercanias, Japi conversa com Francisco Padilha, sobre o que o índio considerava ser um homicídio a morte do governador holandês.

— Mas, assassinato como, Japi? Duelamos e eu o venci.

— Ora, Padilha, até uma criança, sem nenhum treino com uma espada, poderia tê-lo vencido. O homem estava ferido, perdia muito sangue. Eu não o teria morto.

— Era um inimigo, Japi. O comandante das forças invasoras. Foste testemunha do que eles fizeram na Cidade.

— Já pensaste, Padilha no que poderíamos fazer se o tivéssemos aprisionado?

— Que faríamos?

— Exigiríamos o resgate de D. Diogo, seu filho Antônio e de todos quantos eles mantêm prisioneiros na Holanda.

— Sim, senhor! E ninguém pensou nisso. — exclamou Padilha, encarando Japi, admirado.

— Eu pensei, Padilha, mas já o tinhas atravessado com a espada.

— Mas, pelo menos graças à sua morte, estamos vencendo.

— Sim, mas poderíamos ter vencido totalmente, muito antes. Bem, Padilha, eu já estou saturado de tantos combates, tanto sangue. Estou enjoado de tudo isto. Vou voltar ao convento.

— Deixas a loura? — indaga Padilha, levantando-se do canhão em que se sentara e encarando o índio.

— Há muito a deixei. Agora procuro saber por que me deixei empolgar tanto por ela. Pobre Tabira, como deve ter sofrido. Nunca mais me separarei dela. Onde ela for, eu estarei junto e, onde for, a levarei. Compreendo, agora, Padilha, que nunca amei ninguém. — E o índio levantando a mão mirou, demoradamente, o anel que Tabira lhe ofertara, murmurou para si: “Perdoa, querida, perdoa”. Despediu-se, em seguida do amigo, apertando-lhe a mão, e partiu correndo, saltando os escombros. Seu coração pulsava mais forte, não pelo esforço que despendia, mas, sim, pela expectativa — ansiava por ter a esposa nos braços.

Enquanto isto, o batelão dos jesuítas, bem manejado, corta veloz o oceano. Suas velas enfundadas impulsionavam-no em rápida marcha, rumo à terra selvagem que já se deixava entrever ao longe.

— Estamos quase a chegar, irmão — comentou padre Jacintho.

— Sim, graças aos céus nenhum navio holandês nos perseguiu. Creio que devemos comemorar com uns bons goles de vinho. Que achas?

— Não é de todo má a idéia, irmão Pierre, mas antes deves ir buscar um rolo de corda nova. Esta que segura nossa âncora já está a precisar ser trocada.

— Vou em seguida. — E padre Pierre afastando-se penetrou pela escotilha. Irmão Jacintho, que estava ao leme, cantarolava, sentindo no rosto a brisa fresca do mar. De repente, ouviu gritos angustiosos do companheiro, que apareceu, lívido, gesticulando.

— Mas, o que houve, por Deus? Está lá em baixo algum monstro?

— N.,., não, irmão.

— Vamos, homem, dize o que há...

— Dentro do armário das cordas..., dentro do armário...

— O que há dentro do armário?

— A índia, irmão, a índia..., coitadinha!...

— Vamos, que índia? Que queres dizer?

— A índia, irmão, Tabira — consegui, esclarecer, mais calmo, o sacerdote.

— Tabira? Tens certeza? Que faz ela no barco?

— Está morrendo, padre, está morrendo a pobrezinha.

— Vamos. — E ambos correram, descendo a escada quase de um salto. O grande armário escancarado deixava ver sobre vários rolos de cordas, a jovem índia desmaiada.

— Meu Deus, como veio ela parar aqui? — perguntou padre Jacintho, retirando a índia de dentro da peça e, com a ajuda do companheiro, depositando-a em um beliche. Agasalharam a moça com quantas mantas conseguiram, introduzindo-lhe entre os lábios um pouco de vinho. Padre Pierre acendeu o fogão de bordo e pôs-se a preparar um caldo bem quente para a jovem, que permanecia desacordada. Esqueceram-se, os dois religiosos, completamente, do manejo do barco, que como dirigido por mão invisível continuava em sua rota segura. Só ao anoitecer a índia deu sinal de vida. Seus descorados lábios abriram-se e, num sussurro, murmuraram “Japi”!... .”

— Coitadinha! Chama o danado do bugre que a abandonou.

Pouco depois, Tabira abria os olhos, esboçando um sorriso triste.

— Estás melhor, minha menina? — inquiriu, solícito o padre Jacintho.

— Tabira vai morrer, padre....

— Não, não pense nisso, filha — atalhou o velho sacerdote. — Vais ficar boa. Estamos chegando em terra.

- Eu sei, padre. Já chegamos. Minha gente espera na praia.
- Está delirando — disse padre Jacintho olhando significativamente para o irmão Pierre. Mas, súbito, um tranco forte os fêz perder o equilíbrio, obrigando-os a procurar apoio, para não irem ao chão.
- Corre, irmão, sobe a ver o que acontece. Batemos em algo — gritou padre Jacintho. Sobe, correndo, a>s escadas o sacerdote e, imediatamente, regressa, bradando:
- Encalhamos, padre, encalhamos...
- Onde?
- Na praia.
- Na praia? — pergunta, incrédulo.
- Sim, e ela está cheia de selvagens.
- Padre — intervém Tabira, com voz apenas audível — É minha gente, meu povo. Vieram buscar-me. Entregue-me a eles, padre.
- Mas como tua gente, filha? Como vieram buscar-te? Quem os poderia avisar?
- Não tema, padre — toma a índia. — Chama Igaraci. É o pajé. Depressa, padre.
- Estará delirando? — pergunta irmão Pierre.
- Não, não creio. Estamos diante de algo que não compreendemos. Será melhor que atribuamos a um milagre.
- E vamos entregá-la?
- Sim, está no fim, e é sua última vontade.
- Se está no fim, por certo precisará de nós.
- Não o creias, irmão. Precisa mais de seu povo. Vamos, chama alguém que atende por Igaraci...
- Igaraci já é chegado — ecoa grossa voz, logo atrás delfes.
- Homens brancos, afastem-se.

Altamente espantados, viraram-se os dois religiosos, deparando com um índio alto, aparentando mais de meia idade. Seu corpo estava todo pintado, trazia na cabeça um grande crânio esbranquiçado, tendo, em volta do pescoço, colares de dentes de animais e de inimigos vencidos. Forte, espadaúdo, caminhou, fazendo as penas de sua tanga roçarem umas nas outras, provocando um ruído áspero. Os sacerdotes recuaram para um lado, dando passagem ao estranho indivíduo que, sem cerimônia, tomou a índia nos braços e, com ela, retirou-se da embarcação. Os padres correram a amurada e viram que todos os selvagens seguiam o feiticeiro, cabisbaixos, até desaparecerem na floresta.

— Não compreendo — comentou padre Felipe.

— Nem tentes compreender, meu caro. Há coisas que é muito melhor que não compreendamos.

Seguia, o singular cortejo, mata a dentro. Tudo era silêncio, como se solidários, estivessem, todos os habitantes da floresta virgem, à profunda e infinita desventura da índia — no ventre volumoso, a filha da selva guarda o filho morto. A certa altura, com voz débil, pede ao feiticeiro:

— Pára, Igaraci. Põe-me no chão.

Obediente, o pajé, cuidadosamente, a depositou no solo. E Tabira, por instantes, ficou a contemplar majestosa árvore, no abrigo da qual, certa vez, seu amado a chamara. O rio de vegetação, antes exuberante, entremeada de coloridas e odoríferas flores, tinha, agora, seu leite seco, árido. Não mais as flores perfumavam o ar.

— Japi... — murmura a jovem e cairia se o feiticeiro não a amparasse, voltando a carregá-la e continuando a caminhada até a aldeia. Logo tratou Igaraci de acomodá-la em ampla cabana, numa rede de algodão trançado.

— Eu sabia que me esperavas — falou, em um suspiro, a enferma.

— Igaraci viu Tabira em sonho. Tabira falou com Igaraci. Ele já sabia de tudo.

— Pobre Japi... — ciciou a índia.

— Japi insensato. Sofrerá muito. Ele foi avisado.

— Eu pedirei por ele, Igaraci. Eu o salvarei. Eu te amo, Japi. Onde estiveres, ouve, meu amado, Tabira ama-te. E sempre esperará por ti. Deus te abençoe, meu querido. Ja... pi...

Uma nuvem negra encobriu a lua. Fez-se, momentaneamente, escuridão na mata, por sobre a taba. Tabira expirara, tendo nos lábios o nome do esposo adorado. Tal qual um passarinho, sem o mínimo sofrimento, fechou os olhos para o mundo cruel e mergulhou em sono profundo e reparador. Igaraci tirou-lhe o colar, sopesou-o na mão, demoradamente, falando para si mesmo:

— Pobre moço! Como vais sofrer, Japi! Os espíritos daqueles que perderam a vida na guerra que causaste, não te deixarão em paz, agora que também causaste a morte de tua esposa, fazendo-a antes sofrer tanto. Oh, guerreiro, se desses atenção às palavras do cacique Timbu!... Não terás sossego em várias vidas, Japi, até que possas encontrar este colar e o devolva à tua esposa. Antes disto, porém, sofrerás, serás incompreendido, tuas opiniões ferrenhamente combatidas, chamar-te-ão de vil, mentiroso, e terás medo de contar a verdade. Os séculos sucederão aos séculos, até que sintas a necessidade de arrostar as opiniões alheias, e abra teu coração, dando lugar a que teus amigos o ajudem. Então, encontrarás o colar. E o devolverás à esposa, que contigo estará. Mas, sofrerás por não poder chamá-la de esposa, até que tenhas expurgado de ti os teus erros, orgulho e vaidade. — Em seguida, cabeça pendente, deixa a choça. Diante dela toda a população da aldeia estava aglomerada.

— A filha de Timbu já descansa nos braços de Tupã — declara Igaraci para os selvagens que se curvam, como obedecendo a um sinal, permanecendo em silêncio. Logo, chama duas jovens índias e ordena:

— Entrem e retirem as vestes dos brancos do coipo de nossa irmã e cubram-no com as mais alvas penas que encontrem. Que os guerreiros entoem os cânticos e a dança da morte, por toda a noite.

Instantes depois, o corpo da infeliz jovem era colocado em estrado feito de varas e transportado, à luz de archotes rústicos, para o pátio da aldeia. Coberta até o pescoço por milhares de penas da cor do lírio, Tabira parecia dormir um doce e suave sono. Seus lábios pareciam sorrir. Ao redor do cadáver, a dança teve início. Os cânticos tristes ecoaram por sobre a mata que, parecendo sentir o drama, mantinha-se silenciosa e triste. No batelão, os dois religiosos ouviam, trazidos pelo vento, os sons plangentes da aldeia.

— Pobre índia! — sussurrou padre Pierre — Se ao menos eu tivesse aberto antes o armário...

— Não te culpes, — retruca padre Jacintho — Há coisas que obedecem uma direttriz que não compreendemos. Tudo havia de se passar assim.

— Quem diria que, uma índia, filha das selvas, pudesse amar tanto padre Jacintho ...

— Teria, mesmo, sido uma índia, irmão?

— Não entendo... era uma índia, claro!

— Refiro-me... bem, não sei..., não sei. Tu não entenderias.

— Achas que era uma santa?

— Não, digamos ... um espírito superior...

— Que Deus a receba em Seus braços!

— Amém! — Bem, vamos dormir. Nova vida inicia-se, amanhã, para nós.

XVI De volta à realidade

Japi chegara ao Mosteiro. Tudo ao seu redor era um amontoado de destroços — a rua coalhada de pedras, paredes desabadas, cadáveres em adiantado estado de putrefação, exalando um odor nauseabundo. O Mosteiro mesmo mostrava, na sua fachada, as marcas de

balas, não apresentando, entretanto, a grande porta principal qualquer sinal de violação. Mergulhado em terrível e dolorosa angústia, medo pavoroso a avassalar-lhe todo o ser, o índio começou a esmurrá-la, a gritar o nome da esposa, chorando, como se houvera enlouquecido. Em poucos minutos foi-lhe entreaberta a portada, surgindo a fisionomia medrosamente preocupada do padre porteiro. Japi não esperou — com um empurrão escancarou-a e irrompeu convento a dentro, como um louco, ante o olhar atônito do sacerdote. Atravessou o pátio deserto e dirigiu-se ao quarto em que habitava com Tabira. Subiu a escada em dois lances, encontrando a porta fechada. Desesperado, arrombou-a e entrou no acanhado quatinho. Tudo estava arrumado — em cima da cama, ainda por terminar, uma roupinha de recém-nascido. Apanhou-a e levando-a aos lábios, beijou-a. — Tabira! — Tabira! — murmurou. — Inopinadamente, atirou-se porta afora, como uma flecha, desceu a escada, indo até as celas dos padres Pedro e Felipe. Ninguém. Alucinado, voltou ao salão e agarrando o pequeno padre porteiro, indagou, com os olhos quase saltando das órbitas.

— Onde está Tabira? Vamos, diga! — sacudindo o pobre religioso, que se encolhia buscando fugir-lhe às mãos.

— Não sei, Japi, não sei. Todos saíram com o Bispo a lutar contra os invasores.

— Padre Pedro e padre Felipe também?

— Não, esses não.

— Onde estão eles? — perguntou, aos gritos, o moço, sentindo renascer-lhe as esperanças.

— Foram para o Carmo. Foram assumir suas funções na igreja...

Japi não mais quis ouvir nada. Atirando o padre para um lado, saiu como um furacão e pôs-se a correr pelas ruas desertas, como um desvairado, subindo e descendo ladeiras até que alcançou os muros que separavam o Carmo da Cidade propriamente dita. Vendo os portões fechados, não se deteve, porém, e na carreira em que vinha, de um salto, agarrou-se ao alto de um deles, transpondo-o e, continuando do outro lado na mesma disparada. Seu coração parecia prestes a saltar-lhe do peito e, em sua mente, só a imagem de Tabira surgia. Às vezes tinha a impressão de que ela estava ao lado dele e era tão nítida esta sensação que olhava para os lados, na certeza de que a encontraria, — mas, apenas, o mato alto e algumas árvores seus olhos distinguiam. Fisionomia transtornada pela dor, angústia e tremenda expectativa, dirigiu-se à primeira pessoa que encontrou, procurando saber, com a voz entrecortada pelo cansaço:

— Onde está o padre Pedro?

— O novo padre?

— Eu quero saber onde está o padre Pedro — e o índio sacudiu o infeliz, que tivera o azar de surgir-lhe pela frente.

— Na igreja. — gritou o homem.

— E onde fica a igreja?

— Lá — e o homenzinho apontou em uma direção. Japi largou-o e reiniciou a marcha, até alcançar o templo anexo ao convento. Invadiu-o, correndo, bradando, como um desvairado:

— Padre Pedro! Padre Pedro!

— Japi! — exclamou irmão Felipe que apareceu, saindo detrás do altar principal.

— Padre Felipe! — gritou o jovem, encaminhando-se para ele, trôpego e, em sua frente ajoelhou-se, não porque quisesse, mas, sim, por já não se poder manter em pé.

— Onde está Tabira? — perguntou, agarrando-se à batina do padre. — Sua fisionomia, banhada de suor, e coberta de poeira aderente, estava horrenda. Seus olhos pareciam dois grandes luzeiros.

O padre sentiu dificuldade em expressar-se. Não sabia como dar-lhe a notícia.

— Onde está Tabira? Que fizeram com ela? — clamava o índio, a sacudir o religioso, como um possesso. Do interior do Convento, padre Pedro, que palestrava com o Alferes, percebeu os sons confusos e altissonantes que partiam da igreja.

— Que acontece? Terá a guerra aqui chegando?

— Vamos a ver, padre, porém não creio.

Dirigiram-se os dois amigos para o local de onde partiam os rumores e depararam com o índio ajoelhado a sacudir, pela batina, padre Felipe, em grande agitação. Compreenderam tudo. Padre Pedro adiantou-se.

— Japi! — chamou. Ouvindo a voz do amigo, o moço estacou, de pronto, voltando-se, ainda seguro às vestes do irmão Felipe, e divisando o velho sacerdote, fez um esforço sobrehumano para levantar-se, mas cambaleou, indo este, pressuroso, ampará-lo.

— Padre, onde está Tabira?

— Calma, padre Pedro te dirá, tenha calma.

— Não, padre, quero saber, agora. Onde está ela? E, com ar feroz — Ela morreu, padre?

O religioso curvou a cabeça. Japi tomando aquele gesto como uma afirmativa, emitiu pavoroso grito — Não!... — caindo debruços, pesadamente, no chão de pedra. Finalmente fora vencido o guerreiro. Várias noites insone, a fome e a tremenda dor que sentia conseguiram abatê-lo. Ajudados pelo Alferes, os dois jesuítas o carregaram a um comprido banco, onde o colocaram.

— Pobre jovem!

— Pelas cicatrizes que cobrem seu corpo, deve ter lutado muito, o rapaz — comentou o Alferes.

— Como deve ter lutado!

— De que modo contar-lhe-emos o ocorrido? — inquiriu padre Felipe.

— Bem, de alguma maneira havemos de lhe dizer. Deixemo-lo dormir. Acordará mais manso.

— Não creio. Parece estar tendo sonhos terríveis. Vê como se mexe...

De fato, Japi agitava-se no estrado — rangia os dentes, movimentava os braços, como tentando agarrar um inimigo invisível. Tão logo o guerreiro perdeu os sentidos foi assaltado, em sonho, por alguém que lhe dizia:

— Lembra-te de mim, Japi?

O moço olhou aquela figura que se apresentava coberta por uma névoa e sentiu medo. Algo naquela voz lhe era familiar. Procurou penetrar com o olhar a neblina, sem conseguir. Então a voz fez-se, novamente, ouvir:

— Venceste-me, uma vez. Venho, agora, buscar a revanche que não consegui ter.

— Quem és tu que te escondes atrás de uma nuvem? Se te venci alguma vez, vencer-te-ei de novo. Basta que te apresentes sem a ajuda desta sombra.

— Eu te farei a vontade, guerreiro, mas é necessário, antes, que me ouças — não cumpriste teu dever de esposo. Esqueceste as nossas recomendações, fazendo tua esposa sofrer. És um indigno, Japi. E não poderás queixar-te de nada, pois tu, somente tu, és culpado do que acontece e suceder-te-á. Eu nunca me afastarei de ti, guerreiro. Agora, vê, vê quem sou. — E a nuvem, como por encanto, desvaneceu-se, surgindo a figura altiva e carrancuda, impregnada de ódio, de um guerreiro índio. Japi estremeceu. Esforçou-se por acordar, sem sucesso.

— Iaçanã! — exclamou.

— Sim, eu, o irmão de tua esposa, filho de Umbu. Fui morto na guerra que provocaste, Japi. Aqui estou para cumprir minha missão de ódio, que te foi destinada. Estarei sempre contigo, guerreiro, até que cumpras o prometido.

Pela primeira vez, Japi sentiu um prenúncio de terror. Logo, porém, reagiu e proclamou, arrogante:

— Sim, venci-te uma vez, e vencerei tantas vezes quantas sejam necessárias.

— Em seguida terás oportunidade para provar isto, guerreiro — retrucou, sorrindo escaninho, a visão. — Como já disse, é preciso que ouças a mim, primeiro. Estás, agora, na fase inicial de teu sofrimento. E eu o instigarei, o quanto possa, com a ajuda de todos aqueles que pereceram no campo de luta com o ódio no coração. Jamais descansarás, Japi. Agora, vem, luta comigo.

E o espectro aproximou-se mais do moço, que, sem esperar, lançou-se-lhe em cima. Abraçaram-se fortemente, e caíram ao solo, por onde rolaram, agarrados. Dez vezes levantaram-se, dez vezes tornaram a ir ao chão. Golpes eram vibrados, de parte a parte. Tantas vezes separavam-se, tantas se atracaram. Iaçanã sorria e Jápi começou a notar que o cunhado não se cansava nunca. Redobrou os esforços, sem resultado. Não conseguia derrotar o inimigo, que parecia não estar sendo afetado por seus golpes. Ele, por sua parte, já sentia os músculos dos braços e das pernas recusando-se a obedecer ao comando de sua mente. Arquejava, estupefato por ver o adversário sempre sorrindo, sem demonstrar sinais de esgotamento. Por fim, não mais se aguentando em pé, o valoroso índio cai de joelhos, inteiramente à mercê do inimigo, que sorrindo, aproxima-se e, com olhar ameaçador, declara:

— Não podes vencer-me, Japi. Eu poderia abatê-lo, agora. Mas, tal seria uma vingança muito suave. Viva, Japi, viva, pois sempre te procurarei para reclamar a revanche. Não quero vencer-te uma vez, mas muitas. E não usarei, apenas, os braços e, sim, também, tua própria fraqueza, guerreiro. Em todas as atividades em que te mostrares fraco, aí estará Iaçanã para instigar-te. Lembra-te: estarei em todas as coisas, em todas as formas. Agora, Japi, olha ao teu redor. Olha e vê as vítimas que causaste com a guerra que provocaste. Todos estão esperando uma oportunidade para a vingança.

Circulando o olhar, contempla Japi inúmeras fisionomias transfiguradas pelo ódio, que se agitam, em massa compacta, em sua direção. Com esforço sobrehumano, levanta-se vacilante, toma posição de defesa e prepara-se para morrer lutando. De seus lábios, como um gemido dorido, deixa escapar um nome — Tabira... E de seus olhos, duas grandes lágrimas despencam, indo cair-lhe aos pés. A essas duas, outras se seguem, desta vez, porém, de infinita alegria. Surge-lhe diante dos olhos a esposa em toda a sua pujante beleza, tendo nos lábios um maravilhoso sorriso.

— Tabira! Minha Tabira! — exclama o jovem, esquecendo-se dos inimigos, que pararam, retrocedendo. A moça dele se aproxima, parando a alguns passos. Japi faz menção de ir ao seu encontro sem o conseguir, pois uma força estranha o prende ao solo. Surpreso, suplica:

— Tabira, perdoa Japi...

— Há muito que te perdoei, meu querido. E, lembra-te: tua Tabira proteger-te-á sempre. — responde a esposa com o mesmo sorriso encantador.

— Por que não posso aproximar-me de ti? Por que não vens a mim? Já não amas teu Japi?

— Eu quero, Japi, eu quero abraçar-te. Eu te amo, Japi, mais do que nunca, mas não posso aproximar-me de ti — declarou a jovem, com um triste sorriso aflorando-lhe os lábios.

— Por que, Tabira, por que? — E o índio fez tremendo esforço para quebrar as cadeias invisíveis que o prendiam ao lugar. Sentiu-se, de repente, que caía e abriu os olhos, desmesuradamente. A seu lado, observando-o, o Alferes e os padres Pedro e Felipe.

— Tabira! — gritou apavorado. — Tabira, minha Tabira, onde estás? — E o pranto sacudiu seu corpo jovem, como o furacão sacode as copas das árvores, vergando-lhes até os troncos possantes.

— Deves ter sonhado, Japi. — ouviu o padre Pedro dizer.

A custo, o jovem levanta a cabeça. Rosto inundado pelas lágrimas, volta-se para o sacerdote e pergunta, soluçando:

— Onde, padre Pedro? Onde está Tabira? Por Deus, padre, onde está ela?

— Tenha calma, filho, padre Pedro to dirá. Vamos, acalma-te.

— Preciso saber, padre. Por favor! — suplica o índio.

— Seja. Ela sofreu muito por tua causa, filho. Relegaste-a ao maior desprezo. Ela não suportou viver longe de ti. Foi embora, Japi.

— Embora? Embora, para onde?

— Para sua terra, Japi — respondeu, por sua vez, padre Felipe.

— Não! — gritou o moço, levantando-se de um pulo, refeito do cansaço. — E consentiram?

— Nada pudemos fazer. — E o padre Pedro contou-lhe toda a história.

— Meu Deus! — murmurou, suspirando, o índio.

— Só agora te lembras de Deus, filho?

— Vejo, agora, que teu Deus, padre Pedro, é mesmo vingativo, malvado. Então é assim que se vinga dos filhos? Eu preferia nunca tê-Lo conhecido.

— Não houve vingança alguma por parte de Deus. Apenas existe um culpado do que aconteceu — tu. Se de fato amasses tua esposa, não a terias relegado ao esquecimento, fazendo-a definhir, dia após dia, até que, desesperada, decidiu-se partir. — O índio curvara a cabeça, vencido pelas verdades implícitas nas palavras do amigo, que parecia crescer diante dele. — Sempre tiveste, tudo para vencer, Japi. Amigos que te amam, verdadeiramente, e que tudo fizeram para tomar-te feliz ao lado de tua esposa. Amigos tanto aqui em nosso meio, como na esfera espiritual. Nada acontece por acaso, filho. Um só fio de cabelo de tua cabeça, ou uma folha seca que caíam, terá sido no seu devido tempo. Nada acontece sem a prévia autorização de Deus. Mas, és homem. És a criação máxima desse Deus que chamas de mau e vingativo. Engana-te, Japi. Deus é sábio, é bondoso. Personificando a perfeição absoluta de sua criação, Ele deu inteligência ao homem, deu-lhe o poder de saber distinguir o bem do mal, o certo do errado. És livre, como todo o homem, para escolher o caminho que quiseses. Se seguiste o errado, filho, só tu claudicaste. Deus está isento de qualquer culpa. Estás colhendo os frutos da árvore que tu mesmo plantaste. Queixa-te, mas de ti mesmo, pois não soubeste agir, não obstante tua inteligência privilegiada, separando o bem do mal.

— Padre, perdão! Reconheço meus erros. Fiz tudo quanto não devia, mas sempre amei minha esposa. Perdoa-me, padre! — exclamou o índio ajoelhando-se ante o padre Pedro e desatando em pranto copioso.

— Deus e não eu, filho, perdoar-te-á.

— Peça-te, padre, consiga-me um barco. Preciso ir à minha terra. Preciso voltar para Tabira. Pelo amor de Deus, padre.

— Não creio na possibilidade de conseguirmos alguma embarcação. As que podíamos arranjar, foram incendiadas no porto. Terás que esperar a situação normalizar-se, Japi. — falou o padre comovido ante a súplica do índio, lançando um olhar para os dois amigos, que que a tudo assistiam.

— Não posso esperar, padre. Morrerei, se não conseguir ir; ou morrerei tentando, pois que irei a nado.

Padre Pedro olhou-o nos olhos e neles viu a firme resolução de cumprir o que afirmava. Sabia do que Japi era capaz, mas não via como poderia ajudá-lo. Permaneceu pensativo, quando o Alferes in-terviu:

— Ao lado do forte de São Felipe, tenho uma embarcação pequena, mas que te servirá, perfeitamente, para atingires teu objetivo. Seguindo a linha certa da praia, encontrarás a cabana. Seu morador, José, guarda as velas. Diz-lhe que foste enviado pelo Alferes e ele te ajudará em tudo. Agora, pede a Deus que encontres a embarcação intacta, o que é muito pouco provável. Vai, filho, é a tua única esperança.

— Irei agora mesmo — gritou Japi, e, ato contínuo, beijou .a mão do padre Pedro,

abraçou os outros dois amigos, saindo em louca disparada.

— Pobre moço! — murmurou o padre.

— Não deveríamos pô-lo a par de tudo quanto aconteceu? — perguntou padre Felipe.

— Não — responde o Alferes, antecipando-se ao irmão Pedro. — Ele tem que saber tudo por ele mesmo.

— Mas, poderíamos poupar-lhe a viagem. Coitado, como vai sofrer...

— Pior seria, se de tudo tomasse conhecimento, agora. Com tantas forças o assediando, fatalmente, suicidar-se-ia. Assim, nada teríamos feito por ele. É bom que sofra, lá na terra em que nasceu, pois estará mais protegido do que aqui.

— Mas, o que acontecerá com ele? — inquiriu padre Pedro.

— Ah, padre! os espíritos fazem questão de não descerrar o* véu que encobre o futuro. Apenas podemos deprender, imaginar o que poderá acontecer. Japi precisa purificar-se e, para tal, nada melhor que o sofrimento. Um dia, livre de todos estes defeitos, poderá viver feliz ao lado da esposa, sua alma gêmea. Mas isto ainda vai demorar, uma vez que, como sabes, tem ele ainda certas dívidas pendentes.

— Mas, com o sofrimento que ora tem seu início, não permitirá a ele saldar estas dívidas?

— Não. Não, porque elas foram suspensas, apenas em atendimento aos rogos da esposa. Ele poderá, sim, diminuir o tempo da dívida, segundo seu procedimento em outras vidas.

— Interessante! — exclama irmão Felipe. — Quer dizer, então, que pode haver condescendência ou adiamento das penas a que esteja sujeito o espírito?

— Não é bem assim. O caso deles, porém, se não especial, poderá ser, assim, denominado. Ela, mais esclarecida do que ele, já poderia estar a caminho da liberdade tbtal, após pagar suas dívidas, mas ama tanto o esposo, que luta para redimí-lo e, assim, tê-lo sempre a seu lado. Daí, ter implorado mais uma oportunidade, encarnando em corpos selvagens, para, começando tudo do princípio, preparar o marido a suportar, em outra encarnação, a carga de suas dívidas.

— E que conseguiu, a coitadinha? Nada, pois o índio, agora, contraiu dívidas para com ela...

— Não, padre, ela conseguiu muito. Compreendeu ele, agora, o erro que cometeu. E tal erro ficará gravado em seu espírito, indelevelmente. Servirá de ponto de partida para uma vida melhor. Quanto às dívidas que contraiu com ela, já foram perdoadas.

— Ê comovente, esta história — disse padre Felipe. — E que acontecerá, agora?

— Isso é futuro. E só o futuro responderá. Podemos, apenas conjecturar, tomando por base o que já aconteceu. Ela voltará a interceder pelo amado.

— E conseguirá?

— Quem sabe, padre Pedro, quem sabe?

— Conseguirá, sim — entusiasma-se irmão Felipe. — Aquela índia é uma santa. Quem não atenderá a um pedido seu?

— Por certo que ela conseguirá, padre Felipe — continuou o Alferes. — Mas forçosamente, ele terá que sofrer, antes de ser chamado a outra encarnação.

— E ela, virá com ele?

— Pode estar certo que sim. Jamais se separarão, totalmente. Um dia, cansado de sofrer, ele terá depurado todos os seus defeitos. Então, integrará, com ela, a legião dos espíritos cuja missão é ajudar seus irmãos encarnados.

— Só me causa espécie uma coisa! — disse padre Pedro.

— O que? — pergunta o Alferes.

— Se ele, Japi, teve o consentimento de entrever suas vidas passadas, onde viu certa vez a menina loura, que foi Tabira, sendo por ele reconhecida, como, posteriormente, a tomou pela loura prostituta que encontrou na Rua dos Capitães? Ele tinha certeza que já sábia sobre

a matéria, antes de estudá-la — quando explicada ou lida, lembrava-se de tudo. Ele sabia, ou deveria saber, que dele esperava-se alguma coisa, no entanto, não deu importância. Por que?

— É simples. Como o padre sabe, ao espírito é confiada uma tarefa e dela toma conhecimento antes de mergulhar no corpo físico. Durante a vida, vagamente, e em certas ocasiões, lembramo-nos de algo. Às vezes, não damos crédito, segundo nossas educações. Temos ampla liberdade para fazer o que acharmos certo. E, note bem, se de um lado, forças poderosas nos ajudam e incitam a que cumpramos o que nos foi determinado, outras forças, também poderosas, agem no sentido de que tudo esqueçamos. Este, o caso de Japi.

— Mas, vence, então, as forças do mal? — pergunta, incrédulo, padre Felipe.

— Não, não vence. E se um perdedor há, este é o espírito.

— E não quer isto dizer que tenham tais forças contrárias sido vencedoras?

— Não, pois que pode o mal contra o bem? O espírito é quem sofre as conseqüências da escolha errada. Mas, um dia, compreenderá e saberá distinguir com qual das duas deve afinar-se. A pseudo derrota das forças do bem é apenas um adiamento, pois que sempre vencerão. O Japi foi um privilegiado, tendo, diante de si, quase toda a sua vida anterior. Entretanto, não tirou disso vantagem. Por que? As forças do mal venceram? No máximo venceram uma batalha, mas nunca a guerra. E, mesmo assim, incutiram no espírito do índio a certeza do que errou, onde errou. De outra vez, ele já virá preparado, terá maiores poderes, e saberá como agir.

— Maravilhosas leis! — comenta padre Felipe.

— Sim, maravilhosas. O bem sempre vence. E Deus nunca relegou seus filhos ao total sofrimento. Ampara-os, sempre, não perdendo um só.

— É, às vezes sinto até vergonha de pertencer à igreja católica — resmungava padre Pedro. — Tanta coisa inútil que ensinamos, tantos dogmas, conceitos, leis absurdas, que, de certa forma, contribuem para que tais forças terríveis ganhem algumas destas batalhas.

— Não deves envergonhar-te, caro Pedro. Sabes a verdade. És um homem bom e compreendas que a religião católica não é tão má como às vezes pensas. Maus são os que ditam suas normas, que regem de trono de ouro, que se comprazem em amedrontar seus fiéis, com teorias absurdas. E pensas que eles não conhecem a verdade? Pois bem, em sua maioria, conhecem. Mas, o ouro lhes fala mais alto. Acumularam riquezas na terra e ganham o inferno que eles mesmos criaram. Mas, dia virá em que a verdade triunfará em todo o planeta.

— Que assim seja, senhor Alferes! Que assim seja!

XVII O conhecimento das leis

Japi, após desenfreada carreira, chega ao forte destruído de São Felipe. Ruínas por todos os lados. Cadáveres putrefatos, sendo devorados por aves de rapina, exalam terrível odor. No mar, alguns boiam, inchados, disformes. O índio cobre o nariz com a mão aberta, mas não consegue manter-se assim por muito tempo, devido ao cansaço que lhe acelerava a respiração. Examina os destroços do forte, por todos os lados, sem encontrar nenhum indício do barco prometido. Apavora-se. Tremenda angústia o assola. Lembrando-se da casa a que se referira o Alferes, parte correndo pela praia atravancada, avistando, finalmente, uma casinha tosca de madeira. Seu coração bate descompassado. Imprime maior velocidade às pernas. A habitação, se bem que de aspecto rudimentar, é bem extensa. De sua única janela aberta, tênue fumaça escapa, subindo ao sabor da brisa. Japi pára e chama:

— José! José!

Imediatamente, do interior da casc. surge um homem negro, empunhando enorme mosquete. Seus cabelos encarapinhados e já totalmente encanecidos, juntam-se à barba espessa que lhe cobre todo o rosto. Encara o jovem e arquejante índio, indagando:

— Qui qué o sinhô? '

— O barco, o barco, onde está, José?
— Qui barco, hôme? — E o velho encosta a arma à parede da morada, tomado de súbita confiança pelo moço.

— O barco do senhor Alferes. Ele me mandou...

— Virge Mãe de Deus! O sinhô Alferes mandou ocê precurá o véio José?

— Sim, José, sim — grita, impaciente, o índio e, aproximando-se conta tudo ao preto velho.

— Tu é um índio...

— E tu, um preto... — E Japi investe, ameaçadoramente, contra José que o encara, observando:

— É verdade. Mas qui diferença fais? Todo somo de Deus, fio. Vem, o barco tá dentro di casa.

Japi alegre-se e corre em direção à pobre casa. Em seu interior, tomando-lhe todo o espaço, está o barco: construção sólida; um saveiro de uns quatro metros, de quilha alta.

— Vamos, José, vamos pô-lo à água — convida Japi, contente.

— Ma cumo, hôme de Deus. Eu cá já num teum fôça.

— Ajude, ao menos. Ainda, tira teus trastes de dentro da embarcação. — Com efeito, todo o interior do barco estava tomado com os pertences do negro. Este, imediatamente, começou a recolher tudo, deixando, finalmente, o saveiro desimpedido.

— Fra onde tu vai cum este barco?

— Porto Seguro — responde o índio, com toda a naturalidade.

— O lugá do descubrimetu? — inquire o velho, pasmado. — Oia, moço, se o ventu soprá cum fôça e nada aparecê de má, amanhã, num fim da tarde, ou dispois tu chega lá.

— Não importa quando chegue. Quero é chegar. — E o índio passando para a popa da embarcação, pôs-se a empurrá-la. Apoiado que estava em troncos roliços e ajudado por José, o barco começou a deslizar suave e, atingindo o mnr, por fim, ficou a boiar. Japi armou os mastros, o leme e as veias, acomodando-se na popa e empunhandr. r. càjn* do leme, deixou que o vento conduzisse o barco a seu destino. À esj>osa não lhe saía do pensamento.

— Deus ajude o moço! — gritou o velho acenando. O índio, entretanto, não o ouviu. Mal começara a viagem, já estava preocupado em chegar.

Na aldeia, após terem dançado e cantado toda a noite, a tribo inteira reunira-se ao redor do estrado em que, coberto por penas alvas e macias, descansava o corpo de Tabira. O sol nascia e seus primeiros raios começara a iluminar a mata. Os pássaros iniciaram sua sinfonia de cantos. / v-raci aproxima-se do corpo. Escolhe quatro fortes e jovens guerreiro» que ocupam cada qual um lugar junto ao estrado. A uma ordem do feiticeiro, carregam sobre os ombros hercúleos a jovem defunta e começam a seguir o pajé que os vai guiando. Toda a tribo os acompanha, silenciosa. E, por entre a mata, já agora recebendo, em cheio, os raios tépidos do sol, continua o cortejo, até que atinge o mar, prosseguindo pela praia. Adiante, na encosta de um morro, destaca-se a entrada de uma caverna, acortinada por liames de vegetação — é baixa, pouco menos que a altura de um homem de tamanho normal. Por ela, enveredam os quatro carregadores e o feiticeiro, depositando o precioso fardo no centro da caverna. Então, Igaraci, tirando de um minúsculo cesto de cipós trançados, o colar da morta, segura-o pelo cordão, levantando-o à sua frente e profere, com voz pausada:

— Estejas onde estiveres, Japi, teus passos serão dirigidos a esta caverna, onde não poderás entrar, enquanto não estejas apto a obedecer às leis de Tupã. Esta caverna será guardada, dia e noite, por dois guerreiros, que viverão exclusivamente para tal. E, após suas mortes, seus espíritos continuarão guardando o lugar e o colar, até que um dia, tu venhas buscá-lo e possas devolvê-lo à tua esposa, pedindo-lhe perdão pelos sofrimentos que causaste. Então, terás desobrigado os guardiães da caverna da guarda eterna. E eles ficarão

livres. Que Tupã te ajude, Japi! — E, colocando o colar, novamente, no pequeno cesto, levou-o até uma reentrância na parede da caverna, onde o guardou. — O tempo não o afetará. Será encontrado como agora está — concluiu, dirigindo-se aos carregadores, entre os quais, destacou dois.

— Serão os guardas desta caverna. Ninguém poderá entrar. — E lançando um último olhar à jovem morta, saiu com os guerreiros, permanecendo os escolhidos postados de cada lado da entrada, empunhando pesadas lanças e tendo às costas o arco e as flechas, onde ficariam uma existência inteira. Todos se retiraram para a aldeia. E a vida retomou seu ritmo normal.

A certa altura da viagem, encapela-se o oceano. Ventos fortes passam a soprar de rijo. Grandes e intermitentes ondas elevam em suas cristas a frágil embarcação, forçando-a, em seguida, mergulhar sua proa na massa espumante e enchendo-a dela. Tendo amarrado o leme para conservar a direção certa, Japi mune-se de metade de grande cabaça e passa a esvaziar o barco. A tarefa era árdua e impro- ducente. As águas entravam em maior quantidade do que as por ele retiradas. E, cada vez mais* o mar encrespava-se. O vento zunia no mastro e no cordame impelindo o barco para a frente com incrível velocidade — os elementos concorriam, favoravelmente, para fazê-lo chegar ao seu destino o quanto antes. Ciente da impossibilidade de desaguar o saveiro, Japi atirou para um lado a cabaça e retomou seu posto na popa, segurando firmemente a cana do leme. Olhando para trás, verificou que a Cidade havia-se transformado em, apenas, uma linha comprida e quase uniforme, de cor acinzentada. E o barco seguia veloz, mais e mais açoitado pelo vento.

Na Fazenda Caridade, agrupados no alpendre, conversavam padres Felipe e Pedro com o Alferes, que mantinha sentada em um dos joelhos sua filha Mariazinha.

— É deveras muito interessante que o Senhor tudo tenha sabido antes de nós. Há algo nisto tudo que não consigo entender! — confia irmão Pedro.

— Sim, padre, eu sempre estive a par dos acontecimentos — respondeu o Alferes, acariciando os cabelos da filha.

— Como, sabendo de tudo, o senhor não tomou nenhuma providência para alertar, pelo menos, o Japi? — E, sorrindo — Não tome minhas palavras como uma reclamação. Apenas, quero entender.

— Pois entenderás. Tão logo começou a invasão pelos holandeses, tive a grata satisfação de receber a visita de uma entidade muito evoluída na esfera espiritual. Fê-la, por intermédio de Mariazinha, à qual se i^pproprou. Era uma veneranda senhora que, em passado muito remoto, havia sido mãe de Tabira e Japi. Provou-me ela que o tempo e as encarnações sucessivas não apagam da mente de uma verdadeira mãe, a lembrança, o carinho de seus filhos queridos. Relatou-me, ainda, a luta que vem sustentando para mostrar a estes dois a importância da vida sem erro, para que um dia possam estar, mais uma vez, juntos. Acrescentou, entretanto, que ainda não seria agora, de vez que, sendo rebeldes, muito teriam que sofrer. Deu-me a entender, sem contudo desvendar o futuro, que ela própria reencarnaria novamente, pelo menos para deixar gravada em um deles, sua lembrança, e a certeza de que podiam contar com sua ajuda. Que seria bastante penoso para ela retomar o corpo físico, mas que o faria, de bom grado, para encaminhar os dois filhos com seu exemplo, pois que escolheria uma vida cheia de sofrimentos, miserável mesmo.

— Mas, sendo ela tão evoluída, como dizes, não poderia dar uma ajuda mais substancial, mais concreta?

— Não, padre. Não é que não possa, mas, sim, por não dever fazê-lo. Assim, eles seriam, apenas, marionetes, sem movimentos ou ações particulares. Eles têm que aprender por si, para que consigam o mérito necessário à completa redenção de seus erros. Mas, mesmo assim, ajuda intuindo-os, aparecendo em sonhos, em suma, mostrando o roteiro a ser seguido.

— E algo assombroso, a reencamação — comentou padre Felipe.

— Não digo assombroso, padre, pois já não me assombro com nada. Acho-a, sim, maravilhosamente justa, sob todos os aspectos. A reencamação nivela todos os povos. Não existem ricos, pobres, brancos, pretos, vermelhos, que a ela escapem. Assim, um branco poderoso de hoje, cheio de preconceitos, pode muito bem ter sido um negro em vida anterior. Ou o será em outra vida. A reencamação é uma necessidade, caros padres. Sem ela, o mundo inteiro seria uma escola de injustiças, pois que o rico sempre o seria, o pobre, também, o negro, negro, e assim sucessivamente. Mas, não. Toda a moeda tem seu reverso. O rico de hoje, o poderoso, pode vir pobre amanhã. Podemos ilustrar a reencamação (refiro-me a seus efeitos) a dois livros — em um, o escriba divino anota as boas ações de cada pessoa. No outro, as más. Digamos que no livro das más, haja maior incidência de notas. No fim da vida, após um estágio na espiritualidade, onde pode sofrer muito, o ser é chamado a reencamar. O livro lhe é mostrado, ele toma conhecimento de tudo de mau que praticou e regressa ao corpo físico com a intenção de se recuperar. Então (digamos que este queira mesmo recuperar-se), começa pagando seus erros, sofrendo tudo aquilo que fez seu semelhante passar na vida anterior. Paulatinamente, o escriba vai apagando, de acordo com as dívidas saldadas, as anotações do livro. E, ao mesmo tempo, acrescenta as boas ações no outro. Sim, porque passar uma vida sem erros não é fácil -dizer que mereça a pessoa a vida eterna, uma vez que ela vem para servir não a si própria somente, mas a toda a coletividade. Ela tem que ajudar seu próximo. Digamos que assim o tenha feito. Então, enquanto crescem as anotações no livro das boas ações, as más vão sendo apagadas. Quando nada restar, nem sequer uma mancha do tamanho de um ponto feito com uma pena de escrever, ela terá vencido, só então recebendo o prêmio justo, merecido. Tudo é catalogado, padre. Uma má ação, por mínima que seja, obriga o espírito, a nova prova. Ele terá que voltar ao corpo físico, nem que seja por segundos, para pagar tudo, tudo mesmo.

— A justiça de Deus é infalível! — exclamou padre Pedro.

— Infalível, padre. Pedro! E quando os homens compreenderem isto, terão acabado as misérias do mundo.

— O senhor é, deveras, um entendido na religião dos espíritos... — disse padre Felipe. O Alferes sorri, beijando a testa da filhinha, que o olha sorridente.

— Não, padre, nem tanto. Conheço os rudimentos. Nunca haverá no mundo um encarnado que se ufane de entender tudo sobre as leis espirituais. Por mais eruditos que sejam os espíritos que ditam as normas das leis de Deus, sempre haverá algo para se aprender. Quase sempre, o que para muitos que se dizem esclarecidos, é errado, contrariando a todas as regras da sociedade humana, é certo para Deus, normal para os espíritos. Cada qual tem que compreender isto, pois acusar baseado em códigos terrenos é ir de encontro, às vezes, às leis divinas.

— Então, também as normas renovam-se?

—< Não, não. As normas, no que se refere ao princípio fundamental, não. O princípio o é sempre. Mas há que considerar que um espírito encarnado tem, às vezes, que contrariar certas leis terrenas. Então, os “entendidos” o condenam, imediatamente, fundamentando-se em certas leis morais da religião e da sociedade. O que acontece? Está errado, pois certas ocorrências escandalosas que ferem os cânones de toda uma sociedade, às vezes estão sendo dirigidas por mentores espirituais, com alguma finalidade. Se em lugar de acusar, seguindo as aparências, esperassem ou nada comentassem, escapariam, no fim, de cair em ridículo.

— A melhor política, creio, é não acusar mesmo! — exclama padre Pedro.

— A melhor e a verdadeira.

— Ah! como nos liberta esta religião. Como é bom conhecê-la e assim melhorarmos nossas próprias obras, entrevendo a verdadeira vida, sem meão dos hipotéticos inferno e purgatório, ou do senhor Diabo. Fosse eu mais moço, Alferes, e me consagraria, inteiramente,

à divulgação desta religião.

— Farás isto, 'padrinho — disse Mariazinha. — Sem precisares deixar a batina e sem que a idade importe.

— Sim, meu anjo, o padrinho aqui fará tudo para apagar da mente dos nossos irmãos, o medo desse terrível Deus criado pela nossa igreja, substituindo tal sentimento pelo amor ao Pai amantíssimo, ao Pastor atento, que não deixa que se perca uma só de suas ovelhas.

— Sim, padre, confio em que farás tal. Mas, há que ter cuidado. O Santo Ofício aí está na pessoa do Bispo — comentou o Alferes.

— Ah! — observa padre Felipe — não creio tenha ele, agora, tempo necessário para cuidar deste mister. Além disso, não tem ou terá nunca campo propício, nesta terra do Cruzeiro, para tão nefanda missão.

— Sim, certo. Mas, ser prudente não é⁴ ser covarde. Precisamos tê-los vivos e atuantes, semeando, pouco a pouco, os corações de nossos irmãos com a verdadeira fé. Os nossos amigos espirituais não têm pressa — disse o Alferes.

— Dedicarei todo o resto da minha vida a esta causa. Tentarei anular o medo impingido pelos grandes de nossa igreja.

— Ajudar-te-ei, sempre — oferece-se padre Felipe.

— E Deus ajudará a ambos — redarguiu o Alferes. — Pois o campo é grande e os trabalhadores são poucos. Dia virá, porém, em que inúmeros serão chamados a servir. Serão ricos, pobres, negros, brancos, não se olharão condições sociais. Espíritos esdreverão mensagens edificantes, curarão enfermos. Os obreiros aumentarão de um para um milhão e espalhar-se-ão por todo o mundo. Cairão os dogmas das outras religiões, porque a verdadeira é uma só. É a liberdade em forma de religião. O homem será livre, pois que só conhecendo a causa, terá meio para lutar e vencer. Terá o horizonte aberto diante de seus olhos e verá claro. O mundo será um paraíso. O trabalho apresentar-se-á ingente, doloroso, mas, finalmente, alcançaremos a vitória final.

— Amém! — exclamou padre Pedro.

— Amém — repetiu irmão Felipe. E, em seus rostos, marcados pela idade, estampou-se a felicidade, aliada a um brilho de juventude em seus olhos (fanais, espelhando-lhes as almas eternamente jovens). Para o espírito, não há envelhecimento.

XVIII O retorno às origens

Japi lutava, com todas as energias, para conservar a minúscula embarcação no rumo certo. As ondas cada vez maiores a atiravam de um para outro lado, como se fosse uma casca de noz. As velas espadavam batidas pelos ventos, tendo já suas extremidades rotas. As mãos do índio sangravam, feridas pelas cordas que ora esticavam, ora afrouxavam. Por vezes era atirado ao fundo da embarcação, outras recebia no corpo a pancada da cana do leme de suas mãos arrebatada. O valente moço, contudo, não se deixava vencer, embora exausto. A noite surgiu sem que amainasse a fúria dos elementos. O vento zunia, parecendo o uivo de almas penadas. O barco, entretanto, singrava velozmente, ora galgando a crista de enormes montanhas líquidas, ora mergulhando nas profundas cavidades por elas deixadas em sua passagem. A luta durou toda a noite.

Com o nascer do sol, começou a amainar a tormenta. As vagas, gradativamente, diminuíam seu tamanho, e o oceano, aos poucos, adquiriu o aspecto de um lago calmo e quieto. As esfarrapadas velas do barco arregaçavam-se sob a aragem fresca e o impeliam, mansamente, para diante. Japi, todo ferido pela luta desigual travada heroicamente, não se podendo mais sustentar, deixou-se escorrer para o fundo da embarcação, desfalecido. Vencera a batalha contra os elementos.

O leme, solto, começou a oscilar de um para outro lado, até que, de repente, como que seguro

por vigorosas mãos, tomou a posição certa. Os tocos de velas se enfunaram e o barco, como que despertando da letargia, atirou-se, suave mas firmemente, para a frente, como seguindo um rumo pré-estabelecido. Seu único tripulante vivo dormia, vencido pelo cansaço. No leme, contudo, enérgica, firme, uma figura divina dirigia a embarcação.

O sol já havia quase dado volta à terra, quando Japi começou a despertar. Abriu os olhos e fitou o céu. A princípio, estonteado, não sabia onde se encontrava. O barco oscilava calmamente; pássaros trinavam e um cheiro de mato a tudo dominava. Perplexo, levantou-se, rápido. Passou a mão pela cabeça, sem querer acreditar no que via: o barco encalhado na praia, embalava-se ao sabor de minúsculas ondas. Além da praia, a mata cerrada. Examinou, ainda incrédulo, as cercanias. Logo reconheceu aquela praia. A mente retrocedeu ao passado — viu-se saindo da mata, segurando Tabira péla mão. Imagens várias afloraram-lhe à lembrança. Lágrimas ardentes rolaram-lhe pelas faces. De repente, sorriu — havia chegado, era ali que Tabira estava.

Incontinenti, Japi salta do barco e corre pela praia em direção à mata, em cujo início parou. Arrancou os frangalhos das roupas, ficando totalmente nu. Olhou o corpo por alguns segundos, respirou forte, enchendo os pulmões do ar puro e perfumado. Sentia-se alegre — voltara a ser o selvagem de antes. Atirando a vasta cabeleira para trás e afastando os galhos, penetrou resolutamente na floresta. De quando em vez, um sorriso bailava-lhe nos lábios, antevendo a alegria de dentro em pouco abraçar a esposa adorada. Sentia-se disposto a enfrentar toda a tribo se porventura o quisessem impedir de trazer sua amada. Jamais voltaria à civilização. Viveria na selva para sua mulher e o riho. O filho! Sua fisionomia contraíu-se. Instintivamente, apressou os passos. Adiante, parou, fixando, demoradamente, a grande árvore em que se abrigara certa vez à espera da esposa. Sem saber por que, sentiu-se envolvido por infinita tristeza. Andou até à árvore e notou no solo arenoso, ao seu redor, marcas de pés. O capim rasteiro havia sido pisoteado — muita gente havia ali estado, recentemente. Virou-se, continuando a caminhada e, atravessando o carreiro aberto na mata, estacou, sem que soubesse, no mesmo lugar em que antes a esposa havia estado — seus pés pousaram sobre as pegadas da amada. Melancolia profunda invadiu-lhe a alma e, num suspiro, um nome escapou-lhe dos lábios — Tabira!...

Desvairado, correu Japi em direção à taba próxima, onde pouco depois, chegou. Procurou o portão da paliçada e, como antes fizera, nele penetrou, arrogante, orgulhoso. Crianças e mulheres que primeiro o avistaram, correram, assustados, entrando nas ocas. Imediatamente, viu-se cercado por uma onda de guerreiros que o fixavam, a princípio, surpresos para em seguida o encararem com desprezo, dando-lhe as costas. Sem dispensar-lhe mais nenhuma importância, os guerreiros voltaram a seus afazeres. Japi, tomado de um acesso de raiva, agarrou um deles pelo ombro, fazendo-o volver-se para ele.

— Onde está a esposa de Japi? — perguntou.

O interpelado mirou-o com um sorriso escarninho e, sem responder, livrou-se, com um movimento, de suas mãos, tentando voltar-lhe, novamente, as costas. Japi o segurou uma segunda vez. A fisionomia do guerreiro modificou-se — o ódio ali estava estampado; seus olhos luziam. Afastando, bruscamente, a mão de Japi de seu ombro, o guerreiro invectivou-o, com menosprezo:

— Afasta-te, guerreiro! Some desta taba, envereda pela floresta e pede a Tupã que te retire da vida. Só Ele poderá fazer isto. Embora vontade tenha de destroçar-te, vejo-me, assim como meus irmãos, impossibilitado de o fazer. Preferimos ignorá-lo, guerreiro.

Japi a tudo escutou estupefato. Nada entendia. O guerreiro deixou-o e afastou-se, dando-lhe as costas. Furioso, dirigiu-se, então, a uma choça. Todos lhe saíram da frente. A uma mulher que passava, ele tentou falar, mas esta desviou-se correndo. Ninguém queria conversar com ele. Limitavam-se a olhá-lo, de longe, com um misto de desprezo e ódio. E nada lhe faziam. Colérico, Japi os ofendeu — chamou-lhes de mulheres velhas, distribuiu

socos e ponta-pés a torto e a direito, sem conseguir chamar à luta nenhum dos habitantes da taba. Destroçou ocas, alucinado, gritando o nome da esposa. Todos lhe deixavam fazer o que bem quisesse. Por fim, no auge da fúria, arrebatou de um deles o arco e as flechas disposto a exterminar toda a tribo. Já apontava para um grupo, que indiferente o olhava, quando uma poderosa voz se fez ouvir:

— Detem-te, guerreiro!

Ó jovem virou-se, rápido, e viu, caminhando para ele, grotescamente pintado, o feiticeiro.

— Igaraci! — exclamou, arrebatado. — Por que estes covardes não aceitam lutar comigo? E onde está Tabira, a esposa de Japi?

Calmo, mas inflexível, Igaraci parou, encarando o transtornado jovem e falou:

— Dispara teu arco, Japi, e terás conseguido mais um inimigo na outra vida. Abaixa a arma, moço, e que teu braço não fira de morte a nenhum dos irmãos de tua mulher.

— Onde está ela? — gritou Japi, atirando aos pés do feiticeiro o arco com as flexas.

— Agora, que não a podes encontrar, a procuras?

— Por que a escondeu? — torna a gritar Japi, cada vez sentindo crescer no peito a angústia. — Onde está ela? Dize ou destruirei toda esta taba. Que querem de mim? Por que me olham? Querem que eu lute por ela? Pois lutarei com todos. Nenhum baterá Japi. Dize, feiticeiro, onde está minha esposa?

Meneando a cabeça, Igaraci responde:

— Não a encontrarás, Japi. Terás que sofrer muito antes. Tua esposa, guerreiro, abandonada que foi por ti, buscou a taba de seus irmãos. Ela não está escondida, e é bem possível, esteja a teu lado, já que te amou tanto.

A estas palavras, Japi tomou-se lívido — vislumbrava a realidade terrível. Deu à frente um passo trôpego e, com voz trêmula, suplicou:

— Dize, feiticeiro, dize o que aconteceu. Dize que não foi o que Japi está pensando.

— Ela morreu, Japi. Seu corpo repousa em uma caverna que demorarás em achar. Não terás sossego enquanto não puderes devolver à tua esposa o colar que lhe deste no dia em que a possuiu e que se encontra com ela na mesma caverna. Viverás algum tempo preso pelos maiores sofrimentos, que se prolongarão por outras vidas, até que possas devolver à esposa o colar, pois não soubeste cumprir as vontades de Umbu. Serás perseguido por todos os guerreiros que levaste à morte na guerra que provocaste. Foste um insensato, guerreiro.

Como a árvore que tomba fendida pelo raio, Japi caiu ao solo. Seus punhos esmurravam o chão sob o qual rolava, e a mata inteira silenciou ao ouvir seus gritos de dor.

— Andarás errante pelas matas, pois que não terás um só amigo que te queira consolar. Pede perdão à tua esposa, Japi. Agora vai, e que Tupã compadeça-te de ti — sentenciou Igaraci, com voz grave.

Como um bêbado, trôpego, louco de dor, arrancando os cabelos, o antes altivo guerreiro, vergado quase ao meio, sob o peso da consciência e da dor, deixou a taba, penetrando fundo no coração da floresta, que começava a cobrir-se com o manto negro da noite. Fisionomia transtornada, lábios torcidos, rosto banhado pelas abundantes lágrimas, cabelos desgrenhados, tomavam o índio uma criatura horrenda, digna de assustar o próprio caçador, o deus maligno das matas. De tropeço em tropeço, ferindo-se nos espinhos e pontas aguçadas dos galhos, seu corpo foi-se cobrindo de sangue, até transformar-se numa só e enorme chaga. A dor o cegara, momentaneamente.

A noite estendeu, finalmente, seu manto escuro. Cansado, abatido, cai ao chão o guerreiro antes viril e presunçoso. Não é mais, sequer, um arremedo do que fora. Seus dedos crispados, aferram-se ao chão. Seu corpo todo estremece e, entre soluços, deixa escapar, numa exclamação de profundo desespero, que vai perder-se ao longe, pela mataria silenciosa, um nome — Tabira!... Tabira!... A dor jnoral, a dor na alma sobrepujava a dor física — ele tinha o corpo anestesiado, não sentia, rolando pelo chão áspero e cortando-se nos seixos aguçados,

qualquer sofrimento na carne. — Tabira!... minha Tabira! — ecoava lancinante, sua voz. E toda a noite foi acalentada pelos seus urros de dor.

Amanhecera. Contudo, o sofrimento inenarrável do jovem não se fora com a noite. Louco de angústia, continuou Japi a romper a floresta. A terra aderira às feridas, contribuindo para tomá-lo ainda mais grotesco, mais horrendo. As criaturas da mata que com ele se deparavam, fugiam espavoridas. Nada mais restava do culto e orgulhoso Japi. Os olhos desmesuradamente abertos, boca arquejante, braços abandonados e andar vacilante, mais parecia um homem fera da idade da pedra. Por duas vezes a noite escureceu a mata, por duas vezes o dia a clareou, encontrando sempre o arremedo do guerreiro errante, andando sem parar. As alucinações tiveram seu início — por trás das árvores, via ele guerreiros que lhe olhavam odiosos; outros atiravam-lhe flechas que não o atingiam, mas o enchiam de pavor e Iaçanã surgiu-lhe, gargalhando, a bradar:

— Eu te avisei, Japi. Avisei que te venceria, pouco a pouco. Eu te avisei...

Timbu apresentou-se, gritando, ameaçador:

— Esqueceste a minha recomendação. Fizeste sofrer a filha de Timbu. O maior sofrimento será pouco para ti, insensato.

Japi cobria o rosto, mas continuava vendo, diante de si, os ameaçadores espíritos. Por cinco dias e cinco noites andou ele errando pelos caminhos da mata — apdava todo tempo fazendo círculos, retomando, sempre, ao mesmo lugar. Emagrecera. O corpo todo era uma chaga sanguinolenta, que se agitava febril. Por fim, como que guiado por mão invisível, atingiu uma praia. Parecia, ainda, que levado por essa mesma mão, seus passos tomaram o rumo do mar e ali lavou o corpo, abandonando-se, em seguida, pesadamente, na areia macia. Sono agitado o dominou — voltara a ver os inimigos que o assediaram, destacando-se a figura de Iaçanã a declarar:

— Jamais te livrarás de nós, Japi. Seguir-te-emos por todas as tuas vidas, até que, arrependido, recebas Iaçanã como filho. Sofrerás, enquanto isto, Japi. Sofrerás.

E, Umbu, invectivando-o, ameaçadoramente:

— Até que devolvas o colar à tua esposa, nós te seguiremos e assediaremos. Não terás paz enquanto isto, guerreiro. — E a onda de guerreiros, apavorantes, atirou-se sobre ele como animais. E ele gritava, alucinado, procurando fugir às mãos enormes que se aproximavam. E quando estava para ser alcançado, chorando, clamou, sincero — Tábira! — Tabira!...

Como por encanto, os temíveis guerreiros afastaram-se. E, linda, encantadora, Tabira apresentou-se-lhe. Com ela, um venerando senhor de barbas alvas como a neve. Do ancião, parecia partir um feixe de luz que mantinha à distância os furiosos guerreiros.

— Tabira! — gritou o jovem, entre soluços. — Perdoa, Tabira, perdoa.

Sorridente, a jovem inclinou-se para ele, tomou-lhe entre as mãos a cabeça e beijando-lhe a testa fala, carinhosamente:

— Há muito estás perdoado, meu pobre Japi. Tua Tabira ama-te.

— Não me deixes, Tabira, não me deixes.

O velho acerca-se deles e pondo a mão no ombro da índia, convida, temamente:

— Vamos, filha, vamos.

— Senhor, deixa-me ficar mais. Eu o amo e ele sofre...

— Ficarás, filha, ficarás — *um dia*.

E Tabira afasta-se com o ancião. Japi desperta, gritando, alucinado, o nome da esposa. Suas feridas, entranhadas de sal, batidas pelo sol, ardem como fogo. Vacilante, levanta-se e põe-se a andar.

Na espiritualidade, Tabira conversa com o ancião.

— Senhor, tem pena do meu Japi. Eu já o perdoei. Faze-o parar de sofrer.

— Minha filha, não só para contigo contraiu ele dívidas. Terá, portanto, que saldá-las todas, antes que deixe de sofrer. E, em parte, tal sofrimento é crédito para ele. Lembra-te

que já uma vez intercedeste por ele. Comoveu-nos tanto que adiamos a pena dele. Desta vez, filha, ele terá que ir para a cidade espiritual de seu merecimento. Mas, não sofras. Considera que tudo isto é um remédio para ele. Enquanto for rebelde, sofrerá. Até que, depurado, o seu espírito possa transferir-se para o reduto em que estás. Aconselho-te a ter paciência, minha filha.

— Senhor, eu o tirarei de lá. Eu o atrairei, pois o amo. Eu conseguirei, senhor.

O velho abanou a cabeça, fazendo sacudir a barba branca, concluindo:

— Faze como queiras, filha..como queiras.

Desvairado. Japi chega, finalmente, à caverna onde permanecem os restos da amada. Vê os dois sentinelas armados de arco e flecha às costas, empunhando enormes chuços emplumados. Magro, quase esquelético, feridento, encaminha-se ele resoluto em direção aos guardas, que cruzam as lanças impedindo sua passagem. Ele tenta afastá-los, mas é, brutalmente, empurrado, caindo de costas na areia. Levanta-se, tomando a investir. Desta vez, batem-lhe com a extremidade da lança no lado da cabeça, atirando-o de encontro às paredes do barranco. O sangue jorrà da brecha aberta junto à orelha. Mas ele não se dá por vencido. Volta à carga, tomando a ser espancado pelos guardiães, que, por fim, temendo matá-lo, o levam para longe, deixando-o desfalecido. Quando volta a si, nuvens de moscas e insetos vários cobrem suas chagas. Chora soluçando, o farrapo do antes altivo guerreiro. Louco, descrente de tudo, volta à caverna. Já a tarde descamba. Ele pára, distante, com o olhar lânguido, marejado de lágrimas.

— Adeus, Tabira. Japi sempre te amou. Adeus!

E o moço como que recobrando parte de suas forças, lança-se pela mata adentro, até uma clareira, ao lado de enorme cachoeira que deságua em uma bacia, formando um lago, cujas águas, transformando-se em rio, correm para o interior da floresta. Ali, arranca um cipó, experimenta sua fortaleza e, passando-o pelo pescoço, amarra-o, fortemente. Escolhe, em seguida, um galho em uma árvore, para a qual se dirige e vai iniciar a subida.

— Por Deus, senhor, não consintas que ele dê cabo à vida — implora Tabira, ajoelhando-se ante o ancião e segurando-lhe as vestes. — Por Deus! Eu .o perderia para sempre. Ajuda-o, não consintas que ele consuma tão horrendo ato.

— Que posso fazer, filha?

— Podes, sim, podes. Que seria de mim sem ele? Não posso perdê-lo, assim. Ajuda-o, por Deus!

O ancião olhou enternecido para a jovem que sofria e considerou:

— Muito bem, mais uma vez teu amor venceu e o salvou. Vai filha, salva-o e traze-o contigo.

Japi, no alto da árvore, amarrava ao galho o cipó, cuja outra extremidade envolvia seu pescoço. Já ia atirar-se no vazio, quando, olhando casualmente para o alto da cachoeira viu, horrorizado, prestes a despencar nas pedras ponteagudas em baixo, a esposa que o chamava, pedindo ajuda!

— Socorro, Japi! — Socorro!

Sem perder um instante, e esquecido de tudo, Japi arranca do pescoço o cipó, salta da árvore e corre alucinado, iniciando a subida pela encosta do morro do qual despenca a cachoeira. As pedras molhadas e cobertas de limo, fazem-no escorregar sempre. Mas, ao corpo alquebrado, parece ter-lhe voltado todo o vigor. Esquecera-se de tudo — apenas via em sua frente a esposa prestes a cair nas pedras. Por fim, atinge o local em que a jovem agarra-se para não cair. Apoiá um pé em uma saliência, estende-se em toda sua altura e levanta com as mãos o corpo da jovem que, assim, ajudada, salta para terra firme.

— Tabira, meu amor! — exclama ele, chorando de alegria. — Descuida-se, então, por momentos e, perdendo o equilíbrio cai nas profundezas do abismo. Apenas seu corpo estatela-se nas pedras, pois que o espírito fora-lhe tirado antes, e mergulhado em sono

reparador. Tabira ajoelha-se ante o esposo, que voltara a ter o corpo de jovem e forte guerreiro. Chora, alegre, a jovem índia.

— Obrigada, senhor! Obrigada. — E abraça-se ao guerreiro que dorme, sossegado, sem nenhuma marca dos ferimentos.

•— Salvaste-o, filha. Mas, ele deve ir, agora, para sua cidade. Isto não podes evitar. Só o tempo, filha, e o merecimento.

— Acorda-o, senhor. Acorda-o.

— Por que, filha? Não achas melhor deixá-lo ser desperto já no local para onde vai?

— Por favor, preciso dizer-lhe algo. Por favor.

— Seja. Desperta-o.

— Japi... Japi querido, acorda — chama a jovem.

O guerreiro abre os olhos. Olha a seu redor, espantado. Apalpa o corpo. E, vendo a esposa, abraça-se com ela, tomado por um choro convulsivo.

— Tabira! Tabira! — E aperta a jovem de encontro ao peito, sob o olhar compreensivo do ancião. Abraçaram-se, chorando.

— Tabira! Oh, minha Tabira! Como tenho sofrido, querida, procurando-a por toda a parte. Igaraci disse-me que havias morrido. Miserável! — exclama, contraindo a fisionomia.

— Não morri, querido, pois a morte não existe. Apenas separei-me do corpo. E tu, também, Japi.

— Como? — perguntou o jovem, incrédulo, olhando e apalpando todo o corpo. Tabira sorriu.

— Assim é, meu adorado. Ambos deixamos o corpo físico e viveremos, agora, a verdadeira vida.

O jovem sorri e começa a acariciar o rosto da esposa.

— Pouco importa o que tenha acontecido, querida, se estamos juntos, novamente. E, desta vez, nunca nos separaremos. Eu te amo, Tabira, mais que a própria vida. Nunca mais te deixarei.

Desta vez, é o semblante da jovem que se cobre com uma máscara de tristeza. Notando, inquieta-se o jovem, indagando:

— O que há, querida? Por que a súbita tristeza?

O ancião que a tudo assistia, aproxima-se, observando, gravemente:

— Fizeste tua esposa sofrer, filho. Por culpa tua, muitos irmãos nossos estão impossibilitados de voltarem à vida física, pois têm as mentes carregadas de ódio. Não poderás ficar com ela, enquanto não fizeres um estágio no reduto espiritual que escolheste com teus atos. Estás, também, preso à maldição de Timbu e Iaçanã. Vais sofrer filho, a separação de tua alma gêmea até que tenham compreendido o mal que causaste não só a ela como a todos quanto pereceram na guerra que provocaste. Por sua vez, ela também sofrerá por ter interrompido o curso natural de uma encarnação, obrigando um irmão nosso que estava ansioso por regressar à vida, e que o faria como seu filho, a retardar tal evento. Naturalmente ela tem seus atenuantes. Mas a lei é infalível. Sofrerá a ausência do marido que adora.

Japi fixava a figura austera do ancião, como que fascinado, não querendo acreditar no que ouvia, uma vez que não concebia maior sofrimento do que o já suportado. Lividez marmórea inundou-lhe a face. Seus braços buscaram a esposa, tentando apertar-lhe de encontro ao peito e enlaçaram o vazio. — O velho havia se afastado alguns passos com Tabira, que chorava, estendendo as mãos em direção ao amado. Japi tentou ir-lhe ao enalço, mas algo o tolhia ao solo.

— Tabira!... — gritou.

— Japi... confia em mim, querido. Buscar-te-ei onde estiveres. Confia, querido. — E o jovem contemplava a amada a afastar-se, pouco a pouco, com o ancião, desaparecendo na distância.

Desolado, Japi começou a andar pela praia deserta. Chegou à caverna, onde entrou sem dificuldade. O corpo da sua adorada lá se encontrava, no estrado, coberto com as penas alvas. Chorou, amargamente, abraçando-se ao cadáver. A um canto, o pequeno cesto com o colar, desafiava-lhe a paciência. Não suportou mais — saiu. Aos seus ouvidos ressoavam as vozes de Iaçanã e Timbu, sem contudo causar-lhe desespero — ele se conformava com a situação e a aceitava.

Sentou-se em uma pedra e permaneceu a fixar o sol que descia no horizonte. Percebeu, então, que não estava só — ladeando-o, distinguiu um homem encapuçado.

— Que queres? — perguntou.

— Venho buscar-te. Acompanha-me.

— Para onde?

— Para a cidade espiritual, cuja cidadania ganhaste com tuas obras. Acompanha-me, jovem. — E sem nada mais acrescentar, começou a andar. Docilmente, Japi o seguiu.

Era um crepúsculo. A natureza ensombrou-se, melancólica. O sol, no horizonte longínquo, estertorava, agônico. No portal da noite, a cavatina do Ângelus fazia-se ouvir, entoada por mil vozes siderais

_____ Salve, Maria! Mãe Imaculada dos pobres pecadores. Esperança dos deserdados, consoladora perene dos aflitos e desiludidos. Amparai, Maria, os que perlustram os caminhos da dor, com vistas à redenção eterna. Salve, Maria!